



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

NEIDE MUNHOZ ALBANO

**A ESSÊNCIA DOS AROMAS E O AROMA DAS ESSÊNCIAS:
POR UM PROTÓTIPO DE GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO
DA AROMATERAPIA**

Londrina
2010

NEIDE MUNHOZ ALBANO

**A ESSÊNCIA DOS AROMAS E O AROMA DAS ESSÊNCIAS:
POR UM PROTÓTIPO DE GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO
DA AROMATERAPIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Londrina, para obtenção do Título de
Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos

Londrina
2010

NEIDE MUNHOZ ALBANO

**A ESSÊNCIA DOS AROMAS E O AROMA DAS ESSÊNCIAS:
POR UM PROTÓTIPO DE GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO
DA AROMATERAPIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Londrina, para obtenção do Título de
Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos
UEL-Londrina - PR

Prof^ª. Dr^ª Ieda Maria Alves
UEL - Londrina - PR

Prof^ª Dr^ª Vitória Regina Spanghero Ferreira
UEL – Londrina - PR

Prof^ª Dr^ª Ester Gomes de Oliveira
UEL – Londrina - PR

Prof^ª Dr^ª Joyce Elaine de Almeida Baronas
UEL – Londrina - PR

Londrina, _____ de _____ de _____.

COM ADMIRAÇÃO

Ao meu orientador Professor Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos, pela leitura pertinente, pelas sugestões, pelas correções e pela presença amiga e incentivadora.

EM ESPECIAL,

À Ingrid, razão maior da minha existência e luta,
pelo amor e força constantes nos momentos
decisivos.

AGRADECIMENTOS (PARTE I)

*Todas as coisas do mundo
não cabem numa idéia.
Mas tudo cabe numa palavra,
nesta palavra, tudo.*

Arnaldo Antunes (2006, p. 25).

Gracias a la vida que me ha dado tanto! (Violeta Parra).

- (i) À Mão invisível que me guia, em tudo que faço!

- (ii) “Agradece a Deus, agradece a teus pais, agradece à família, agradece a teus irmãos, agradece a todas as coisas do Universo... Quando agradeceres a tudo e todas as coisas, coisa alguma do Universo poderá causar-te dano.” (Sutra Sagrada - Seicho-no-ie).

AGRADECIMENTOS (PARTE II)

Deus, por ter me preservado a vida e permitido que eu chegasse ao final da pesquisa e do trabalho;

Ao meu orientador professor Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos, que acreditou em mim, estimulando-me sempre no intuito de extrair o melhor do meu trabalho. Por suas pesquisas e conhecimentos indiscutíveis, no que tange à Linguística de linha dura, terreno árido e nem sempre reconhecido, mas que ele conhece como ninguém.

Às professoras Dra. Aparecida Negri Isquerdo, Dra. Ieda Maria Alves e Dra. Adja Barbieri Durão pela leitura paciente e atenta, pelas críticas sugestivas, e pelo novo direcionamento da tese, no exame de Qualificação.

À Profa. Dra. Esther Gomes de Oliveira, pelo seu conselho sábio, logo no início do Processo de Seleção ao Curso de Doutorado, mudando (felizmente) significativamente o rumo do percurso que iria trilhar nos próximos 5 (cinco) anos. Meu carinho e gratidão incomensuráveis pelas longas conversas cheias de paciência e bondade.

À minha mãe, sem cuja presença seria impossível a escritura desta Tese, tão paciente, tão meiga, que acreditou em mim desde sempre, levantando minha auto-estima e coragem para prosseguir.

Ao meu pai, que há muito habita o mundo espiritual, que me aconselhou, me orientou, me estimulou e me deu ferramentas (livros, muitos livros) para que eu pudesse ser a pessoa que sou: entusiasta e cheia de fé no conhecimento, na educação, no trabalho e nas produções de muitos que vieram antes de nós, abrindo-nos caminho a duras penas;

Aos meus irmãos, pelas presenças sempre ausentes;

Aos meus colegas do Colégio Nilo Peçanha, em especial às diretoras Albina e Rosilda, confidentes, amigas, com ouvidos atentos, palavras de conforto e aqueles lanchinhos maravilhosos saboreados com alegria entre conversas positivas.

À minha filhinha Ingrid, tão distante, mas tão presente, que me acolheu com amor e carinho, num *break* de 40 dias, em Washington DC, levando-me para visitar tantos lugares maravilhosos, dentre eles, o Jardim Botânico de Washington DC, onde vi de perto plantas, flores, e óleos essenciais nunca antes imaginados, além de poder perceber o respeito que alguns povos *ainda* dedicam à flora;

Ao meu irmão Bento, tecelão de mão cheia, dedo verde para semear ervas e flores, pelas louças lavadas, a calçada varrida, o café preparado todas as manhãs, e as sugestões e as visões de Cientista Político tão injustamente anônimas;

À professora Dra. Ana Odete Vieira, do Herbário da UEL, pela biblioteca disponibilizada e pela leitura de meu glossário;

À Liana, esposa de meu orientador, pelo carinho, doçura e coragem que me deu, quando, já perto do final do trabalho, senti-me muito só e des(estimulada);

À professora Dra. Margarita Correia, da Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa) pela amizade, boa-vontade e disponibilidade durante o processo da Bolsa Sanduíche (que não aconteceu);

Ao amigo Odair, colega e conselheiro, pelas sugestões, ajuda, incentivo naqueles momentos de extrema solidão que, somente quem trilhou a mesma estrada conhece e sabe de cor todos os percalços;

À minha querida amiga Profa. Ms. Leonilde Favoretto de Mello (Léo), por tantos momentos de força, coragem, boas palavras, e por acreditar no meu trabalho.

A todos aqueles que, no decorrer deste curso, confortaram-me com uma palavra amiga e estiveram por perto com apoio incondicional.

Meu muito obrigada!

Namastê!

ALBANO, Neide Munhoz. **A essência dos aromas e o aroma das essências**: por um protótipo de glossário terminológico da aromaterapia. 2010. 199 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

O suporte teórico deste trabalho tem como base a compreensão de novas possibilidades da Terminologia, a partir das perspectivas propostas por Cabré (1999), delineando-a como campo interdisciplinar em que os termos, até então assim denominados, nada mais seriam que itens lexicais ativados em contextos específicos pela língua posta em funcionamento, a Teoria Comunicativa da Terminologia, ou simplesmente a TCT. Desta forma, a possibilidade da variação terminológica, plenamente aceita pela TCT, distanciando-se dos estudos teóricos tradicionais que propunham a descrição e análise do léxico de uma dada ciência ou técnica, sistematizando-o a fim de extinguir qualquer possibilidade de ambigüidade nas linguagens técnicas, tornou possível a descrição e a análise dos usos dos termos variantes no contexto especializado da Aromaterapia. O objetivo principal desta pesquisa configura-se na compilação, descrição, análise e elaboração de um protótipo de glossário terminológico, o GLOTEAR (Glossário Terminológico da Aromaterapia). A pesquisa resultou no registro de 245 (duzentos e quarenta e cinco) termos relacionados ao campo conceptual da Aromaterapia: óleos essenciais, óleos vegetais carreadores e técnicas de extração. A análise dos termos variantes privilegiou os neologismos semânticos (tratados como casos de terminologização e metaterminologização), os neologismos alogenéticos (estrangeirismos e decalques), as variantes formais, informais e ortográficas. O trabalho demonstrou que a variação terminológica no âmbito abordado contribui substancialmente para o enriquecimento do léxico geral da língua portuguesa.

Palavras-chave: Glossário terminológico da aromaterapia. Terminologia. Aromaterapia. Teoria comunicativa da terminologia. Neologismos. Terminologização.

ALBANO, Neide Munhoz. **The essence of aromas and the aroma of essences: a terminological glossary prototype of Aromatherapy**. 2010. 199 f. Thesis (Pos-Graduation in Language Studies) – Londrina State University, Londrina, 2010.

ABSTRACT

The Communicative Theory of Terminology with its new possibilities proposed by Cabré since 1999, as an interdisciplinary field when terms started to be seen as lexical items activated in specific contents by a certain language, is the main foundation for this research. Therefore, the possibility of terminological variation, fully accepted by TCT, leaving behind the traditional theorists and their beliefs on the description and analysis of the lexicon of a given science or a technical field, as well as the systematisation of terms, in order to extinguish the possibilities of ambiguity within technical languages, brought the possibility of description and analysis of the variation in the Aromatherapy area. This way, the main objective of this research is to develop a word list, store them and create a glossary, the so called Aromatherapy Terminological Glossary. The research made possible to register 245 terms related to the Aromatherapy field: essential oils, carrier vegetable oils and oil extraction techniques. Special attention was given to semantic neologisms (terminologisation and metaterminologisation), alogenetic neologisms (foreign words), formal and informal variation, and also orthographic variation. The research has shown that the variation in the Aromatherapy area has contributed to enrichen the Portuguese Language Lexicon.

Keywords: Aromatherapy terminological glossary. Terminology. Communicative theory of terminology. Aromatherapy. Neologisms. Terminologisation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – The sense of smell (O sentido do olfato)	27
Figura 2 – Glândulas de óleos essenciais numa folha de <i>Eucalyptus</i>	38
Figura 3 – Método de destilação a vapor.....	43
Figura 4 – Óleo essencial pós-destilação.....	44
Figura 5 – Método de extração de óleos por <i>enfleurage</i>	46
Figura 6 – Variação Terminológica na Língua.....	69
Figura 7 – Árvore Conceptual (Árvore de Domínio) da Aromaterapia	78
Figura 8 – Classificação das fontes dos textos que compõem os <i>corpora</i>	84
Figura 9 – Estrutura da proposta do Glossário da Aromaterapia	120

LISTA DE ABREVIATURAS

CAM	Complementary and Alternative Medicine
ICM	Idealised Cognitive Models
GLOTEAR	Glossário Terminológico da Aromaterapia
OE	Óleo Essencial
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	Teoria Geral da Terminologia
TST	Teoria Sociocognitiva da Terminologia
USE	Unidades de Significação Especializada
UT	Unidade Terminológica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A AROMATERAPIA	26
2.1 O QUE SE ENTENDE POR AROMATERAPIA	26
2.2 O SENTIDO DO OLFATO.....	27
2.3 RENÉ MAURICE GATEFOSSÉ – O PRECURSOR DA AROMATERAPIA	29
2.4 AS NOTAS OLFATIVAS DOS ÓLEOS ESSENCIAIS.....	29
2.5 A COMPOSIÇÃO QUÍMICA DOS ÓLEOS ESSENCIAIS	31
2.6 OS PRIMEIROS BOTÂNICOS	32
2.7 PLANTAS, SEUS PRIMEIROS DESCRITORES E CURAS	34
2.8 OS ÓLEOS ESSENCIAIS	38
2.9 A EXTRAÇÃO DOS ÓLEOS ESSENCIAIS	41
2.10 MÉTODOS EMPREGADOS NA EXTRAÇÃO	43
2.10.1 Destilação a Vapor	43
2.10.2 Extração por Fluido Supercrítico ou por CO ₂ (Dióxido de Carbono)	45
2.10.3 Extração com Solventes Voláteis	45
2.10.4 Prensagem.....	46
2.10.5 <i>Enfleurage</i> , <i>effeurage</i> ou enfloragem	46
2.11 ÓLEOS VEGETAIS CARREADORES	47
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	49
3.1 WÜSTER E A TGT	50
3.2 A TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA (TCT).....	52
3.3 A SOCIOTERMINOLOGIA.....	54
3.4 TEORIA SOCIOCOGNITIVA DA TERMINOLOGIA	56
3.5 A VARIAÇÃO EM TERMINOLOGIA	60
3.6 UNIDADE TERMINOLÓGICA.....	70
4 METODOLOGIA	74

4.1 PERFIL DO USUÁRIO PROTOTÍPICO DO GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA E SUAS NECESSIDADES (PÚBLICO ALVO).....	75
4.2 A ÁRVORE DE DOMÍNIO	76
4.3 A AMPLITUDE DO GLOSSÁRIO	79
4.4 A SELEÇÃO DOS TERMOS	80
4.5 EQUIVALÊNCIAS EM OUTROS IDIOMAS	82
4.6 OS <i>CORPORA</i>	83
4.7 ASSESSORIA DE ESPECIALISTAS	88
4.8 ELABORAÇÃO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS	89
5 NO DOMÍNIO DA AROMATERAPIA: A PROBLEMÁTICA DA VARIÇÃO	91
5.1 OCORRÊNCIAS DE VARIÇÃO NO ÂMBITO DA AROMATERAPIA	91
5.1.2 A Variação Denominativa do Termo Alecrim	91
5.2 VARIANTES TERMINOLÓGICAS LINGUÍSTICAS	93
5.2.1 Os Casos de Homonímia	97
5.2.2 Criação Neológica dos Termos do Âmbito da Aromaterapia.....	101
5.2.3 Casos de Neônimos ou Neotermos por Terminologização e Metaterminologização no Âmbito da Aromaterapia.....	103
5.2.4 O neologismo Alogênético: Estrangeirismos	107
5.2.5 Variantes Socioletais	113
5.2.7 Variantes Ortográficas.....	114
6 ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA	115
6.1 ESTRUTURAÇÃO DAS OBRAS TERMINOGRÁFICAS: NOÇÕES DE MACRO E DE MICROESTRUTURA	115
6.2 NOÇÕES DE MACROESTRUTURA	116
6.3 NOÇÕES DE MICROESTRUTURA.....	117
6.4 ESTRUTURAÇÃO DO GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA.....	119
6.5 A MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO DA AROMATERAPIA	121
6.5.1 Nomenclatura	121
6.5.2 Anexo	121

6.6 A MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO DA AROMATERAPIA	122
6.6.1 Termo-Entrada.....	122
6.6.2 Os Nomes Científicos.....	122
6.6.3 Referências Gramaticais	122
6.6.4 Equivalências.....	123
6.6.5 Definições.....	123
6.6.6 Informação Enciclopédica	123
6.6.7 As Abonações.....	125
6.6.8 Formas Variantes.....	126
6.6.9 Rede de Remissivas.....	126
7 GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA COM EQUIVALENTES EM INGLÊS, FRANCÊS E ESPANHOL.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
REFERÊNCIAS	186
ANEXOS	196
ANEXO A – FONTE DOS TEXTOS QUE COMPÕE OS CORPORA	197

1 INTRODUÇÃO

Excellent herbs had our fathers of old- excellent herbs to ease their pain-
 Alexanders and Marigold, Eyebright, Orris and Elecampane,
 Basil, Rocket, Valerian, Rue, (almost singing themselves they run)
 Vervain Dittany, call-me-to you-- Cowslip Melilot, Rose of the Sun.
 Anything green that grew out of the mould was an excellent herb to our fathers of old.
 Wonderful tales had our fathers of old- wonderful tales of the herbs and the stars-
 The Sun was Lord of the Marigold, Basil and Rocket belonged to Mars.
 Pat as a sum in division it goes- (every plant had a star bespoke)--
 Who but Venus should govern the Rose? Who but Jupiter own the Oak?
 Simply and gravely the facts are told in the wonderful books of our fathers of old.
 (Kipling, from *Our Fathers of Old*)

A prática do estudo de línguas é inquestionável na atualidade, pois que cada língua oferece uma visão de mundo, as particularidades de um grupo, a multiplicidade de percepções de uma realidade; em suma, contém a memória coletiva de uma dada comunidade. Estudar uma língua implica levar em consideração os diversos fatores nela envolvidos; implica também estudar e pesquisar as diferentes línguas de especialidade.

A Terminologia, disciplina que se pauta na tarefa de observar, descrever e agilizar a comunicação entre especialistas de uma dada área possui, como consequência, a função de “contribuir de forma expoente para a cooperação entre as ciências” (BARROS, 2004, p. 60), facilitando o intercâmbio e a troca de informações entre diferentes campos do saber.

Por servir-se da linguagem, das Ciências da Comunicação, das Ciências Cognitivas, da Ciência da Informação e das especialidades particulares, a Terminologia é um campo inter e transdisciplinar que envolve a descrição e o ordenamento do conhecimento (nível cognitivo) e sua transferência (nível comunicacional), tendo como elementos centrais os conceitos e termos (ISO#704-2000).

Assim, a criação de um produto terminológico, ou seja, um glossário, dicionário ou vocabulário, referente a uma área especializada específica, apresenta-se como atividade de valor social, pelo fato de colaborar na solução de problemas de informação e de comunicação. Tal prática é, reconhecidamente, a aplicação mais evidente e reconhecida da Terminologia; não é, todavia, a única. Além do valor ímpar do fazer dicionarístico técnico-científico, há, ao mesmo tempo, a possibilidade de reflexão teórica acerca da disciplina e,

também, sobre todo o material obtido (os termos), pesquisado e formatado em glossários ou dicionários, além das reflexões sobre a língua na qual se realiza o trabalho.

Para o terminólogo, um conjunto de termos próprios de um domínio (uma terminologia) constitui um objeto de análise e de produção científica, matéria-prima para elaboração de obras terminográficas. Para os usuários, sejam eles especialistas ou não do domínio ao qual pretence o conjunto terminológico estudado, esse conjunto de termos é um elemento precioso para a comunicação em âmbito profissional.

Conforme Barros (2004, p. 26),

Para as autoridades de um país ou região, a terminologia é um meio de intervenção, de implantação de políticas lingüísticas, de modernização de uma dada sociedade, de afirmação de Estados nacionais, de preocupação e esforço no sentido de resgates de línguas em vias de extinção ou de imposição de monolingüismo oficial.

Ao realizar um trabalho terminológico aplicado, pode-se observar que os discursos dos especialistas das diferentes áreas de especialidades primam sempre pela comunicação eficiente entre especialistas e não-especialistas e pela padronização e uniformização dos elementos lingüísticos que compõem tais discursos. À medida que os domínios técnico-científicos se desenvolvem e se aprimoram, simultaneamente, desenvolvem-se os estudos terminológicos concernentes a diferentes áreas. A necessidade de padronização de termos, no intuito de facilitar a comunicação, está na base da origem da Terminologia. Tal preocupação não é recente, todavia.

A importância dos estudos em Terminologia já é discutida há algum tempo; entretanto, a prática terminológica é muito mais antiga. Campos (1992) discorre sobre dois importantes estudos de terminologia desenvolvidos ainda na Idade Média: a *Explicação das Palavras Gregas em Siríaco*, do médico e filósofo Hunayan Ibn Ishâq (806-877), e o *Léxico Siríaco-Árabe* de Ibn Bahlûl, que já demonstravam preocupação com o vocabulário especializado e sua correta compreensão.

A autora informa ainda que, nos séculos IX e X, foram produzidos glossários das ciências médicas com uma variação de quatro a dez línguas. No século XII, Maiomonides escreveu o *Livro de Explicação dos Nomes de Drogas*, que é um glossário com 405 nomes de plantas em árabe, grego, *siríaco*, persa, berbere e andaluz.

Alves (1998, p. 97) menciona que, no Ocidente, contrariamente ao mundo oriental, os trabalhos com vocação terminológica surgem somente durante o Renascimento e cita como exemplos o *Glossário árabe-latino de termos médicos*, elaborado pelo médico

italiano Andréa Alpago (1520?) e o *Livro dos segredos da agricultura* (1617), de autoria do religioso espanhol Miguel Agusti, com termos em diversas línguas, entre elas, o latim, o espanhol, o catalão, o italiano, o português e o francês. Também em Portugal no século XVI e, sobretudo no XVII, são várias as obras que tratam de vocabulários especializados nas áreas da Medicina, da Botânica, da Náutica, da Engenharia, etc. A obra de Garcia D'Orta, por exemplo, sobre drogas e plantas medicinais é de 1563. E, sobretudo, a obra de Bluteau - *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1721) - que utilizou um número variado de obras científicas de referência, como fontes de coleta de dados lexicais para o seu monumental dicionário.

No século XX, no entanto, com o desenvolvimento das ciências e tecnologias, os estudos das línguas de especialidade tornaram-se mais importantes e necessários. Aquele foi o século do desenvolvimento da Terminologia, ou seja, da busca de sistematização do conhecimento expresso por meio das linguagens profissionais.

Se, no século XX, embora seja um passado muito recente, já se considerava a importância dos estudos de línguas de especialidade, no século XXI, esses estudos tornam-se imprescindíveis.

A necessidade de descrever a linguagem especializada da Aromaterapia já foi manifestada anteriormente, durante o séc. XX, pelo químico francês Renée Maurice de Gatefossé, quando, em 1937, publicou um compêndio sobre os óleos essenciais e o poder curativo da Aromaterapia. De acordo com Tisserrand e Jünemann (1999, p. 18), o pesquisador descobriu, acidentalmente, as propriedades terapêuticas dos óleos essenciais, em 1928, durante pesquisas, quando queimou seu braço enquanto trabalhava em seu laboratório e, instintivamente, mergulhou-o em uma solução que estava disponível em um recipiente. As autoras afirmam que o líquido era óleo essencial de Lavanda, e Gatefossé conseguiu não somente que a dor fosse aliviada, mas também percebeu que a queimadura cicatrizou rapidamente, impedindo uma possível infecção. Daí para frente dedicou sua vida à pesquisa sobre os óleos essenciais e sua aplicação terapêutica, cunhando o termo que designaria essa nova ciência, a Aromaterapia.¹

Muitos seguiram seus passos com a finalidade de alargar e consolidar suas descobertas iniciais, tornando-as disponíveis e atualizando uma antiga arte de cura.

¹ O termo *Aromaterapia*, no Online Etymology Dictionary, é assim explicado: “Aromatherapy: from Fr. *aromathérapie*, attested from 1930s (see *aroma*, *therapy*). O que se encontrou nos textos citados como fonte nesta tese foram referências ao Dr. Gattefossé como sendo o primeiro a cunhar tal termo, a partir de 1930 (AROMATHERAPY, 2009).

O conhecimento acerca dos óleos essenciais passa a ser assunto de importância, uma vez que é por meio de tais óleos aromáticos que a ciência Aromaterapia se inicia e se fundamenta. No entanto, muito antes dessa *terapia*, os óleos voláteis já eram do conhecimento de muitos povos.

Maxwell-Hudson (2000, p. 10), pesquisadora e aromaterapeuta inglesa, informa:

O poder dos óleos essenciais já era do conhecimento dos povos antigos, especialmente dos egípcios, que aparecem na história como a civilização que mais se dedicou a aplicar as propriedades aromáticas das plantas e a desenvolver métodos eficazes para a extração de seus óleos. Os egípcios eram mestres na arte de aplicar os óleos essenciais para cuidar da saúde e da beleza do corpo; mas não era só: eles usavam essas substâncias em rituais religiosos e para embalsamar os mortos.

Esse conhecimento foi absorvido pelo povo grego e, com o tempo, espalhou-se pela Europa ocidental, durante as Cruzadas, na Idade Média, no período em que aconteceram as incursões religiosas contra os muçulmanos. Durante essa fase da História Mundial, muito do conhecimento acerca dos óleos essenciais foi trazido pelos soldados combatentes, por ocasião do retorno da área belicosa na Ásia Menor, Norte da África e Jerusalém.

Nos dias atuais, a Aromaterapia encontra-se bastante difundida, pois, ao fortalecer “nosso sistema imunológico, pode frustrar ataques contra nosso bem-estar físico e mental” (TISSERAND; JÜNEMANN, 1999a, p. 18). Em quase todos os países é possível encontrar adeptos de tratamentos à base de óleos essenciais. As terapias holísticas ou alternativas², das quais a Aromaterapia é parte integrante, vem restaurando a saúde e prevenindo diversos tipos de doenças, seja por meio de plantas medicinais, hortaliças, frutas ou de óleos essenciais. Por terapias holísticas ou alternativas entende-se práticas médicas, de curas, diversas da alopatia, ou medicina ocidental, conforme o site da Wikipédia (MEDICINA ALTERNATIVA, 2010). Essa medicina natural ou alternativa tem seus princípios básicos fundamentados na medicina dos antigos povos orientais, particularmente o chinês. Conforme o site mencionado, essas práticas alternativas ou holísticas podem ser: acupuntura, aromaterapia, arteterapia, auriculoterapia, ayurveda, biodança, bioenergologia, cromoterapia,

² O Ministério da Saúde publicou, no início do mês de abril de 2010, a Portaria no. 971 que aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS. Entre essas práticas estão a acupuntura, a homeopatia, a fitoterapia e as plantas medicinais) (GOIÁS, 2010).

fitoterapia, florais de Bach, homeopatia, iridologia, quiropraxia, reflexologia, tratamento espiritual e medicina ortomolecular.

Espósito e Dekorte (2004, p. 2) acrescentam:

Atualmente, com o advento das terapias holísticas, a Aromaterapia já conquistou seu lugar como medicina complementar e alternativa (Complementar and Alternative Medicine - CAM), traduzindo-se como uma terapia preocupada com o bem-estar do homem como um todo: corpo, mente e espírito.

Assim - dentro dessa linha de tratamento complementar que se destaca por seu propósito não somente de curar doenças, mas de prevenir o aparecimento delas, fortalecendo e equilibrando o corpo como um todo: parte física, mental e espiritual - foi selecionada uma área para investigar e compor um glossário pertinente.

É no domínio da linguagem de especialidade da Aromaterapia e da comunicação de especialidade que se insere esta Tese. Os termos foram retirados de textos comumente veiculados nessa área específica respeitando-se, todavia, as limitações inerentes ao âmbito pesquisado, advindas sempre da escassez de material em forma de livros ou revistas de pesquisa da área. Tais limitações podem ser atribuídas ao fato de existir um campo de pesquisa ainda incipiente no Brasil, sobre o avanço já conseguido em termos de cura quando da indicação de óleos essenciais para diversos males como infecções, anemias e depressões; recuperação pós-operatória e aumento da imunidade do organismo. Consequentemente, a falta de veiculação de informações, de dados e o número reduzido de obras da área, tornaram a coleta de termos uma tarefa mais trabalhosa. Porém, após pesquisas junto ao material disponível, foi possível coletar um número razoável de candidatos a termos, procedendo-se, em seguida, à avaliação dos mesmos, em parceria com uma especialista/aromaterapeuta, daqueles que finalmente poderiam compor a nomenclatura de um glossário.

Embora haja uma tendência, atualmente, em escala mundial, em termos de preferência de tratamento por meio de óleos voláteis, Worwood (1995), pesquisadora e aromaterapeuta conhecida internacionalmente, afirma que esses produtos extraídos do âmago das plantas surgiram nas primeiras farmacopéias, e já eram do conhecimento de povos da Mesopotâmia, Egito, Grécia, China e Índia. Por muito tempo, não houve preocupação em relação ao registro da cura de diversos males, por meio do uso de óleos aromáticos e de plantas, nem tampouco consciência de preservação da flora. Tal negligência levou à extinção de espécies botânicas importantes. Atualmente, em face do cuidado mundial em torno do

provável esgotamento das reservas naturais, como florestas tropicais e outros habitats, os cientistas estão mais conscientes da necessidade de exploração de regiões menos desenvolvidas com a tarefa de reunir informações medicinais ameaçadas de desaparecimento pela ação do homem, além de avaliar a possibilidade de extração de óleos de determinadas plantas, e contrariando, desta forma, o que ocorreu no passado. A exploração indiscriminada de muitos espécimes, numa busca frenética por seus preciosos óleos, culminou na quase extinção do pau-rosa, árvore da floresta amazônica, por exemplo.

Ainda conforme Worwood (1995, p. 15), os óleos essenciais não são nenhuma novidade, dado seu uso desde tempos remotos, e não se trata de nenhuma moda passageira, mas sim de uma colheita antiga e permanente da natureza opulenta. E conclui:

[...] hoje os laboratórios submetem os óleos a baterias de testes, e os resultados são publicados em periódicos acadêmicos. Diferente do que ocorria no passado, quando nada havia para comprovar que os óleos funcionavam, a não ser as experiências cotidianas das pessoas.

Foi pensando nas dificuldades da autora desta tese, que se decidiu elaborar o Glossário Terminológico da Aromaterapia (GLOTEAR) com equivalentes em três idiomas, Inglês, Francês e Espanhol. Laszlo (2006), pesquisador moderno na área da Aromaterapia, afirma que esta técnica de tratamento essencialmente nova tem sido usada desde a segunda guerra mundial, nessa época já alicerçada em bases científicas sólidas; onde os remédios alopáticos falham, os óleos essenciais mostram-se como opção rápida, segura e sem efeitos colaterais.

Para se falar sobre óleos essenciais é necessário, *a priori*, discorrer sobre plantas e ervas.

A história de plantas e ervas não é, absolutamente, simples. Sua trajetória conecta-se, de alguma forma, à Medicina e à Moderna Química, particularmente à Química Orgânica. A busca por produtos naturais, para o tratamento de doenças, pode ser interpretada como um (re)torno à natureza, ao mundo das espécies vegetais, origem de grande parte dos remédios alopáticos modernos. Worwood (1995, p. 14) justifica acerca dessa exigência mundial: “[...] nos dias de hoje os consumidores exigem pureza, produtos mais naturais.” A natureza, em sua generosidade, provê, por meio das plantas e minerais, caminhos alternativos para a cura não só do corpo, mas da parte psíquica e espiritual. Prosseguindo, a autora adverte:

Nunca devemos nos esquecer de que a natureza resplandece com dádivas que dão vida. As árvores erguem-se majestosas no horizonte, lançando silenciosamente gases na atmosfera, criando o ar puro que precisamos respirar. As plantas de todas as formas e tamanhos nos oferecem seus frutos, sua produção, da qual depende nosso sustento. As outras plantas sustentam os animais, que por sua vez constituem uma fonte vital de alimentos para outros animais. Sem as plantas não comeríamos nem respiraríamos; nós dependemos totalmente delas (WORWOOD, 1995, p. 15).

Portanto, a consciência acerca das habilidades da natureza para curar e prevenir doenças tem acompanhado os povos desde a Antiguidade. Trata-se de um assunto sempre em pauta tanto nos meios acadêmicos quanto nos meios comerciais, gerando pesquisas e informações para os adeptos das práticas alternativas de cura e prevenção de distúrbios físicos e emocionais.

Assim, é no âmbito da cura por meios naturais que se insere este trabalho. Seu objeto são os termos que compõem a terminologia da Aromaterapia e as variantes denominativas.

As variantes denominativas são as unidades lexicais dicionarizadas ou não, adaptadas ou não. A terminologia da Aromaterapia é um dos setores da Medicina Alternativa. O estudo parte de um ponto de vista sincrônico, ou seja, o conjunto de termos registrados em um corpus reunido entre os anos de 2006 e 2009, sendo que as unidades lexicais selecionadas do corpus pertencem a vários campos conceituais. O glossário será um exemplo de tratamento dado a um campo conceitual, visando à elaboração do futuro glossário.

A dimensão especificada da pesquisa tem por objetivo restringir o universo estudado de acordo com critérios históricos e linguísticos. A Aromaterapia teve critérios próprios registrados ao longo de sua história, desde o descobrimento das primeiras técnicas de destilação e o reconhecimento da eficácia dos óleos essenciais. Essa atividade - iniciada com o conhecimento dos segredos e virtudes das plantas - e o seu grau de aculturação influenciaram o universo lexical dessa língua de especialidade.

A especificidade dos critérios históricos resultou em um conjunto lexical próprio, cujos principais aspectos são a quantidade de termos, sua constante atualização e revelação pelos meios de comunicação, pelos aromaterapeutas de fama internacional e pelos livros e revistas importados.

OBJETIVO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo compilar e descrever a terminologia da Aromaterapia, identificando e recolhendo as unidades terminológicas que, reconhecidamente, fazem parte desse domínio para, em seguida, proceder-se à elaboração de um glossário especializado, o Glossário Terminológico da Aromaterapia ou GLOTEAR.

Também procurar-se-á esclarecer, dentre as possibilidades teóricas existentes - embasadas pela TCT (Teoria Comunicativa da Terminologia) (CABRÉ, 1999) - as unidades variantes designativas, que constituem o eixo norteador deste estudo, fazendo, para isso, uma análise linguística dos termos variantes mais significativos e que representam um índice de ambiguidade dentro desse discurso especializado selecionado.

Propõe-se ainda, por meio deste estudo, aprofundar conhecimentos na área de terminologia, abordando o âmbito de tratamento por meio de óleos essenciais, o qual mostra-se como sendo de interesse e utilidade, mas ainda pouco explorado.

JUSTIFICATIVAS AO TRABALHO

A observação da necessidade de realização de estudos sistemáticos em terminologia, nas diferentes áreas de especialidade, aliada ao fato de ser a Aromaterapia um campo em expansão e ainda pouco explorado, foram os fatores mais relevantes na escolha do tema desta pesquisa terminológica. Desta forma, os benefícios holísticos dos óleos essenciais, isto é, seu papel na promoção do bem-estar físico, mental e espiritual, tiveram papel preponderante, somados ao fato de se acreditar que um produto terminológico sistemático possa ser índice facilitador de comunicação entre diferentes áreas de especialidade.

A globalização e os avanços científico-tecnológicos proporcionam às pessoas uma constante difusão de informações e conhecimento, fazendo com que novos conceitos ativem os valores especializados de unidades léxicas já existentes ou contribuam para o aparecimento de novas unidades. Como consequência dessa exigência social, a Terminologia, por sua vez, como ciência que estuda os valores especializados adquiridos pelas unidades léxicas, vem se consolidando cada vez mais. Desta forma, a nomenclatura pertinente à Aromaterapia, carece de sistematização e estudo, pelo fato de ser um instrumento

imprescindível - em especial em língua portuguesa - para os muitos pesquisadores e especialistas que praticam esta vertente de Medicina Alternativa.

A variação denominativa, presente no léxico especializado deste trabalho, devidamente justificada e esclarecida, poderá dirimir dúvidas e confusões advindas das várias alternativas de que se dispõe para nomear muitos, senão quase todos óleos, promovendo uma melhor compreensão dessa área de especialidade e tornando-a mais acessível para os leigos, especialistas e pesquisadores.

A terminologia da Aromaterapia é diferente de outras terminologias presentes na língua geral como da economia, da cerâmica ou do direito ambiental. Apesar do seu alto grau de especialização (no ambiente da especialidade exige uma grande precisão), refere-se a assuntos presentes no cotidiano, como por exemplo, o conhecimento de plantas e sua eficácia, tema recorrente desde a Antiguidade e que conta com adeptos, quer nos meios rurais, quer em ambientes metropolitanos. A divulgação e a banalização pela imprensa não-especializada torna a terminologia da Aromaterapia também muito frequente entre não-especialistas. Justificando esse interesse e tendência própria do ser humano em buscar alternativas para a cura do próprio corpo, pode-se aqui parodiar o provérbio³ popular: “De médico e de louco todos temos um pouco”. Portanto, quaisquer que sejam as necessidades manifestadas de utilização da Aromaterapia, o avanço da terminologia permitirá ao leitor conhecer essa linguagem autêntica, abrindo possibilidades de contato com um universo que não se restringe mais aos óleos essenciais de alecrim, camomila, lavanda ou eucalipto, mas que chegará aos requintes da diferença entre manuka, bergamota, gengibre ou néroli.

CORPUS

O corpus é formado por livros de Aromaterapia; textos de divulgação de óleos essenciais e sua respectiva terapêutica; materiais divulgados pela Internet; livros sobre a história e a utilização de plantas medicinais; dicionários de língua geral e dicionários de plantas; dicionário de Botânica; revistas importadas de grande circulação (para as equivalências) e manuais de indicação de óleos essenciais.

³ O dicionário Aurélio (FERREIRA, 1988, p. 535) registra provérbio como: **provérbio**. S.M.1. máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens; adágio, ditado, anécdota, exemplo, refrão. Ex.: “Casa de ferreiro, espeto de pau”. [...]

INTERESSE CIENTÍFICO E SOCIAL DO TEMA

A língua reflete a mudança da sociedade, sua busca do novo, admiração por ele, adaptação e eventual rejeição a ele. O estudo do universo lexical da Aromaterapia é importante, em primeiro lugar, por estar ligado à memória milenar do uso de ervas medicinais para promover a saúde. Em segundo lugar, porque se trata de uma realidade em expansão, ou seja, a cada dia registra-se mais e mais adeptos do tratamento, por meio da utilização daquilo que as plantas têm de mais concentrado, sutil e benéfico: os óleos essenciais. Segue-se, assim, uma tendência mundial em busca de alguma forma de medicina alternativa⁴.

A CONSTITUIÇÃO DA TESE

O trabalho contém as seguintes partes: 1. *A introdução*; 2. *A Aromaterapia*; 3. *A fundamentação teórica*; 4. *A metodologia*; 5. *A problemática da variação*; 6. *A elaboração do glossário terminológico da Aromaterapia*; 7. *O glossário*; *Considerações finais*; *Referências e Anexos*.

Na primeira parte, como é possível perceber, faz-se a introdução do trabalho, evidenciando os objetivos, justificativas, *corpus* e interesse científico e social do tema.

Na segunda parte, discorre-se sobre a Aromaterapia, ressaltando sua história, o sentido do olfato (importante para a prática da terapia com óleos essenciais), o que são óleos essenciais, os métodos empregados na sua extração e os óleos vegetais ou carreadores, como seu nome mesmo diz, responsáveis pela dissolução dos óleos aromáticos.

Na terceira parte, a fundamentação teórica, constam os preceitos teóricos norteadores desta pesquisa, bem como a questão da variação em terminologia.

Na metodologia, constam os procedimentos teórico-metodológicos seguidos para a realização do trabalho.

Na quinta parte, aborda-se a variação denominativa encontrada no domínio da terminologia da Aromaterapia, analisando e justificando os casos que se mostraram mais

⁴ 40% dos americanos usaram alguma forma de medicina alternativa em 2007 e gastaram US\$ 23,7 bilhões nisso (LOIOLA, 2010, p. 65).

significativos dentro da nomenclatura do glossário, ou que possam apresentar dúvidas, ao usuário, no momento da escolha de um ou outro óleo essencial para uso.

Na sexta parte, na elaboração do glossário, explicitam-se os aspectos macro e microestruturais do glossário, precedidos de uma introdução. Faz-se também uma explanação sobre como são estruturadas as obras terminográficas.

A sétima parte é o glossário propriamente dito, onde constam os verbetes e seus equivalentes em inglês, francês e espanhol.

Nas considerações finais, discutir-se-ão fatos relevantes relacionados ao desenvolvimento do trabalho, assim como aspectos relacionados aos objetivos da pesquisa, ou seja, o registro e a problemática das variantes no âmbito da Aromaterapia.

Nas referências, serão listadas as obras que deram suporte ao trabalho, em toda sua extensão.

Nos anexos, constam os textos de onde foram extraídos os termos, ou seja, os *Corpus* deste trabalho: livros, revistas, *sites* e artigos.

2 A AROMATERAPIA

O, mickle is the powerful grace that lies
In herbs, plants, stones, and their true qualities...
(Shakespeare, *Romeo and Juliet*)

2.1 O QUE SE ENTENDE POR AROMATERAPIA

Conforme vários relatos feitos, simultaneamente pelas pesquisadoras Worwood (1995), Maxwell-Hudson (2000) e Davis (1996), a Aromaterapia originou-se na França e, nesse país, além da característica de arte e de estar ligada à intuição do profissional que a indica, está também incorporada à medicina tradicional. Para se receitar qualquer óleo essencial é necessário que o terapeuta tenha cursado Medicina, confirmando-se a seriedade e a importância que se dá ao tratamento com óleos voláteis.

As autoras confirmam também que há países fazendo uso dos óleos essenciais de diversas formas, além da tradicional que tem como forma básica de prescrição o uso em banhos, escalda-pés, banho de assento, gargarejo, inalação; sobre a pele para acalmar irritações, coceiras, picadas de insetos; para diminuir a febre; em óleo de massagem e cremes.

Worwood (1995, p. 36) coloca que há uma grande tendência, na Europa e Estados Unidos, e mesmo no Brasil, por parte dos *Chefs de Cuisine*, quanto à utilização de óleos essenciais na elaboração de pratos, substituindo as especiarias. Seu uso estaria, portanto, adentrando a culinária também.

Ainda, segundo a mesma autora, na Inglaterra, os óleos essenciais são usados em salas de parto e também em UTIs (Unidades de Terapia Intensiva), sendo que a prescrição de óleos é, também, como na França, feita somente por médicos devidamente preparados e credenciados. Nesse caso específico, os ingleses estariam usando o verdadeiro tratamento aromaterápico, posto que o aroma das sinergias dos óleos selecionados é veiculada por meio de um difusor (elétrico ou não), utilizando-se da via do olfato para acalmar, relaxar e diminuir o estresse de pessoas hospitalizadas ou de seus acompanhantes.

A mesma autora (WORWOOD, 1995, p. 36) informa que, no Japão, também os bancos e grandes empresas priorizam a aromatização de ambientes com óleos voláteis específicos, no intuito de promover satisfação aos clientes das agências e conseguir

mais e melhor produção de seus funcionários. De acordo com a sinergia⁵ utilizada pode-se perfeitamente transformar estados de humor negativos em positivos, cansaço em energia, e letargia em ânimo. Conforme o óleo utilizado, os benefícios de seus componentes químicos específicos agem diretamente no sistema olfativo, passando para o sistema límbico, que é o centro de controle das emoções do indivíduo.

Atualmente, em grande fase de expansão, mas pouco conhecido no Brasil, o Marketing Olfativo acena com grandes possibilidades na área de vendas e promoções de produtos, explorando as conexões entre olfato, bem-estar e consumo. A fidelidade a determinados produtos advém da associação que se faz entre certas *griffes* e seu aroma característico, criteriosamente selecionado após intensivas pesquisas olfativas. Há empresas voltadas para essa área, e já é possível selecionar o aroma de uma loja, restaurante, *bomboniére*, hotel, SPA, *shopping*, com o intuito de atrair mais clientes.

2.2 O SENTIDO DO OLFATO

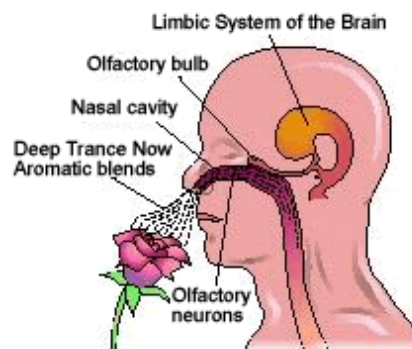


Figura 1 – The sense of smell (O sentido do olfato)
Fonte: THE SENSE..., 2010.

Como abordagem terapêutica, a Aromaterapia é considerada uma forma de medicina complementar⁶, utilizando-se principalmente do sentido do olfato e das propriedades

⁵ Mistura de dois ou mais óleos essenciais que se harmonizam e se potencializam, sendo indicada para tratamentos de diversos tipos de doenças ou alívio de *stress*. Também podem ser chamados de blends (POCIECHA, 2010, tradução nossa).

⁶ É a medicina praticada por médicos que utilizam todos os recursos disponíveis da medicina convencional e a complementam utilizando métodos terapêuticos e propedêuticos não convencionais, porém de eficácia comprovada, sempre colocando as necessidades individuais do paciente em primeiro lugar e empregando técnicas seguras, sob sua responsabilidade profissional e com o pleno conhecimento e consentimento do paciente (MEDICINA..., 2009).

medicinais e sensórias das moléculas olfativas contidas nos óleos extraídos de flores, folhas, raízes, sementes, cascas e caules.

Para Worwood (1995, p. 24), o cérebro reage muito rapidamente aos cheiros porque nossa vida depende deles. Observe-se:

Quando crianças, criamos um banco de memória de aromas, alguns dos quais têm conotações boas e outros más. Se a vida doméstica foi feliz e nossa mãe assava bolo de canela, o aroma dessa especiaria evocará mais tarde lembranças das horas felizes passadas em volta da mesa da cozinha.

Cada um de nós tem uma história individual de aromas, que continua a se desenvolver ao longo do tempo. A mesma autora prossegue explicando:

Ainda não se esclareceu o mecanismo do olfato. O nariz humano pode distinguir dez mil cheiros diferentes, e isso indica que a ciência precisa desvendar um mistério muito complexo. Ainda não se esclareceu o mecanismo exato do olfato. Alguns novos receptores do olfato já foram identificados, mas o processo não foi observado experimentalmente. Sabemos que as proteínas participam dele e que de um modo geral as moléculas de aroma provocam reações no cérebro (WORWOOD, 1995, p. 24).

O cheiro de pão no forno, um doce na panela, uma colônia que se apreciou na juventude, podem levar a sensações que são interpretadas pelo sistema límbico, no cérebro, como experiências agradáveis ou desagradáveis de um passado já esquecido. Da mesma forma, a ação do aroma de um óleo essencial pode promover alegria, felicidade, relaxamento ou concentração.

O sistema límbico é a morada do centro emocional e é parcialmente responsável pelas respostas calmas ou agressivas, reações em relação a pessoas ou coisas, secreções hormonais, motivação, reflexos à dor ou flutuações de humor.

Worwood (1995, p. 24) explica que a conexão aroma/cérebro ocorre da seguinte maneira:

[...] A molécula de aroma atinge os receptores presentes em pequenos cílios semelhantes a fios de cabelo que se estendem para baixo a partir de dois bulbos olfativos (protusões em forma de colher que fazem parte do cérebro). Esses bulbos nos dão o acesso mais direto e rápido ao cérebro – pelo aroma. A parte do cérebro que reage mais diretamente ao estímulo olfativo é o sistema límbico, que corresponde aos nossos sentimentos, memórias, reações aprendidas arquivadas e emoções. O sistema límbico é a área mais antiga do cérebro, o núcleo central sobre o qual fica o córtex cerebral. Quando as mensagens aromáticas atingem o sistema límbico elas são processadas instantânea e instintivamente. É por isso que os aromas são tão poderosos.

Os óleos essenciais⁷ agem além do olfato. Cada óleo volátil (termo variante para óleos essenciais) traz uma gama de elementos químicos, cientificamente comprovados através de um aparelho denominado cromatógrafo, que mostra a composição exata de cada óleo. Cada elemento químico que compõe o óleo essencial tem uma indicação terapêutica precisa. Como na fitoterapia - em que as plantas são indicadas para diferentes males - posto que cada óleo traz a composição da planta da qual ele se origina, de forma muito mais concentrada e pura. Trata-se realmente da “essência” da planta ou, como dizem alguns estudiosos, sua quintessência.⁸

2.3 RENÉ MAURICE GATEFOSSÉ – O PRECURSOR DA AROMATERAPIA

O termo Aromaterapia foi cunhado e empregado pela primeira vez em 1938 pelo químico francês Dr. Gattefossé, quando do lançamento de sua obra *Aromatherapie*, que descreve essa forma de tratamento alternativo e a diferencia da fitoterapia⁹

Embora o termo aromaterapia tenha sido empregado pela primeira vez no séc. XX, mais precisamente em 1938, para descrever o uso de óleos essenciais extraídos de plantas como forma de tratamento, os princípios em que se baseia a Aromaterapia remontam a tempos muito antigos. Suas raízes estão fincadas nas mais ancestrais práticas curativas da humanidade, uma vez que as plantas das quais hoje extraímos os óleos essenciais foram empregadas por milhares de anos antes que a técnica da destilação de óleos fosse descoberta.

2.4 AS NOTAS OLFATIVAS DOS ÓLEOS ESSENCIAIS

O significado do termo aromaterapia descreve basicamente a arte e a ciência do uso de óleos essenciais de plantas em tratamentos. Arte, pois a sinergia de óleos depende

⁷ Os **óleos essenciais** são substâncias voláteis extraídas de plantas aromáticas, constituindo matérias-primas de grande importância para as indústrias cosmética, farmacêutica e alimentícia. Essas substâncias orgânicas, puras e extremamente potentes são consideradas a *alma* da planta e são os principais componentes bioquímicos de ação terapêutica das plantas medicinais e aromáticas (ÓLEO ESSENCIAL, 2010).

⁸ (**Quintaessência** – (Do lat. **quinta essentia**, a quinta essência. a) Segundo Empédocles, é o quinto modo de ser acrescentado aos quatro elementos, que é o éter (**aither**, em gr.), que é a essência do céu e dos astros. b) O termo, na Idade Média, passou a indicar a idéia da mais pura essência. (SANTOS, 1963).

⁹ Fitoterapia [De *fit* (o)- + *terapia*.] S.f. Tratamento de doenças com plantas (FERREIRA, 1986, p. 784).

da intuição, conhecimento e sensibilidade do aromaterapeuta; a combinação de aromas, levando-se em conta suas notas de cabeça, notas de corpo e as notas de fundo¹⁰ revelam os princípios básicos de harmonização presentes também nas cores e na música.

Corazza (2002) ensina que as notas de cabeça, que se caracterizam pelos ingredientes mais leves e altamente voláteis, são responsáveis pela primeira impressão de odor que se tem da fragrância do óleo, e duram até quinze minutos após a sua aplicação. As notas de corpo são o "coração" da fragrância e determinam seu caráter, são formadas por ingredientes de volatilidade intermediária e têm duração de algumas horas. Finalmente, tem-se a nota de fundo, que é a porção residual do óleo, constituída de ingredientes de baixa volatilidade, considerados "fixadores".

A autora esclarece que este sistema de classificação é de grande interesse para os aromaterapeutas por causa do vínculo existente entre a taxa de evaporação e o efeito que os óleos têm sobre a mente e o corpo. Por exemplo, os óleos essenciais altamente voláteis, normalmente estimulam a mente, ao passo que o óleos essenciais de baixa volatilidade, em geral tendem a ser calmantes. Os de volatilidade média, com uma taxa de volatilidade intermediária, concentram os seus efeitos balanceadores nos sistemas físicos do corpo. Deste modo, foi criada uma simbologia universal para classificar e identificar as notas aromáticas dos óleos essenciais, da seguinte maneira:

- **Notas altas (top notes) ou notas de cabeça**

Características: óleos de ação rápida. São os primeiros a serem identificados numa mistura aromaterápica, onde ocupam uma proporção de até 30%. Normalmente obtidos de frutas cítricas, como: bergamota, laranja, mandarina, limão, tangerina, petitgrain e grapefruit (toranja). Outros óleos de plantas não cítricas são: hortelã, tomilho, manjeriço, eucalipto, citronela, capim-limão, cajepute e litsea cubeba.

¹⁰ Em a *Arte da Perfumaria* (1862), Septimus Piesse classificou os aromas como notas musicais. Neste sistema, hoje simplificado, as notas mais altas são as primeiras impressões de um aroma, as notas médias são o corpo, e as notas baixas são as fragrâncias que ficam. Um óleo pode representar as três notas; a cor varia de fraca a forte, para refletir a intensidade das notas (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 17).

- **Notas Médias (middle notes) ou notas de coração**

Características: óleos de aroma intermediário que dão corpo e harmonia à mistura. Moderadamente voláteis, representam praticamente 50-65% dentro de uma mistura aromaterápica. Normalmente obtidos de flores ou sementes, como: camomila, erva doce, jasmim, gerânio, lavanda e lavandin, manjerona, rosa, ylangylang, palmarosa, sálvia sclarea e pau-rosa (rosewood).

- **Notas baixas (base notes) ou fixadores**

Características: óleos de aroma profundo e exótico, de alta permanência, devido à lenta evaporação. Muito utilizados como fixadores da mistura aromaterápica, onde participam no máximo com 5%. Normalmente se apresentam de forma resinosa ou muito densa, devido a serem extraídos de plantas como: alecrim, baunilha, benjoim, canela, cedro, cravo, cipreste, gengibre, junípero, mina, olíbano, patchouli, sândalo, tea tree e vetiver.

2.5 A COMPOSIÇÃO QUÍMICA DOS ÓLEOS ESSENCIAIS

A combinação de aromas é muito mais que a soma das partes: cada óleo possui uma composição química particular que, quando em contato com outros óleos, tem suas características intensificadas, tornando o processo de cura mais intenso e rápido.

O ajuste perfeito entre as notas dos elementos químicos (moléculas aromáticas) presentes nos óleos escolhidos garantem, de forma mais intensa, um tratamento de qualidade, sem efeitos colaterais, beneficiando o organismo como um todo.

2.6 OS PRIMEIROS BOTÂNICOS

Retrocedendo no tempo, nas investigações no âmbito de plantas, fontes dos óleos essenciaiss e óleos carreadores¹¹, pode-se comprovar, conforme esclarece Soares (2005) que, em 1735, o botânico e médico sueco Karl Von Lineu classificou as plantas num trabalho de grande aceitação, denominando-as em latim. Esse trabalho constitui-se num marco de grande importância para a terminologia das plantas (origem dos óleos essenciais), pelo fato de o pesquisador haver compreendido a necessidade de uma outra língua a fim de compilar um sistema complexo de nomes e características descritivas das plantas. Criador do Sistema Binominal, na nomenclatura científica, propôs regras para classificar e denominar animais e plantas. Sua produção científica, denominada *Systema Naturae*, cuja 1ª edição saiu em 1735, mas que somente, em 1758, por ocasião da 10ª edição, estabeleceu definitivamente as regras modernamente adotadas. Essas regras foram confirmadas no I Congresso Internacional de Nomenclatura Científica, em 1898, em Budapeste, na Hungria e reafirmadas em outro Congresso, em 1927. Rey (1996, p. 13) explica que Lineu segue uma tradição antiga de classificação de plantas, sendo que seu precursor imediato foi Joseph Pitton de Tournefort, que propôs uma nova classificação baseada na estrutura da corola. Em 1694, Tournefort (apud REY, 1996, p. 13) formulou uma estrutura ainda válida para alguns aspectos da terminologia das plantas:

Knowing plants means knowing precisely the names they have been given with respect to the structure of some of their parts [...] The idea of characteristics which essentially distinguish one plant from another, must invariably be one with the name of each plant.¹²

Os óleos essenciais devem ser solicitados sempre pela denominação botânica (nome científico), pois existem divergências na variação denominativa. Essa talvez tenha sido a preocupação de Lineu quando dotou a ciência “de regras precisas de criação de nomes científicos para designarem espécies da flora e da fauna do mundo todo, independente do idioma falado pelo cientista.” (BARROS, 2004, p. 31).

Continuando, a autora complementa:

¹¹ Os óleos carreadores são usados para diluir os óleos essenciais utilizados na massagem aromaterapêutica e na fabricação de produtos de beleza (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 14).

¹² Conhecer plantas significa conhecer exatamente os nomes que lhes foram atribuídos com relação à estrutura de algumas de suas partes [...]. A idéia das características que, essencialmente, distingue uma planta de outra, deve ser, invariavelmente, a mesma que comporá seu nome (Tradução nossa).

Dessa contribuição ao processo de formação dos nomes científicos nasceu uma identificação entre *terminologia* e *nomenclatura*, sendo a primeira entendida na época (e no séc. XIX) como um sistema de termos empregados na descrição de objetos da história natural. A distinção entre *terminologia* e *nomenclatura* começou, no entanto, a se fazer caminhando-se no sentido da afirmação do objeto de estudo da atual Terminologia (BARROS, 2004, p. 31).

Ainda segundo a autora, a preocupação com a denominação daquilo que rodeia o homem, como por exemplo, animais, plantas, origem da alimentação, ferramentas de trabalho, artefatos de defesa e peças de vestuário, faz parte do universo desse homem desde tempos imemoriais, assim como a linguagem humana. Portanto, a Terminologia não é uma ciência recente, sendo “tão antiga quanto a linguagem humana.” (BARROS, 2004, p. 28).

Conforme a autora, a questão da denominação retoma uma das primeiras reflexões filosóficas acerca da linguagem humana e do processo de denominação. Tal ponderação remonta a Platão (427-347 a. C.) em seu *Crátilo*. Nessa obra, o autor discute sobre a origem das palavras e a propriedade dos nomes (BARROS, 2004, p. 30).

No entanto, embora, desde tempos antigos tenha havido essa preocupação em denominar objetos, foi somente após o Renascimento que a ideia de um estudo metódico do conjunto de palavras que compõe um campo do saber, por meio de uma disciplina, aparece mais claramente. Veja-se o que diz Rey (1996, p. 11): “The idea of a separate discipline devoted to the problems associated with naming and of a methodology for solving them, however, only emerged slowly after the Renaissance”.

Em relação ao percurso histórico da nomenclatura e sua respectiva constituição em disciplina sistematizada, Gutiérrez Rodilla (apud KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 26) observa:

É difícil estabelecer onde se inicia exatamente a história da nomenclatura, que, em boa medida, está relacionada com a das classificações e da sistematização. A situação varia de um ramo a outro da ciência, embora poderia considerar que o ponto de partida se encontra na última parte do século XVII e que adquire uma grande importância ao longo do XVIII – a ideia de que a ciência deveria utilizar uma “linguagem bem feita”. Essa concepção, portanto, perfeitamente lógica e unívoca, relaciona-se em grande medida com a concepção de uma razão transparente e coerente, típica do século das luzes, e sobretudo, do século XIX, ao amparo do positivismo e sob impulso das sociedades científicas; embora existam notáveis precursores e antecedentes em outros tempos e períodos de dedicação à ciência.

Mas é no século XX que se institui o cenário maior do grande desenvolvimento e consolidação da terminologia, tanto como linguagem especializada a serviço de diferentes finalidades científicas, sociais e políticas ou como campo de conhecimento.

2.7 PLANTAS, SEUS PRIMEIROS DESCRITORES E CURAS

A busca pela cura tem sido uma constante na vida do homem desde épocas imemoriais. Atribui-se aos persas, um dos primeiros povos a deixar sua contribuição para o conhecimento dos aromas e da medicina, os primeiros trabalhos sobre plantas aromáticas. Al-Razi (865-925), considerado um dos melhores médicos da antiguidade, produziu, durante toda sua vida, 237 livros e artigos cobrindo áreas da ciência, sendo que a metade desse montante foi dedicada à Medicina. Nascido em uma cidade próxima a Teerã, influenciou a ciência e a medicina europeias.

Davis (1996, p. 3) relata que, um pouco mais para o Oriente, na Bacia Mesopotâmica, entre os rios Tigre e Eufrates, os médicos babilônios registraram suas fórmulas e receitas em tabuletas de argila, sendo estas os mais antigos registros da escrita cuneiforme dos sumérios. A riqueza da farmacopeia egípcia influenciou enormemente os povos assírios, babilônios e hebreus, levando-os a assimilar o vasto e rico conhecimento acerca da medicina aromática. Assim que o Império Egípcio sucumbiu, em torno de 300 a.C., a Europa tornou-se o centro da medicina empírica, onde novos métodos foram se solidificando com base em um sistema mais científico de cura.

Kerr (1982, p. 13) observa que os hieróglifos mostram que os *odores celestes* dos perfumes estavam, de alguma maneira, ligados ao desejo de imortalidade, e talvez seja esta uma das razões pelas quais os perfumes e outros produtos herbáticos eram sempre enterrados com a múmia. Os produtos herbáticos também foram utilizados no processo de mumificação.

Conforme Davis (1996, p. 5), o médico da antiga Pérsia (hoje Irã), Ibn Sina, que viveu entre 980 e 1037, famoso no mundo islâmico por suas pesquisas e compilações sobre ciências e medicina, também escreveu cerca de 20 livros cobrindo teologia, metafísica, astronomia, filologia, filosofia e poesia. Dentre essas obras, as mais importantes são os 20 (vinte) livros e os 100 tratados sobre Medicina. Ibn Sina era conhecido na Europa como

Avicena, e já aos 18 anos era um médico de renome. Ainda conforme a pesquisadora, nos registros de Avicena constam a descrição de 800 plantas e seus efeitos sobre o corpo humano. Nem todas essas plantas foram identificadas pela dificuldade de tradução do texto. Porém, dentre aquelas que se poderia identificar, encontram-se a cânfora, a camomila e a lavanda – três valiosas fontes de óleos na aromaterapia da atualidade. A autora ainda esclarece que Avicena também introduziu a dieta exclusivamente frugívora (com o uso de frutas de altas dosagens de açúcares naturais, como uvas e melões), inventou a tração para membros fraturados e a manipulação para anomalias da coluna, além de fornecer descrições por escrito de diversos toques de massagem.

Supõe-se, conforme certos manuscritos árabes de sua época, em que se pode ver alambiques, que Avicena tenha também criado ou descoberto o processo de destilação, cujos princípios básicos se mantêm inalterados até os dias de hoje. O processo de destilação é um dos mais usados, atualmente, na extração de óleos essenciais por não alterar as moléculas odoríferas das plantas, tampouco seus componentes químicos. Consta na Bíblia Sagrada (1995, p. 8), em Gênesis, 1:29, na descrição acerca dos primórdios da raça humana, uma referência à determinação divina das benesses das plantas para com o homem: “E Deus disse: Eis que vos dou todas as ervas que dão sementes sobre a face da Terra.” No Antigo Testamento, há referências também sobre o uso de incensos olorosos. Entre as muitas ervas e produtos herbáticos mencionados nas lendas e na literatura dos povos do Mediterrâneo, aparecem, como indicações de ingredientes usados na fabricação de incensos, perfumes e óleos aromáticos, o aloé, a mirra a alfazema e o olíbano.

Maxwell-Hudson (2000, p. 10), em seu histórico sobre a Aromaterapia, relata que, um pouco mais aquém no tempo, a história da Aromaterapia pode ser delimitada no período de cerca de mais de 3.500 a.C., quando os primeiros aromas tiveram sua presença registrada na história da humanidade. Na realidade, a história da Aromaterapia está inexoravelmente ligada ao desenvolvimento da medicina aromática, que, no seu primórdio, estava aliada à religião, ao misticismo a à magia.

Segundo a autora, quando os galhos de alguns arbustos ou árvores eram lançados ao fogo – de início com o único propósito de acrescentar combustível – a fumaça e os aromas que expeliam tornavam as pessoas sonolentas, alegres, excitadas, dando origem a experiências místicas. Se a mesma sensação atingisse todas as pessoas ao redor da fogueira e o mesmo fenômeno fosse verificado da próxima vez que se queimassem alguns galhos do mesmo arbusto, estes seriam reconhecidos como responsáveis pela produção de tal efeito e, possivelmente, considerados *mágicos*.

A *defumação* de pacientes foi uma das formas mais primitivas de medicina e, uma vez que, religião e medicina estavam estreitamente ligadas, o uso de fumos especiais fazia parte das religiões primitivas. Quando os povos do passado oferendavam em um altar plantas aromáticas a seus deuses, fossem elas queimadas ou ao natural, estavam cumprindo um legítimo sacrifício, pois estavam presenteando essas entidades com aquilo que possuíam de mais precioso: as plantas.

A defumação pode ser vista como a raiz, a *pré-história* da Aromaterapia e da Perfumaria. Etimologicamente, a palavra perfume provém do Latim *per fumum*, que significa *através do fumo*. Portanto, a defumação consiste no mais antigo costume de empregar substâncias aromáticas para harmonizar distúrbios internos ou externos, quer eles sejam de pessoas ou de ambientes.

Kerr (1982, p. 11) comenta sobre documentação acerca de descobertas arqueológicas as quais comprovam que a defumação existia desde a Idade da Pedra, quando o homem descobriu o fogo. É bem provável que as substâncias aromáticas tenham sido descobertas por acaso, quando madeiras, folhas e raízes eram queimadas para aquecer e proteger o homem primitivo, assim como na preparação de alimentos. A partir daí, observando-se os efeitos produzidos da queima de determinadas plantas, passou-se a atribuir propriedades mágicas que permanecem até hoje, quando, por exemplo, nos referimos às propriedades curativas da artemísia, da sálvia, do olíbano, da mirra, do benjoim, e de tantas outras substâncias aromáticas.

Ainda segundo o autor, os egípcios, provavelmente, tenham sido os primeiros a utilizar incenso preparado com madeira aromática, ervas e especiarias, em honra a seus deuses. Maxwell-Hudson (2000, p. 11) também esclarece que tais povos apreciavam muito a fragrância, sendo que os mais ricos, usavam óleos perfumados diariamente em massagens para amaciar e proteger a pele do clima quente e seco. Há registro de que Cleópatra tenha forrado o chão com uma camada de 46 centímetros de profundidade de pétalas de rosas, com o intuito de seduzir seu amante Marco Antonio. Os egípcios também usavam plantas e óleos aromáticos para embalsamar os mortos, demonstrando assim, um conhecimento sofisticado de suas propriedades antissépticas. Ungentos encontrados na tumba de Tutankamon, de cerca de 1320 a.C., continham olíbano, resinas e estoraque, os quais ainda exalavam aroma. Davis (1996, p. 2) complementa essa informação com a seguinte passagem:

Os importantes eventos do Estado eram acompanhados pela queima de incenso, enquanto jovens dançavam com cones de perfume na cabeça, os quais se derretiam e aos poucos faziam com que o aroma impregnasse o ar durante suas evoluções.

A especialista e pesquisadora afirma também que, embora os egípcios tenham deixado comprovações em papiros (o mais antigo datado de 2890 a.C.) acerca de seu conhecimento sobre ervas e sua eficácia medicinal, e a fabricação de pílulas, supositórios, pós, torrões e pastas medicinais, estranhamente, para uma civilização que conheceu tal avanço tecnológico, tudo indica que desconheciam o método para destilar óleos essenciais. Manipulavam vegetais como anis, cedro, cebola, alho, cominho, coentro, óleo de rícino, e frutas, como uvas e melancia, entre vários outros. No entanto, importavam óleo de cipreste e cedro (conforme registros em tábuas de argila), provavelmente do Oriente, revelando a existência, já então, de um comércio internacional de óleos.

Maxwell-Hudson (2000, p. 10) observa que “[...] os óleos essenciais têm sido usados também na fitoterapia chinesa há milhares de anos”. A autora data de 200 a.C., a redação de *O Grande Herbário*, por Shen Nong, autor lendário que compilou 365 nomes de plantas medicinais. Todavia, Tisserand e Jünemann (1999) acrescentam que aparelhos de destilação já eram utilizados desde os anos de 1500-1000 a.C., tanto na Índia quanto na China. Todavia, em suas pesquisas, Maxwell-Hudson informa que uma destilaria foi encontrada no sopé do Himalaia, indicando que a destilação de óleos essenciais já era praticada em 3000 a.C. na região asiática.

Davis (1996, p. 367), ao discorrer sobre plantas e óleos essenciais numa perspectiva histórica, informa que “[...] os óleos essenciais e outras substâncias de origem vegetal são a mais antiga forma de perfume que se conhece”. A palavra *perfume* foi cunhada primeiramente pelos egípcios, atestando desde aquela época longínqua o gosto particular pelas essências aromáticas, sempre com o intuito de se conseguir bem-estar e cura.

Os gregos aprenderam muito com os egípcios, porém a mitologia grega credita os méritos da magia e da arte dos perfumes aos deuses. Eles também reconheciam os benefícios medicinais e aromáticos das plantas. Hipócrates, também chamado de *O Pai da Medicina*, também praticou a defumação com plantas para benefícios medicinais e religiosos.

Ainda conforme relatos de Davis (1996, p. 263), Pedanius Dioscurides, médico romano de descendência grega, escreveu sua famosa obra *Matéria Médica*, onde descreve as propriedades medicinais de cerca de 300 plantas, inclusive sobre a *Spica* ou *Stoechaeus*, hoje *Lavendula Spica* e *Lavendula Angustifolia-stoechas* (nomenclatura referida

por Lineu). Dioscurides ainda não mencionava o óleo de lavanda e sim seu infuso. Os infusos de óleos são produzidos colocando-se uma certa quantidade do material da planta seca dentro de um recipiente, sendo a erva completamente coberta com um óleo gorduroso, como o de oliva ou de amêndoas. O recipiente é vedado de maneira a se tornar à prova d' água, e depois colocado em uma panela de água quente e fervido durante uma a duas horas. Depois de esfriado, o óleo é filtrado para remover partículas da planta e armazenado em um recipiente no qual não entre ar. A infusão de lavanda mencionada teria sido usada para massagear juntas doloridas, dores musculares e para promover a cura de doenças.

Há evidências de que Dioscurides tenha estudado o processo de destilação; no entanto, não se dispõe de registros comprobatórios.

2.8 Os ÓLEOS ESSENCIAIS

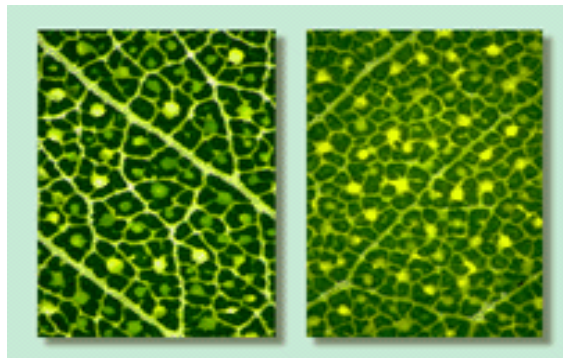


Figura 2 – Glândulas de óleos essenciais numa folha de *Eucalyptus*

Fonte: Australian National Botanic Gardens (2010)

Os óleos essenciais são essências concentradas extraídas de plantas. Embora sejam discriminados como *óleos*, na sua maioria, não são oleosos, ao contrário dos óleos vegetais que são extraídos de sementes de plantas, castanhas, como, por exemplo, o gergelim, o girassol, o caroço de pêssgo, a semente de uva, e a amêndoa doce e que são ricos em gorduras.

Alguns óleos essenciais são muito viscosos, outros são mais sólidos. A maioria, todavia, é líquida, sendo exemplos clássicos a lavanda, o limão, o eucalipto, a bergamota, etc. Sua cor também varia, e há uma tendência em serem claros ou amarelos, embora o óleo essencial de cenoura seja alaranjado, o de nardo-da-Índia seja verde, o da

camomila-dos-alemães seja de um azul profundo, o de bergamota verde e o de Jasmim marrom-avermelhado.

Os óleos essenciais constituem o material básico do aromaterapeuta e da Aromaterapia. Desta forma, julga-se pertinente a exposição histórica que ora se faz, no que tange à sua origem, obtenção e constituição química. Sendo assim, julgou-se pertinente, a princípio, começar este histórico pela sua definição.

Observe-se os significados básicos propostos por diferentes autores:

Ferreira (2006, p. 1219): Material oleoso que se extrai, mediante diversos processos, de certos vegetais, contendo substâncias odoríferas e usado em perfumaria e medicina; óleo volátil. Já uma outra definição aborda o aroma. Davis (1996, p. 329): Óleos essenciais são substâncias altamente aromáticas produzidas pelas plantas em células especiais.

Uma outra de definição explora a sinonímia “essências” como alternativa para “óleo essencial” (MAXWELL-HUDSON, 2000, p.12): Os óleos essenciais, às vezes chamados de essências, óleos voláteis ou óleos etéreos, são extraídos de plantas aromáticas cultivadas comercialmente em todo mundo. E, por último, uma definição bastante sucinta de óleo essencial (WORWOOD, 1995, p. 17): Os óleos essenciais são essências concentradas de plantas.

As três definições enunciam, cada uma delas, informações importantes e que poderiam estar sintetizadas numa única definição. A definição do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986, p. 1219) parece bastante coerente, pois menciona que o material oleoso é extraído de *certos vegetais*. Notadamente, nem todos os vegetais são passíveis de extração de seus óleos. A informação “material oleoso” e “óleo volátil” pode parecer incongruente. No entanto, embora tenha consistência de um “óleo”, volatiliza-se ao contacto com o ar. Veja-se: “[...] **óleos essenciais**: soluções alcoólicas de óleos de origem vegetal usadas como substâncias odoríficas na indústria de perfumaria” (SOARES, 2005, p. 326).

A definição de Davis (1996, p. 329) indica, além da descrição do óleo essencial como “substâncias altamente aromáticas”, o local exato onde são formados os óleos: “células especiais”. De fato, os óleos essenciais são produzidos pelas plantas em células chamadas [...] “células secretoras individuais, dutos ou canais, tricomas glandulares e outros” (CORAZZA, 2002, p. 71).

Veja-se a definição, agora dada pelo site de pesquisadores Mãos de Luz (AROMATERAPIA, 2009):

Os óleos essenciais são produzidos pelos vegetais por diversas razões; fazem parte do sistema imunológico das plantas e são responsáveis pelo aroma característico de cada vegetal. São matérias intercelular, constituídos de anti-sépticos, vitaminas, hormônios e antibióticos; compostos por ácidos, dionas, cetonas, lactonas, cumarinas, terpenos, óleos terpênicos, aldeídos, fenóis, ésteres, éteres e óxidos. Os óleos essenciais têm estruturas moleculares altamente complexas (podemos detectar muitas vezes mais de 200 substâncias diferentes em seu conteúdo). Isso os torna bastante diferentes dos aromas copiados sinteticamente, que na maioria das vezes não possuem mais do que 10 substâncias. Os óleos essenciais são voláteis e hidrófobos, misturam-se em álcool e óleos vegetais. Ocorrem em diferentes partes dos vegetais: raízes, folhas, flores, frutos, sementes e lenho. Os óleos essenciais de alta qualidade para o uso osmológico ou aromaterápico provêm de plantas com distintas especificações bioquímicas e botânicas.

As outras duas definições, respectivamente Worwood (1995, p. 7) e Maxwell-Hudson (2000, p. 12), concentram-se no termo “essências” para descrever os óleos essenciais; e falam de sua aromaticidade e de seu cultivo comercial ao redor do mundo. Todas as definições apresentadas aqui se equivalem no quesito “substância ou essências aromáticas” extraídas de plantas. Esta informação é fundamental quando se trata de um leigo que busca a definição.

Os óleos essenciais, substâncias altamente aromáticas produzidas pelas plantas em células especiais, denominadas algumas vezes células oleíferas, originam-se de um número relativamente pequeno de plantas e, dependendo da variedade, apenas de partes específicas dessas plantas. Tais partes podem ser folhas, raízes, botões, galhos, rizomas, cerne, pétalas, sementes ou frutos. Em alguns casos, todas as partes das plantas que ficam acima da terra são utilizadas, como por exemplo, a hortelã-pimenta.

Os óleos essenciais apresentam-se em alta concentração e só em raras ocasiões devem ser usados em sua forma não diluída. São voláteis, ou seja, evaporam-se facilmente ao contato com o ar. Davis (1996) acrescenta que esta é uma das razões pelas quais os óleos essenciais se mostram tão rapidamente eficazes nos tratamentos, indicando, por outro lado, a necessidade de mantê-los em frascos hermeticamente fechados durante sua armazenagem, e de retornar a tampá-los o mais rápido possível quando estiverem sendo usados.

Os óleos essenciais dissolvem-se com facilidade em óleos gordurosos como os de oliva, soja, gergelim, girasol, semente de uva, amêndoas doces e outros óleos vegetais, bem como no álcool, no álcool de cereais, leite e na vodca.

Para Kerr (1982, p. 12), os aromas têm sido parte da vida do homem há vários séculos. Os egípcios utilizaram material aromático no processo de mumificação dos

corpos, na cosmética e na medicina. Também os chineses, indianos, hebreus, árabes, gregos e romanos, ou seja, todos os povos civilizados primitivos, no decorrer da história, fizeram uso das essências de plantas na medicina, na culinária e em cerimônias religiosas. É importante citar que, na Antiguidade, fazia-se uso de óleos essenciais também para a confecção de perfumes. Essa modalidade de perfumaria, com base no extrato puro de plantas e óleos essenciais rudemente destilados, era estritamente natural. Essa arte incomparável e cheia de segredos viajou da Mesopotâmia e Egito para a Roma Antiga e Pérsia.

No site Museu Del Parfum (2009), constam informações acerca de descobertas, durante escavações na região da Antiga Mesopotâmia (hoje Iraque), de frascos de perfumes que, segundo os arqueólogos, pertenceram a uma antiga “fábrica” de perfumes naturais.

Presentes em várias partes das plantas, os óleos essenciais são formados por diversas funções orgânicas – como alcoóis, aldeídos, estéreis, fenóis e hidrocarbonetos – havendo sempre a prevalência de uma ou duas delas, que assim caracterizam os aromas. São insolúveis em água, mas solúveis em solventes orgânicos, sendo extraídos por técnicas simples, como por exemplo, o *arraste a vapor*. Os óleos essenciais apresentam atividades farmacológicas, como antissépticas, antiinflamatórias, antimicrobianas, entre outras.

O pesquisador e aromaterapeuta brasileiro Fabian Laszlo (2006) explica que, conforme o método empregado para extração dos óleos essenciais, suas características químicas podem ser totalmente alteradas, fazendo com que seus efeitos terapêuticos alterem-se juntos. Como exemplo, o autor cita a *Sálvia esclaréia* e a *Bergamota* que teriam seus componentes alterados conforme o método empregado. No caso da Bergamota, o componente bergapteno, sofreria perdas consideráveis se a extração fosse por destilação a vapor e não prensagem a frio das cascas. Essa perda do componente químico seria favorável, visto que ele é o responsável por manchas na pele, se não for devidamente utilizado. Assim, óleo extraído por destilação é um óleo mais seguro.

2.9 A EXTRAÇÃO DOS ÓLEOS ESSENCIAIS

Registros acerca das primeiras extrações de óleos essenciais contidos no site Statemaster (2009) informam que as primeiras extrações remontam à Mesopotâmia, há cerca de 4.300 anos atrás. Relatos feitos em tábuas de argila, em escrita cuneiforme, descrevem uma

mulher chamada Tapputi-Belatikallim - sendo este um dos primeiros registros na história da Química - a qual realizou, pela primeira vez, destilação de cálamos, mirra, cipreste e bálsamo. Consta que ela adicionava água a essas plantas, destilava-as e as filtrava várias vezes até conseguir extrair seu óleo essencial. Tapputi trabalhava junto a um pesquisador chamado Ninu.

Davis (1996) assinala que, também Avicena, versão latinizada para Abu 'Ali AL-Husayn Ibn 'Abd Allah Ibn Sina, uma dos mais destacados médicos árabes de uma época em que a medicina árabe era a mais avançada do mundo, teve grande importância para a Aromaterapia, pois, além de ser creditado como o descobridor do método para se destilar óleos essenciais e flores, descreveu com precisão várias centenas de plantas e suas aplicações. Avicena nasceu em 980 d.C. na cidade de Bukara, Pérsia (atualmente situada na república do Uzbequistão das ex-União Soviética).

Os métodos de extração empregados no passado eram bem simplificados e os produtos obtidos a partir deles nem sempre eram óleos 100% puros. Ainda conforme a autora, mencionada, atualmente, com a tecnologia de ponta que permeia fábricas, laboratórios, destilarias, é possível se obter óleos essenciais de puríssima qualidade e concentração, tornado aqueles extraídos no passado semelhantes a perfumes de segunda categoria. Os métodos mais rápidos de extração podem também comprometer o óleo final, embora seja uma maneira de baratear os custos com a extração. O calor e a pressão usados no momento da extração também são fatores que incidem na qualidade final do óleo, podendo alterar drasticamente sua qualidade terapêutica. As sensíveis moléculas de um precioso ativo que entra na composição de um óleo essencial podem ser oxidadas, transformando-o em um produto de menor eficácia ou, às vezes, até tóxico.

László (2006) ensina que, conforme o óleo que se vá extrair, as quantidades de plantas empregadas podem variar bastante. Para se produzir o óleo de jasmim, por exemplo, é necessário uma grande quantidade de pétalas, ao passo que o óleo de *tea tree* (*melaleuca*), pode ser produzido a um custo muito mais baixo, usando-se métodos mecânicos para colher as folhas dessa planta. Além disso, Worwood (1995, p. 20) esclarece que todas as plantas que produzem óleo essencial são diferentes no que se refere ao seu rendimento. A sálvia esclareia (*Salvia sclarea*), por exemplo, rende 0,3 a 1% de óleo essencial durante o processo de destilação; já o cravo-da-índia rende de 10 a 15%. Assim, o mesmo volume de cravo-da-índia rende até 45 vezes mais óleo essencial que a sálvia esclareia. O óleo de rosa (*Rosa damascena*), por sua vez, para ser obtido, requer 4.000 kg de flor. A quantidade de óleo essencial para esse volume de flores é de 1kg de óleo, usando-se processos modernos de

extração. Pode-se inferir que, em condições favoráveis (clima, solo, transporte), somente serão necessários 2.600 kg de flores para se produzir 1kg de óleo. No entanto, sob condições desfavoráveis, é possível chegar-se a 8.000 kg de flor para se produzir a mesma quantidade de óleo. Este é um dos motivos pelo qual o óleo de rosa é um dos mais caros do mundo, juntamente com o jasmim, sendo denominado muitas vezes de “*pedras preciosas líquidas*”.

2.10 MÉTODOS EMPREGADOS NA EXTRAÇÃO

Neste tópico, para que se possa ter uma ideia do processo de obtenção dos óleos essenciais, far-se-á uma breve descrição das várias formas de destilação, desde as mais antigas e rudimentares até as mais avançadas, em função da tecnologia hoje disponível. É importante notar que, embora os processos de obtenção das essências aromáticas de plantas tenham se aprimorado ao longo do tempo, certos processos, como por exemplo o *enfleurage*, ainda é utilizado em várias partes do mundo, principalmente naqueles países onde a tradição de perfumes naturais é cultuada, como exemplo, pode-se citar a Índia, o Tibete e o Paquistão, entre outros.

Worwood (1995, p. 19) descreve as seguintes formas de destilação.

2.10.1 Destilação a Vapor



Figura 3 – Método de destilação a vapor.
Fonte: CORAZZA (2002)

Este processo é geralmente usado em: folhas, ervas, sementes, raízes e madeiras.

A *destilação a vapor* é o mais comum método de extração de óleos essenciais. Destiladores mais antigos são a favor deste sistema e dizem que nenhum dos outros existentes produz óleos essenciais de tão boa qualidade. Normalmente é empregado para obter-se óleos essenciais de folhas e ervas, mas nem sempre é indicado para extrair o óleo essencial de sementes, raízes, madeiras e algumas flores. Por exemplo, flores como o jasmim, podem, devido à alta pressão e calor empregado no processo, sofrer destruição de suas frágeis moléculas aromáticas, vindo a perder todo o seu perfume e princípios ativos. Nestes casos, solventes, como CO₂ e a hidrodestilação são mais recomendados.

Uma caldeira contendo água é aquecida até o ponto de ebulição da água e, logo acima dela, fica um reservatório contendo partes da planta de onde se extrairá sua substância oleosa. Quando o vapor, proveniente da caldeira, passa subindo através do reservatório contendo o material, ele leva consigo pequenas gotas de óleo. Saindo da caldeira, o vapor circula através da planta, na dorna (parte do destilador onde se colocam as plantas frescas ou secas a serem destiladas), forçando a quebra das frágeis bolsas intercelulares, que se abrem e liberam o óleo essencial. Essas gotas seguem conjuntamente com o vapor de água até um condensador onde se decantam, são resfriadas e coletadas em um frasco tipo florentino ou um funil de separação, pois a água e o óleo geralmente formam frações separadas. O rendimento desse processo varia muito conforme a espécie de planta utilizada, mas comumente é muito baixo e certos compostos do óleo podem perder suas propriedades organolépticas e até mesmo sofrer alterações com o aquecimento. Quando ocorre a destilação da planta para se obter o óleo essencial, a água perfumada que obtemos desse processo chama-se *hidrolato* e é uma forma 100% natural de perfumar o ambiente, de tonificar e limpar a pele.

O óleo essencial obtido através desse processo é separado da água e coletado no vidro florentino, como se pode ver a seguir:

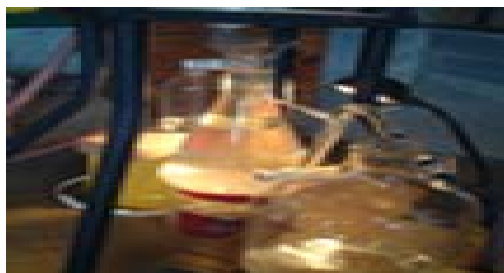


Figura 4 – Óleo essencial pós-destilação

Fonte: MESSORI (2009)

2.10.2 Extração por Fluido Supercrítico ou por CO₂ (Dióxido de Carbono)

Lazsló (2006) ensina que esta forma de destilação é usada geralmente para destilar folhas, ervas, sementes e flores, mas nem sempre indicado para se extrair o óleo essencial de raízes e madeiras, pelo fato de se necessitar de um tempo longo para destilar essas partes das plantas, correndo-se o risco da água secar, evaporar e queimar a planta armazenada para a destilação.

Esse método utilizado atualmente, em especial pela indústria farmacêutica, recebe o nome de *extração por fluido supercrítico*. Esse sistema se assemelha ao de arraste a vapor, porém o solvente utilizado é o CO₂ (dióxido de carbono) submetido à alta pressão. Nessas condições ele torna-se líquido. Em seguida ele passa por um reservatório especial constituído por aço inox eletro-polido e revestido internamente com uma camada vítrea que contém o material vegetal de onde se extrairá o óleo. Assim que o CO₂ passa pelo material, arrastando praticamente toda parte oleosa, ele muda de estado, tornando-se gasoso novamente e dessa forma as pequenas gotas de óleo condensam-se nas paredes do reservatório e escorrem para um recipiente de coleta, enquanto que o CO₂ é recolhido novamente por um sistema de compressão e posteriormente reutilizado. Esse método possui grandes vantagens, pois não polui a água, não altera a constituição dos óleos extraídos e aproveita-se novamente o mesmo solvente.

2.10.3 Extração com Solventes Voláteis

Ainda segundo o autor, este método de destilação é utilizado em plantas mais delicadas, cujo óleo é mais indicado para uso em perfumaria e cosmética. As plantas são mergulhadas em um solvente químico adequado (cetona, hexano ou qualquer outro derivado do petróleo), sendo que o produto final obtido é chamado de *concreto*. O concreto pode ser dissolvido em álcool de cereais para remoção dos solventes. Com a evaporação do álcool temos o *absoluto*.

No processo de destilação por solventes voláteis obtém-se, além do óleo essencial, ceras, parafinas, gorduras e pigmentos. O concreto apresenta uma consistência pastosa e, pelo fato de se utilizar solventes químicas em sua extração, pode conter resíduos do

solvente no final do processo, sendo, por tal motivo, mais utilizado em perfumaria e cosmética. O teor de solvente no produto final varia de -1% a 6%.

2.10.4 Prensagem

Conforme o mesmo autor, a prensagem é um método utilizado especialmente para extração de óleos de caroços e sementes de plantas, principalmente quando se deseja que o óleo esteja livre de contaminação por misturas de solventes. Os óleos de frutas cítricas como limão, laranja, grapefruit e bergamota e de oleaginosas como amêndoas, castanhas, gérmen de trigo e oliva, são geralmente extraídos por meio desse processo. A indústria alimentícia utiliza muito esse tipo de extração que consiste em colocar dentro de um recipiente especial, contendo inúmeros furos muito pequenos, os caroços ou sementes os quais são esmagados por uma prensa hidráulica. O óleo obtido pela prensagem passa através desses furos, enquanto a maior parte da polpa permanece no recipiente para posteriormente ser aproveitada como adubo, ração para gado ou simplesmente descartada. O óleo obtido passa, então, por filtros e após essa etapa está praticamente pronto para comercialização.

2.10.5 *Enfleurage*, *effeurage* ou enfloragem



Figura 5 –Método de extração de óleos por *enfleurage*
Fonte: CORAZZA (2002)

A forma de extração por *enfleurage*, segundo a pesquisadora Davis (1996, p. 160), é um método utilizado pela indústria cosmética e de perfumaria que consiste em colocar as plantas ou pétalas de flores em solventes orgânicos inodoros ou outros óleos mais baratos também inodoros. As flores são colocadas em pratos de vidro, que são depois sobrepostos e encaixados por uma tração, que irá apertá-los, dando chances ao óleo essencial de se desprender das flores e penetrar o óleo carreador escolhido. Todo esse óleo que escorre é aparado num recipiente e depois separado criteriosamente. Esse processo é geralmente utilizado quando o rendimento de extração é extremamente baixo, visando solubilizar um óleo raro em outro óleo ou solvente. Normalmente esse processo gera duas frações, uma chamada **absoluto**, que é a mais cara e nobre não podendo exceder 6% no grau de impurezas, sendo 1% o ideal. A outra é chamada de **concreto** e contém restos de solventes e matérias graxas pesadas como parafinas, gorduras pesadas e ácidos graxos. Um fato interessante é que para se obter, por exemplo, 1 Kg. de absoluto de lótus (*Nelumbo nucifera*) são necessárias aproximadamente 100000 flores, e o preço por quilo atinge cerca de 10.000 dólares americanos por quilograma de **absoluto**. Já o **concreto** vale aproximadamente 1.000 dólares por quilograma.

2.11 ÓLEOS VEGETAIS CARREADORES

Para László (2006, p. 93), os óleos carreadores distinguem-se dos óleos essenciais por possuírem um alto teor de gorduras em sua constituição, e por isso, não podem ser obtidos por meio de destilação, mas sim pela prensagem de sementes, como nozes e amêndoas. Tais óleos, além de serem comumente empregados como diluidores dos óleos essenciais, podem ser utilizados também na alimentação. É o caso do óleo de soja, gergelim, girassol, castanha-do-pará e côco-babaçu. Estes, além de serem utilizados na alimentação, são também amplamente empregados em massagens, assim como o de amêndoas doces e semente de uva. O óleo de jojoba, abacate e caroço de damasco são utilizados como hidratantes naturais por sua textura leve e boa penetração. O óleo de jojoba é muito utilizado em perfumes oleosos por evaporar rapidamente, deixando na pele o aroma do perfume que foi elaborado com óleos essenciais.

Maxwell-Hudson (2000, p. 14) acrescenta que os óleos vegetais carreadores contêm vitaminas, proteínas e sais minerais, apresentando, assim, excelente hidratação e sendo muito eficazes para nutrir peles secas e envelhecidas, tornando-as lisa e macia. Os óleos obtidos

por prensagem a frio são os melhores, pelo fato de não apresentarem comprometimento de suas moléculas de gordura, quando de sua extração por outros métodos. Tal processo, todavia, apresenta um custo bastante elevado, tornando esse método de extração deveras custoso em termos financeiros. Os óleos vegetais apresentam também um cheiro característico, pois contêm óleos essenciais em sua composição química. O refino, feito normalmente para retirar o cheiro e cor forte que alguns deles possuem, pode destruir algumas vitaminas, sais minerais e outras substâncias importantes que estariam presentes nesses óleos. O processo industrial de extração usa calor acima de 200 graus, destruindo vitaminas importantes e ácidos gordurosos.

Conforme consta no site Quinessence Aromatherapy (2009), alguns óleos como o de abacate, gérmen de trigo e côco, estão disponíveis no mercado nas formas refinado e não-refinado e, dependendo da ocasião, deve-se optar pelo não-refinado, uma vez que, durante o processo de refino, certas propriedades certamente foram perdidas. As indústrias de cosméticos, todavia, preferem os óleos refinados porque eles apresentam sempre uma cor mais clara e um cheiro mais agradável, tendo melhor aceitação pelos consumidores em geral.

Os óleos vegetais carreadores são extremamente importantes na Aromaterapia pelo fato de serem os veículos de diluição dos óleos essenciais. Não se aconselha o uso de óleos voláteis direto sobre a pele, pois como são produtos concentrados podem ocasionar irritações e queimaduras, principalmente se forem óleos essenciais cítricos. Assim, a diluição é sumamente importante. Para o caso de massagens, tal prática é extremamente necessária porque os óleos carreadores facilitam o deslizamento das mãos durante a massagem. Desta forma, “carregam” os óleos essenciais pelas partes do corpo da pessoa que está sendo massageada, fazendo com que eles penetrem mais facilmente nas camadas mais profundas da pele (na derme).

Os óleos carreadores têm sua importância assegurada na prática da Aromaterapia pelo fato de diluírem os óleos essenciais utilizados em massagens e pela nutrição que proporcionam a todo tipo de pele.

Como se pode ver neste capítulo, a prática da Aromaterapia é uma alternativa segura e eficaz e, no dizer de Worwood (1991, p. 3), “está bem embaixo do nosso nariz, guiando-nos até eles através de seu doce aroma.”¹³

¹³ The alternative is literally under our noses, drawing us to them with their sweet-smelling aroma (WORWOOD, 1991, p. 3).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

You could never
Have a relationship
with someone whose
smell you didn't like!
(Margaret Mead)

Neste capítulo, discorrer-se-á sobre as diferentes concepções teóricas da Terminologia, a fim de dar uma visão geral (e histórica) acerca dessa importante área dos estudos do léxico. Embora esta pesquisa sobre a Aromaterapia se situe na proposta teórico-metodológica da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), as reflexões acerca de outras concepções teóricas ajudaram a compreender melhor o objeto de descrição e análise desta tese.

Para Dubuc (1985, p. 18): “Dans son sens premier, le mot terminologie s'est dit d'un ensemble de termes propres a une activité ou à une discipline: par exemple la terminologie de la chimie, établie par Lavoisier et ses collaborateurs. Ce sens est encore très vivant en français actuel.” (Dentre seus sentidos primordiais, a palavra terminología pode ser entendida como o conjunto de termos próprios de uma atividade ou de uma disciplina: por exemplo, a terminología da química, estabelecida por Lavoisier e seus colaboradores. Este sentido ainda está muito vivo na França, atualmente). Desta forma, seu caráter referia-se a um conjunto de termos de uma dada área, porém, a observação mais atenta mostra que o trabalho com o vocabulário especializado é tão antigo como a própria humanidade. A necessidade de nomear o mundo que existe ao redor do homem sempre o acompanhou. E nomear significa dar nomes a objetos, coisas, instrumentos de trabalho, plantas e animais, enfim, tudo que compõe a sua realidade. Mas essa realidade, muitas vezes, carecia de contato entre outras civilizações e outras línguas, gerando a necessidade de uma comunicação eficiente entre os integrantes desse mundo multilíngue. Desta forma, surgiram as primeiras ponderações acerca de uma disciplina que versasse sobre termos e sua parte prática.

A compreensão da Terminologia como conjunto de termos de uma dada área científica ou técnica, assim como disciplina de caráter linguístico tiveram como preocupação preliminar a comunicação das ciências em um mundo multilíngue, premido pela necessidade de contato entre civilizações. Isso gerou reflexões, por parte de alguns estudiosos, em relação à finalidade prática da terminologia, exigindo também ponderações sobre os

termos. Esses estudos originaram as chamadas Escolas de Terminologia: a de Viena, a de Praga e a escola Russa. Cabré (1993, p. 39) refere-se a essas escolas como “primeira tendência da Terminologia”. Veja-se: “La primera tendencia de la terminologia está representada por tres escuelas: la de Viena, la de Praga e la de Moscú.” Para a autora citada, anteriormente: “La escuela Vieneses de terminología, hoy la más ampliamente difundida em todo el mundo, se basa em los trabajos de E. Wüster y adopta los principios de la teoria general de la terminología”.

A escola tcheca de terminologia surge como “consecuencia de los trabajos de linguística funcional de la escuela de Praga.” (CABRÉ, 1993).

Já a escola soviética, inspirada nos trabalhos de Caplygin, Lotte e seus colaboradores, “conosce las publicaciones de Wüster desde el mismo momento em que aprecen.” (CABRÉ, 1993). Todas essas escolas “tienen em común el hecho de moverse em una perspectiva de base linguística,” conforme Cabré (1993, p. 39).

Posteriormente, a escolado Canadá e de Quebec agregaram-se às escolas introdutórias, prestando relevante contribuição ao estabelecimento das bases da disciplina.

No dizer de Krieger e Finato (2004, p. 31), é possível distinguir os estudos que se fixaram como enfoque cognitivo do fenômeno terminológico, de outros que se desenvolveram sob uma visão do funcionamento linguístico do termo. No primeiro caso, situação das Escolas clássicas, prevalece uma perspectiva normativa das terminologias; no segundo, o fundamento é descrito sobre o léxico especializado, ganhando ainda mais impulso quando do desenvolvimento da Linguística.

3.1 WÜSTER E A TGT

Wüster, fundador da escola de Viena, desenvolve seus estudos sob o enfoque cognitivo e normativo, dando origem à Teoria Geral da Terminologia (TGT). Tal teoria, marco na história da área, encontra-se registrada em sua obra póstuma, *Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicologia Terminológica*. A versão original foi publicada na Alemanha, em 1979, logo após a morte de Wüster, por seu discípulo, Helmut Felber (1984), que reuniu manuscritos e notas de aulas de Terminologia que o mestre havia ministrado na Universidade de Viena entre 1972 e 1974.

A tese de doutoramento *A Normalização Internacional da Terminologia Técnica*, apresentada em 1931, reafirma sua preocupação e envolvimento com organizações internacionais de padronização terminológica, conforme Krieger e Finato (2004). Wüster deixou também um dicionário bilíngue sobre a terminologia da máquina-ferramenta (Te Machine Tool).

A essa época, as preocupações de Wüster relacionavam-se à metodologia e às normas, e não à teoria, pois ele considerava a terminologia como um instrumento de trabalho que deve servir de forma eficaz para desfazer a ambiguidade na comunicação científica e técnica. De fato, seu interesse pela teoria iria começar somente mais tarde. Na abertura do simpósio da Infoterm, em 1975, Wüster (apud CABRÉ, 1993, p. 27) atribui a paternidade intelectual da teoria da terminologia a quatro pesquisadores: o alemão A. Scholoman; o linguista suíço F. de Saussure; o russo E. Dressen e o inglês J.E. Holmstrom.

Todavia, apesar de todo o esforço de Wüster e de sua compreensão sobre os mecanismos dos léxicos terminológicos, a teoria clássica pouco avançou na explicação do real funcionamento do termo. Consolidaram-se, assim, somente as orientações metodológicas referentes às produções terminográficas de cunho totalmente prescritivo, ficando a teoria, limitada a uma visão redutora.

Na verdade, para Wüster, os termos expressam conceitos e não significados. No entendimento de Krieger e Finato (2004) “[...] Ao contrário destes, que são linguísticos e variáveis, conforme o contexto discursivo e pragamático, os conceitos científicos são atemporais, paradigmáticos e universais.” Uma concepção positivista da Ciência, portanto. Dissocia o pensamento da linguagem e caracteriza-se por uma visão predominantemente onomasiológica da TGT, atualmente muito criticada pela sua proposta prescritiva e normalizadora.

Almeida (2006, p. 85) completa: “Desde os anos de 1990, vem-se questionando a insuficiência dos postulados da terminologia clássica, a chamada Teoria Geral da Terminologia (TGT), de Eugen Wüster, como orientação teórica e metodológica para a geração de produtos terminológicos.”

Apesar das críticas, a TGT tornou-se referência internacional, sendo inegável sua contribuição à consolidação da Terminologia.

3.2 A TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA (TCT)

Centrar-se-á, a seguir, na proposta da TCT a partir da qual se realizou esta pesquisa.

As limitações da TGT aliadas à intensa atividade no campo da Terminologia, durante as últimas décadas, promoveram intensa reflexão, suscitando o aparecimento de uma nova proposta teórico-metodológica para a terminologia Assim, surge a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) proposta por Maria Teresa Cabré e o grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada, da Universidade de Pompeu Fabra, em Barcelona, Espanha. Deve-se ao grupo a iniciativa e o pioneirismo no debate sistemático e crítico à Teoria Geral da Terminologia (TGT).

Dentro das críticas apontadas, destacam-se algumas insuficiências da Escola de Viena para se constituir em uma nova teoria da Terminologia. Listam-se, a seguir, algumas delas:

- a) a finalidade em si da teoria, a qual se limita ao estudo dos termos com vistas à sua padronização;
- b) a concepção acerca da unidade terminológica, separando-se conceito (elemento independente das línguas e de valor universal) e significado (ligado a línguas particulares);
- c) falta de interesse no que diz respeito às estruturas morfológicas, pelos aspectos sintáticos das unidades lexicais, e uma valorização excessiva da função denominativa;
- d) silêncio sobre a variação formal e conceptual das unidades especializadas, não permitindo analisar-lhe a poliedricidade inerente. (CABRÉ, 1999).

A TCT articula-se nos fundamentos epistemológicos que valorizam os aspectos comunicativos das linguagens especializadas, em detrimento dos propósitos normalizadores, assim como compreendem que as unidades terminológicas são parte da linguagem natural e são regidas pela gramática das línguas. Postula, por exemplo, *a priori*, que não há termos, nem palavras, somente unidades lexicais, que adquirem estatuto terminológico assim que se inserem nas comunicações especializadas. Portanto, “uma unidade lexical pode assumir o estatuto de termo em função de seu uso em contexto ou situação determinados.” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 35).

Assim, decorrente da compreensão de que o termo constitui-se num elemento natural das línguas naturais, sofrendo todas as implicações sistêmicas e contextuais como qualquer palavra da língua, fica clara a aceitação da variação em toda a sua dimensionalidade.

Como decorrência da visão linguística nos estudos terminológicos, há um impulso na busca de maior conhecimento sobre a estrutura e funcionamento do termo, objeto primeiro da Terminologia.

Corroborando esse novo posicionamento em relação aos termos, Barros (2004, p. 57) esclarece que “a TCT considera o signo terminológico como uma unidade linguística composta de forma e conteúdo indissociáveis.” Desta maneira, pode-se assumir que, sem um contexto, ou seja, fora do discurso, as unidades léxicas não possuem estatuto nem de palavras nem de termos: são simplesmente unidades léxicas. A unidade lexical passa a ser termo com o *uso* dentro de um contexto específico de comunicação.

Cabré (1999, apud BARROS, 2004, p. 58) assenta os fundamentos da TCT em um tripé teórico:

- a) na *teoria do conhecimento*, que se ocupa de estudos relativos às possibilidades e tipos de conceptualização da realidade, e à relação conceito-designação;
- b) na *teoria da comunicação*, que estuda os tipos de situação comunicativa passíveis de realização, a relação entre situação e tipo de comunicação, e explica as características, possibilidades e limites dos diferentes sistemas de expressão de um conceito;
- c) em uma *teoria da linguagem* que seja capaz de analisar as unidades terminológicas em sua generalidade (como unidade da língua geral) e em suas particularidades (como unidades linguísticas que designam conceitos de um dado domínio em uma dada situação de uso).

Assim, a nova teoria proposta por Cabré, que se opõe à TGT de Wüster, apresenta uma visão comunicativa da linguagem. O foco prioritário da problemática do conceito é descartado, passando a priorizar os termos como unidades linguístico-comunicacionais. Essa visão comunicativa da Terminologia pode ser compreendida a partir da concepção de que “não há diferença *a priori* entre termo e palavra, o que há são signos linguísticos que podem realizar-se no discurso como termo ou palavra, dependendo da situação comunicativa” (ALMEIDA, 2006, p. 87). A ideia, portanto, de que um termo pertence a uma área específica ou domínio, constitui-se, de certa forma, em uma incoerência, uma vez que para a TCT, os termos podem ser *usados* em um domínio.

A proposta teórica da TCT conquista terreno a passos largos, pois representa as aspirações dos pesquisadores em terminologia descritiva. No caso específico do Brasil, país multilíngue e com grande variedade dialetal, “só mesmo uma teoria descritiva para dar conta das especificidades das terminologias aqui praticadas” (ALMEIDA, 2006, p. 85).

3.3 A SOCIOTERMINOLOGIA

Entre os enfoques variacionistas, a Socioterminologia constituiu-se como uma das inovações propostas para os estudos terminológicos. Essa teoria, inspirada na Sociolinguística e na vertente francesa da Análise do Discurso, buscou estabelecer postulados que explicassem a Terminologia como uma disciplina de ordem social. Essa nova visão dos estudos terminológicos foi defendida, sobretudo, pelos pesquisadores da Escola de Quebec, no Canadá.

Para se falar em Socioterminologia, faz-se necessário situá-la no âmbito da interação social. Para Faulstich (2006, p. 27), no que concerne ao Brasil, a história da terminologia está inserida na mistura de “falares dos habitantes naturais da terra e dos que para cá vieram”. A fim de ilustrar o que afirma, a autora cita o caso de dicionários que trazem os termos da fauna e da flora, como sinalizadores da terminologia indígena, no português brasileiro, além daqueles termos que se referem ao sincretismo religioso, à culinária, às credices, à música, entre outros termos populares, com marcas de origem africana, bem como emprestados, expressões híbridas e decalcadas. Desta forma, conforme a autora, não é novidade dizer que a diversidade cultural brasileira aparece refletida na terminologia cotidiana.

Os dicionários comuns, desde a história da formação do léxico brasileiro, sempre procuraram registrar termos provenientes de linguagens técnicas, uma vez que estes constituem informação necessária, rica e útil, parte integrante da prática linguística de qualquer comunidade que se desenvolve. É interessante mencionar, também, se se fala em terminologia como disciplina que sistematiza os termos e conceitos, o discurso de onde provém. Neste caso, posto que o termo nunca é usado fora da situação discursiva em que é criado, deve-se considerar pelo menos três discursos que estão na base da produção terminológica: o científico, o técnico e o da vulgarização científica (FAULSTICH, 2006, p.

27). Esses discursos são a fonte natural de onde emanam os termos utilizados nas comunicações entre profissionais.

A Socioterminologia, como ramo da Terminologia, tem como escopo auxiliar na planificação linguística, oferecendo recursos sobre circunstâncias da elaboração desses discursos, explorando as inúmeras ligações entre a terminologia e a sociedade. O termo *Socioterminologia* refere-se ao estudo das línguas de especialidade a partir de um enfoque social e esta característica da disciplina, voltada para o social, é discutida com maior propriedade por François Gaudin. Em dezembro de 1993, ele publica sua tese de doutorado em livro, *Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*, declarando que a Socioterminologia deve - além de repensar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação - também preocupar-se com as causas de seu emprego e as razões do êxito em sua utilização, no seio das práticas linguísticas e sociais concretas, pelos homens que as utilizam em seus discursos (FAULSTICH, 2006, p. 29).

O marco decisivo do desenvolvimento teórico explícito da Socioterminologia pode ser delimitado no início dos anos 90, sobretudo através de Yves Gambier que, por meio de suas publicações, contribuiu para a divulgação da teoria.

A Socioterminologia distancia-se da linha teórico-metodológica proposta por Wüster, nos anos de 1930, que primava por seu caráter normativo, considerando, portanto, que não deve haver ambiguidade na comunicação especializada, e o princípio de univocidade (um conceito só pode ser designado por um único termo) que deveria ser respeitado a todo custo. Desta forma, rejeitava-se a ideia da variação linguística, da sinonímia, da polissemia e da homonímia. Tal visão, conforme Barros (2006), tem-se chocado com a realidade observada pelos estudos terminológicos, em seu caráter descritivo, evidenciando as restrições do modelo wüsteriano e proporcionando o surgimento, dentre tantas outras contribuições, da Socioterminologia. Esta apresenta, em seu escopo, a preocupação de analisar a Terminologia sob o ponto de vista das práticas linguísticas e sociais concretas daqueles que as empregam. Desta maneira, opõe-se à análise *in vitro* das terminologias (TGT) e privilegia um estudo *in vivo* no que concerne às línguas de especialidades. Portanto, o que a fundamenta é o uso dos termos, situando sempre a comunicação especializada em seu lugar social. Essa postura, conforme a autora, evidencia os aspectos sociais da linguagem de especialidade, tendo como pressuposto que a prática da terminologia é inseparável do conhecimento do ambiente onde ela se processa, bem como das práticas de linguagem às quais procura sempre modificar ou assegurar. Como tal, a Socioterminologia reconhece a existência da sinonímia, da homonímia, da polissemia e da variação linguística no âmbito dos discursos especializados. Também em

relação ao signo linguístico, apresenta a mesma visão do mestre genebrino, Saussure, ou seja, uma unidade que se compõe de conteúdo e expressão indissociáveis, sem que um seja prioritário ou preceda o outro. Já para a TGT (e Wüster), o conceito e o termo são entidades diferentes: propriamente o conceito, que independe da expressão.

Faulstich (1993, apud SILVA, 2008, p. 71) interpreta a Socioterminologia sob dois pontos de vista: como prática do trabalho terminológico e como disciplina descritiva.

- a) Como prática do trabalho terminológico fundamenta-se na análise das condições sociais e linguísticas de circulação do termo de acordo com os princípios de funcionamento da linguagem;
- b) Como disciplina descritiva estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social. Assim, deve ter como auxiliar, os princípios da Sociolinguística (os critérios da variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva da mudança), assim como os princípios básicos da etnografia (as comunicações entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos internacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito).

A Socioterminologia preocupa-se, portanto, com o registro dos termos em suas situações reais de uso, assim como sua frequência de uso. As variações terminológicas são identificadas e analisadas em seus contextos social, situacional, espacial e linguístico.

Discorrer-se-á, de forma breve, no item a seguir, sobre a proposta da teoria Sociocognitiva da Terminologia.

3.4 TEORIA SOCIOCOGNITIVA DA TERMINOLOGIA

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (doravante TST) surge no final dos anos 90, dentro de uma abordagem cognitiva, re(pensada) por Rita Temmerman. Dentro das reavaliações da TGT, Temmerman (2000) avalia que os pressupostos teóricos dessa teoria não conseguiam explicar, de forma explícita, os fenômenos das *línguas de especialidade* e propõe, então, a TST, com base na Semântica Cognitiva.

A TST surge, pois, como alternativa aos postulados da TGT. Para os defensores dessa teoria os princípios defendidos por Wüster e seus seguidores não são reais, em decorrência de se concentrarem na prescrição e não na descrição de usos de terminologia.

Temmerman (2000, p. 20) sugere, que aos princípios e métodos da TGT, fossem acrescentados os princípios da TST. Para a autora, o arcabouço teórico da TST formularia, como consequência, um novo paradigma para a Terminografia.

Temmerman (2000, p. 21) contrasta alguns princípios da TGT em comparação às novas aportações da terminologia. Transcreve-se, a seguir, essas distinções como forma de melhor visualizar as principais inovações frente à TGT, propostas pela autora.

Contrastes entre os princípios da TGT e a realidade da terminologia nas *ciências da vida*:

Princípios da Terminologia Tradicional	Observações da TST a respeito da Terminologia
Primeiro princípio: A terminologia parte do conceito sem considerar a língua.	A língua tem relevante papel na concepção e na comunicação das categorias.
Segundo princípio: os conceitos são bem definidos e possuem um lugar em um sistema de conceito estruturado lógica ou ontologicamente.	Muitas categorias não podem ser classificadas por meios lógicos ou ontológicos.
Terceiro princípio: um conceito é definido de forma ideal.	Uma definição intencional muitas vezes não é nem possível nem desejável.
Quarto princípio: um conceito é designado por um termo e um termo designa somente um conceito.	A polissemia, a sinonímia e os sentidos figurados ocorrem na língua de especialidade e cumprem um papel funcional.
Quinto princípio: a relação conceito/termo é permanente.	As categorias se desenvolvem, os termos mudam de significado.

Quadro 1 – Contraste entre os princípios da Teoria Tradicional e a realidade estudada pela Teoria Sociocognitiva da Terminologia.

Fonte: Temmerman (2000, p. 21, tradução nossa)

Temmerman (2000, p. 21), a partir desses contrastes entre a “os princípios da teoria tradicional e a realidade da terminologia nas *ciências da vida*, estabelece novos princípios que dão origem à Teoria Sociocognitiva da Terminologia”. A autora percebe dois grandes objetivos para a Terminologia: o primeiro, que concerne às teorias que gravitam em torno da disciplina; o outro diz respeito à busca dos melhores métodos e orientações para a terminografia. Os princípios listados, a seguir, são necessários a uma teoria da Terminologia, destacando *novos rumos* aos estudos terminológicos.

Princípio um: as unidades de conhecimento

Na terminologia tradicional, a palavra chave era o *conceito*; na TST esse termo é substituído por *unidade de conhecimento*, partindo da premissa de que o indivíduo compreende o mundo através de *frames* cognitivos ou de modelos cognitivos idealizados (*Idealised Cognitive Models - ICMs*). Essa teoria propõe que, para estudar a terminologia de uma dada área do conhecimento, deve-se partir das unidades de conhecimento em vez de conceitos.

Temmerman (2000, p. 77) compara ainda a visão que os defensores da terminologia tradicional têm sobre a *palavra*, a *língua* e a *mente* com o que ela defende em sua teoria. A TST propõe, então, que ao estudar a terminologia de uma dada área do conhecimento humano a noção de conceito seja substituída pela noção de unidade de compreensão. Muitas dessas unidades possuem estrutura prototípica e, por isso, podem ser denominadas categorias.

Princípio dois: a categorização

Segundo esses princípios, a compreensão do mundo está diretamente ligada à categorização. Cada categoria é compreendida como existente dentro de modelos cognitivos. A compreensão, nesse caso, caracteriza-se como eventos estruturados. Segundo Temmerman (2000, p. 271), cada categoria possui uma estrutura prototípica com informações inter e intracategorial.

Princípio três: a definição

Esse princípio aborda a problemática da definição que depende do tipo de unidade de conhecimento e do nível de especialização dos interlocutores (emissor e receptor). A partir desses aspectos se estabelecem as informações que a definição deve conter.

Princípio quatro: sinonímia e polissemia

O quarto princípio diz respeito ao estudo da polissemia e da sinonímia nos discursos especializados. Contrariando os princípios da teoria clássica, a TSC parte da flexibilidade e da diversidade existentes no processo de categorização, ambas observadas nos textos especializados. Assim, não há dúvidas, segundo Temmerman (2000, p. 113), da existência de sinonímia e polissemia que fazem referência a categorias prototipicamente estruturadas de forma diferentes e que possuem características funcionais.

Princípio cinco: modelos cognitivos estão sempre em constante evolução

No quinto princípio, Temmerman (2000, p. 274) informa que o desenvolvimento constante das unidades de conhecimento pode ser explicado pelos diversos fatores que co-ocorrem de forma simultânea e que influenciam a escolha do modelo cognitivo¹⁴:

- a) necessidade de mais e de melhor compreensão;
- b) interação entre diferentes línguas;
- c) estrutura prototípica na compreensão das categorias, que pode ser vista como o resultado e a causa da evolução do significado.

Para a TST, a descrição dos termos será efetuada a partir do **(i)** conteúdo dos domínios de especialidade e **(ii)** em função do perfil do usuário potencial do trabalho terminográfico.

Modelos cognitivos, assim como ICMs (Idealised Cognitive Models) têm papel preponderante no desenvolvimento de novas ideias. Isto explica como a lexicalização pode ser motivada.

Para Temmerman (2000), a teoria da TST é um paradigma que envolve um certo número de princípios que contrastam com o paradigma da TGT. E explica que a terminologia, para ser uma disciplina completa, necessita muito mais que princípios. Precisa

¹⁴ a) the urge for more and better understanding; b) the interaction between different language users; c) prototype structure in the understanding of categories which can be simultaneously as the result of and as one of the causes of meaning evolution (TEMMERMAN 2000, p. 274).

de ferramentas, em forma de métodos e técnicas, com o intuito de analisar dados, os quais são passíveis de atender a duplos propósitos.

Para Krieger e Finato (2004, p. 37), a teoria de Temmerman está estruturada sobre paradigmas da hermenêutica. Isso explicaria o enfoque correlacionado “a uma abordagem cognitivista da ciência”, tendo por base “uma análise da terminologia empregada pelas ciências biológicas”.

No que diz respeito à Terminografia, Temmerman (2000, p. 278) declara que a TST requer que se repense esta face prática da Terminologia. O terminógrafo deve ser treinado para começar o trabalho a partir das *unidades de conhecimento*, que apresentam, pelo menos três aspectos:

- i) podem ser percebidas por terminólogos e terminógrafos, desde que existam na língua;
- ii) referem-se a algo que pode ser percebido e concebido dentro de uma realidade;
- iii) podem ser compreendidas, na mente dos especialistas, terminólogos e terminógrafos.¹⁵

Isso implica dizer que a compreensão wüsteriana de análise, que postula que o conceito deve ser tratado como algo que existe objetivamente e independente da compreensão humana e da linguagem, está equivocada e precisaria ser modificada (TEMMERMAN, 2000, p. 279).

Essa perspectiva teórica também corrobora a existência do fenômeno da variação no discurso especializado. Ao defender que os termos são unidades de compreensão e representação que funcionam como modelos cognitivos e culturais, os defensores da TST assumem as influências do meio cultural no falante de uma língua. E esse falante é o mesmo tanto no discurso comum quanto no discurso especializado.

3.5 A VARIAÇÃO EM TERMINOLOGIA

A variação terminológica começou a ser discutida, ainda timidamente, nos anos de 1980. Para Silva (2008, p. 122), “os primeiros a abrirem a discussão foram os

¹⁵ i) they can only be discovered by terminographers and terminologists as soon they exist in the language; ii) they refer to something which can be perceived or conceived of in some reality iii) they understood in the mind of specialists, terminologists and terminographers (TEMMERMAN, 2000, p. 278).

quebequenses, juntamente com os franceses, na denominada Escola de Québec, que deu origem à Socioterminologia.”

Sempre que vem à mente o termo variação, pensa-se logo em mudança. Essa conceituação, feita pelo senso comum, faz sentido. E Dubois et al corroboram com essa conceituação ao dizerem que: “Variação é o fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social.” (DUBOIS et al.,1993, p. 609).

O fenômeno da variação linguística, presente na língua comum, também consta das línguas de especialidade.

Entre os enfoques comunicativos e variacionistas, destaca-se a Teoria Comunicativa da Terminologia que nasceu das discussões e reavaliações das propostas teóricas existentes até o início dos anos 90. A principal teoria analisada e criticada pela TCT foi a Teoria Geral da Terminologia. O objetivo principal do grupo de pesquisadores de Barcelona era elaborar uma teoria terminológica preocupada com o fenômeno comunicativo das línguas de especialidades.

Muitos foram os aspectos da TGT discutidos e analisados. Entre esses aspectos destacaram-se as concepções de “termo”, de “variação”, bem como a própria compreensão do que é, de fato, “língua de especialidade”. Esses aspectos foram questionados e apresentaram-se novas diretrizes para seus conceitos e análise. No decorrer do amadurecimento da TCT, pôde-se observar também que se chegou a uma compreensão diferente do que se propunha no início da década de 90, sobretudo com relação ao termo.

Entre os pressupostos básicos da TCT, Bevilacqua (1998, p. 122) menciona os seguintes:

- é uma perspectiva linguística que incorpora, além de uma teoria da língua, uma teoria do conhecimento e uma teoria da comunicação;
- concebe a língua como um sistema que inclui gramática, semântica e pragmática;
- considera os textos ou os discursos especializados como base da comunicação especializada e, portanto, estes discursos fazem parte da língua natural [...];
- considera o texto como âmbito natural das Unidades de Significação Especializada, o que permite uma descrição mais ampla das unidades terminológicas bem como de outras unidades de significação especializada;
- considera as Unidades de Significação Especializada como unidades que são ao mesmo tempo linguísticas, cognitivas e comunicativas;
- considera que as Unidades de Significação Especializada são, em princípio, unidades léxicas que fazem parte do léxico do falante e que adquirem valor de acordo com seu uso em determinado âmbito especializado e,

- admite a variação conceptual e denominativa das Unidades Terminológicas, levando em conta a dimensão comunicativa e discursiva dessas unidades.

Cabré (1999, p. 38) propõe, ainda, a integração de outros elementos para uma nova proposta teórica para os estudos terminológicos, entre eles:

O fato de o termo ou unidade terminológica poder ser estudada sob diferentes perspectivas (social, lingüística e cognitiva); o reconhecimento do termo como pertencente a uma língua natural e não a um sistema artificial; a aceitação da variação como fenômeno normal e inerente à linguagem, devendo ser adequadamente descrita em Terminologia e ainda a verificação de que as mudanças sócio-culturais e lingüísticas de uma comunidade influenciam nos conceitos.

Entre os aspectos estudados e discutidos, destacam-se três: o termo, a fraseologia e a definição, que, segundo Krieger e Finatto (2004, p. 75), são “os três objetos da Terminologia” que “projetam de diferentes maneiras os fundamentos do conhecimento especializado”.

Krieger e Finatto (2004, p. 62) definem o termo “como uma entidade complexa, cujo reconhecimento consiste numa das mais difíceis tarefas do trabalho terminográfico. Conseqüentemente, é um dos pontos nevrálgicos das aplicações terminológicas, bem como dos estudos teóricos de Terminologia.”

Para as autoras, “entender o termo é, de certa forma, entender o sentido maior desta área do conhecimento.” (KRIEGER; FINATTO, 2004).

O primeiro modelo teórico da Terminologia (TGT) via o termo como pertencente a uma sublinguagem, *forjado* com o objetivo de nomear um dado conceito preexistente, o que lhe dava um caráter de etiqueta ou rótulo.

Essa teoria não admitia a sinonímia e a polissemia. O princípio fundamental do termo era o da invariância conceitual, da monossemia e da monorreferencialidade. Um termo podia, então, nomear apenas um conceito. Para cada conceito dado estabelecia-se e se *normatizava* um dado termo, não se permitindo variações.

É comum um termo se unir a outro(s) em uma relação sintática hierárquica. “Este recurso formal de obtenção de unidades léxicas respeita as regras combinatórias do sistema lingüístico a que pertencem, incluindo, muitas vezes, conectores gramaticais.” (CABRÉ, 1993, p. 189).

Na Aromaterapia, temos, por exemplo, a unidade léxica *óleo* que, ao adquirir caráter de termo, une-se a outras lexias, por meio de um processo de expansão,

adquirindo novos semas, como em: *óleo de jasmim, óleo de rosa, óleo de sândalo, óleo de lavanda, etc.*

Para a TCT, portanto, o termo não pertence a nenhum âmbito temático em especial; na realidade, uma unidade léxica ganha *status* de termo ao se inserir em um âmbito temático. Isso reafirma a hipótese de que as línguas de especialidade são, na verdade, usos especializados de uma dada língua natural, como afirma Cabré (1999, p. 123): “los términos no pertenecen a, sino que son utilizados en [...]. E acrescenta: i) o caráter de termo é ativado em função do uso em um contexto e situação adequado. [...] ii) os termos são unidades léxicas, ativadas singularmente por suas condições pragmáticas de adequação em um tipo de comunicação” (CABRÉ, 1999, p. 123).¹⁶

Krieger e Finatto (2004, p. 78) retomam e reforçam esses argumentos: o que faz de um “signo lingüístico um termo é o seu conteúdo específico, propriedade que o integra a um determinado campo de especialidade”.

Cabré (1999, p. 78) afirma, portanto, que um termo é “elemento da linguagem em funcionamento [...]. Uma unidade léxica pode assumir o valor de termo, instituindo-se como tal, em razão dos fundamentos, princípios e propósitos de uma área”.

É importante ressaltar que, ao assumir caráter de termo, uma unidade léxica não deixa de ser parte integrante do acervo lexical de uma língua e, por isso, sofre todas as influências naturais por que passa qualquer língua viva.

Nesse sentido, os termos, entendidos como parte do acervo lexical de uma língua, também são criados, conservados ou transformados pelos usuários de dada comunidade linguística. Esses usuários, situados geograficamente, historicamente e culturalmente, são influenciados, sobretudo, pelo espaço geográfico em que vivem. Trabalhos científicos sobre extração de óleos essenciais, veiculados em revistas de agronomia na Região Nordeste (NASCIMENTO et al., 2003) priorizam a denominação *óleo de capim-santo* como forma comum e corriqueira, opondo-se ao termo *óleo essencial de capim-limão*, denominação mais utilizada na região de Minas Gerais e São Paulo.

Assim como o *termo* e a *definição*, o fenômeno da variação era abordado a partir de diferentes posturas teóricas. Inicialmente, os teóricos da Terminologia, sobretudo Wüster e seus discípulos, não admitiam qualquer tipo de variação terminológica. Viam-na

¹⁶ i) El carácter de término lo activan em función de su uso em um contexto y situación adecuados [...] ii) los términos son unidades léxicas, activadas singularmente por SUS condiciones pragmáticas de adecuación a um tipo de comunicación (CABRÉ, 1999, p. 123).

como um fenômeno inerente à língua natural, e assim, posto que a “língua de especialidade” não era considerada língua natural, não poderia abrigar tal fenômeno.

Tal concepção decorre dos princípios teóricos rígidos adotados pelos que defendiam a existência de limites claros e bem definidos entre a Lexicologia e a Terminologia. À Lexicologia cabia o estudo do léxico da língua comum, com todas as *deformações* que, porventura, incorresse nele. À Terminologia, por sua vez, a análise e descrição do *termo*, que por não pertencer à língua natural, era uniforme e não possuía variação de qualquer tipo - temporal, histórica, social, regional - bem como isento de qualquer marca ideológica. Tratava-se, portanto, de uma língua supostamente ideal e homogênea, cujo principal objetivo era a padronização da comunicação especializada.

A partir da década de 80 (sobretudo nos anos 90 do séc. XX), essa postura da TGT foi reavaliada, recebendo o fenômeno da variação a devida atenção. Isso se deu, sobretudo, pela percepção de que a língua de especialidade não era uma língua artificial, mas sim uma realização da língua natural, portanto, possuidora de todas as peculiaridades pertencentes a qualquer língua viva.

Nesse particular, Cabré (1999, p. 17) observou que a terminologia é, sobretudo, representativa da diversidade, e essa diversidade manifesta-se nas diferentes matérias que a compõem e nas diferentes funções que possui, independente da variedade de práticas que oferece, da diversidade de usuários que se servem dela e da diversidade de organizações que a trata.

Acresce-se a essa lista de diversidades proposta pela autora, a *variação terminológica*, tanto de cunho formal - formas diferentes de denominação para um mesmo significado -, quanto variações de significados - uma mesma forma denominando significados diferentes em uma mesma esfera do saber.

A variação em terminologia é um dos temas relevantes da descrição e análise do uso especializado de uma língua. Não se pode conceber a ideia de análise do uso especializado de uma dada língua sem se levar em conta as possibilidades de ocorrência de variação terminológica. Áreas como a Aromaterapia, por exemplo, abertas às transformações pelas quais passa o mundo moderno, apresentam, com frequência, alterações no conjunto de unidades léxicas que transmitem seus conhecimentos especializados.

Por essa razão, reflexões sobre a problemática da variação na terminologia da Aromaterapia é um tema atual e necessário. Essas reflexões contribuem tanto para uma descrição mais real do conhecimento veiculado nessa área quanto para a organização desse conhecimento em obras de referência, como os dicionários, por exemplo.

Esses pesquisadores preocupavam-se, em especial, com a variação terminológica, motivados, sobretudo, pelo problema do bilinguismo existente no Canadá. Krieger e Finatto (2004, p. 34) observam que Gaudin, idealizador da Socioterminologia, “criticou fortemente a política normalizadora conferida ao manejo internacional da terminologia”.

Ainda segundo essas autoras, Gaudin criticou a inoperância dos instrumentos de referência, glossários e dicionários técnicos que não expressassem a realidade dos usos terminológicos, propondo que o artificialismo do ideal normalizador fosse suplantado pelo exame do contexto de produção dos léxicos especializados. A primeira consequência foi o reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas.

Em decorrência disso, o fenômeno da variação, nos discursos especializados, tornou-se o centro da proposta social da Terminologia. Para Silva (2008, p. 122):

A Socioterminologia *herdou* da Sociolingüística e da Análise do Discurso percepção das influências diatópica, diacrônica e diatrástica bem como o papel do sujeito, respectivamente. Esse sujeito, histórica, cultural e ideologicamente marcado, compreende e comunica a realidade que o cerca a partir de visões de mundo distintas.

Sager (1993, apud SILVA, 2008, p. 122) ressalta a importância de se ter muita atenção com as variações terminológicas, em especial, com as variações denominativas, os acrônimos, outras formas abreviadas e a variação conceitual que ocorre com frequência com as unidades terminológicas complexas.

As UTs poliléxicas¹⁷ muitas vezes, aparecem em forma truncada no texto e podem ser idênticas em forma a seus hipônimos que representam outros conceitos.

A Teoria Comunicativa da Terminologia, propondo outras alternativas para o tratamento da variação no discurso especializado, parte do reconhecimento de que o fenômeno da variação é inerente a todo e qualquer processo comunicativo.

Nesse particular, Cabré (1999, p. 136) pondera:

¹⁷ As unidades poliléxicas são (então) definidas como unidades léxicas próprias de um domínio de especialidade. Costumam ser totalmente lexicalizadas e ocupam, na frase, a posição de um constituinte mínimo (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 90)

Uma teoria comunicativa da terminologia, em contraste com a TGT, se define como uma proposta concebida dentro de uma teoria ampla da linguagem, e está incluída numa teoria da comunicação que contém os fundamentos necessários de uma teoria do conhecimento. Esta proposta integra, teórica e metodologicamente, a variação lingüística, tanto formal como conceitual e assume que os termos estão associados a características gramaticais (a todos os níveis de representação) e pragmáticos. Dentro disso, exclui a variação por critérios dialetais e funcionais distintos: geográficos, históricos, sociais, temáticos, de nível de formalidade, de grau de especialidade, etc. A TCT pretende também dar conta dos termos como unidades ao mesmo tempo singulares e similares a outras unidades de comunicação, dentro de um esquema global de representação da realidade, admitindo a variação conceitual e denominativa, e tendo em conta a dimensão textual e discursiva dos termos.¹⁸

Silva (2008, p. 123) assevera que, de acordo com a TCT, “a variação terminológica depende do grau de especialidade com o qual se realiza a comunicação”. Nesse sentido, de acordo com essa teoria:

[...] há um grau mínimo de variação próprio do discurso das comissões normalizadoras, pois tais comissões possuem o objetivo de padronizar a comunicação especializada. Há um segundo nível de variação que se dá nas comunicações entre especialistas e um terceiro nível, com um grau mais intenso de variações, decorrente das produções em discursos de divulgação (SILVA, 2008, p. 123).

Desta forma, distanciando-se do tratamento dado aos conceitos como uniformes e universais, parte-se para uma análise vendo-os como diversificados. Tal diversificação ocorre como consequência das diferentes visões de mundo de cada falante; da respectiva sociedade onde esse falante se encontra inserido; bem como pelas diferentes escolas científicas e posturas teóricas adotadas. Nessa perspectiva, Faulstich (2006, p. 28) pondera:

¹⁸ Una teoría comunicativa de la terminología, en contraste con La TGT, se perfila como una propuesta concebida dentro de una amplia Del language, y está incluída em una teoría de la comunicación que contiene los fundamentos necesarios de una teoría del conocimiento. Esta propuesta integra, teórica y metodológicamente, La variación lingüística, tanto formal como conceptual, y asume que los términos están asociados a características gramaticales (a todos los niveles de representación) y pragmáticas. Dentro de éstas incluye La variación por criterios dialectales y funcionales distintos: geográficos, históricos, sociales, temáticos, de nivel de formalidad, de grado de especialización, etc. A TCT pretende también dar cuenta de los términos como unidades AL mismo tiempo singulares e similares a otras unidades de comunicación, dentro de un esquema global de representación de La realidad, admitiendo La variación conceptual y denominativa, y teniendo em cuenta La dimensión textual y discursiva de los términos (CABRÉ, 1999, p. 136).

Os termos são:

- i) signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;
- ii) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas;
- iii) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas.

Conforme essa autora, devido à funcionalidade do termo dentro de uma linguagem de especialidade, este assumirá uma função específica de determinado valor, de acordo com o contexto de uso: [...] “assim sendo, o termo é uma entidade variante porque pode assumir formas diferentes em contextos afins.” (FAULSTICH, 2006, p. 28).

Como produto de variação, as variantes terminológicas formam classes de acordo com sua natureza linguística. A sistematização dessas variantes é tarefa da socioterminologia, cujo estatuto fica assegurado pela análise da diversidade de termos que ocorrem nos planos vertical, horizontal e temporal da língua (FAULSTICH, 2006, p. 29).

A autora valoriza a socioterminologia como uma abordagem nova e satisfatória para análise do termo na comunicação científica e técnica. Prosseguindo em sua análise a autora ainda acrescenta:

Como ramo da terminologia, a socioterminologia é um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação lingüística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade (FAULSTICH, 2006, p. 30).

A univocidade linguística proposta por Wüster e os recentes estudos da variação emergentes nos últimos anos são assim explicados por Krieger (2001, p. 34):

As aplicações e os estudos da terminologia têm efetivamente demonstrado a impropriedade do princípio da homogeneidade lingüística que desconsidera, entre outros aspectos, a variação terminológica e o próprio funcionamento sinónimo de alguns termos em diferentes comunicações especializadas. Ao mesmo tempo, vale observar que a crença na invariância denominativa e conceitual fundamenta-se no princípio da universalidade da ciência, sendo também reveladora de uma concepção positivista sobre produção do conhecimento. Além disso, os vocabulários especializados dessas novas áreas científicas e tecnológicas valem-se, em larga medida, do chamado léxico comum da língua, diferenciando-se das ciências fundadoras que instituíram seus termos com grande número de formantes greco-latinos.

A TGT adotava o princípio de univocidade do signo terminológico e o não reconhecimento da variação terminológica. Boulanger (1995, p. 194), por exemplo, esclarece que, com a ideia de univocidade, buscava-se retirar do termo seu direito à variação, com relação aos aspectos semânticos e formais, além de não reconhecer a polissemia como natural e nem a sinonímia como pertinente.

Rousseau (1996, apud JESUS; BARROS, 2005, p. 167) concebe a variação terminológica como um fenômeno natural que o terminólogo deve levar em conta, enquanto Faulstich (1997, p. 145) argumenta que as variantes comportam-se como variáveis dependentes, dentro de um processo de variação em que dois termos (X e Y) mantêm relação de concorrência. A autora afirma que os fenômenos variáveis ocorrem no sistema interno da língua na qual estão redigidos os textos de especialidade e devido à funcionalidade do termo, dentro de uma linguagem de especialidade, ele assumirá uma função específica de determinado valor, de acordo com o contexto de uso. “Assim sendo, o termo é uma entidade variante porque pode assumir formas diferentes em contextos afins.” (FAULSTICH, 1997, p. 145).

A autora valoriza a Socioterminologia como uma abordagem nova e satisfatória para análise do termo na comunicação científica e técnica. Sendo assim, o movimento do termo nas linguagens de especialidade é explicado e abrigado pela Socioterminologia.

Para esclarecer melhor a percepção de como a variação terminológica atua na língua, a autora propõe um gráfico, que será transcrito a seguir.

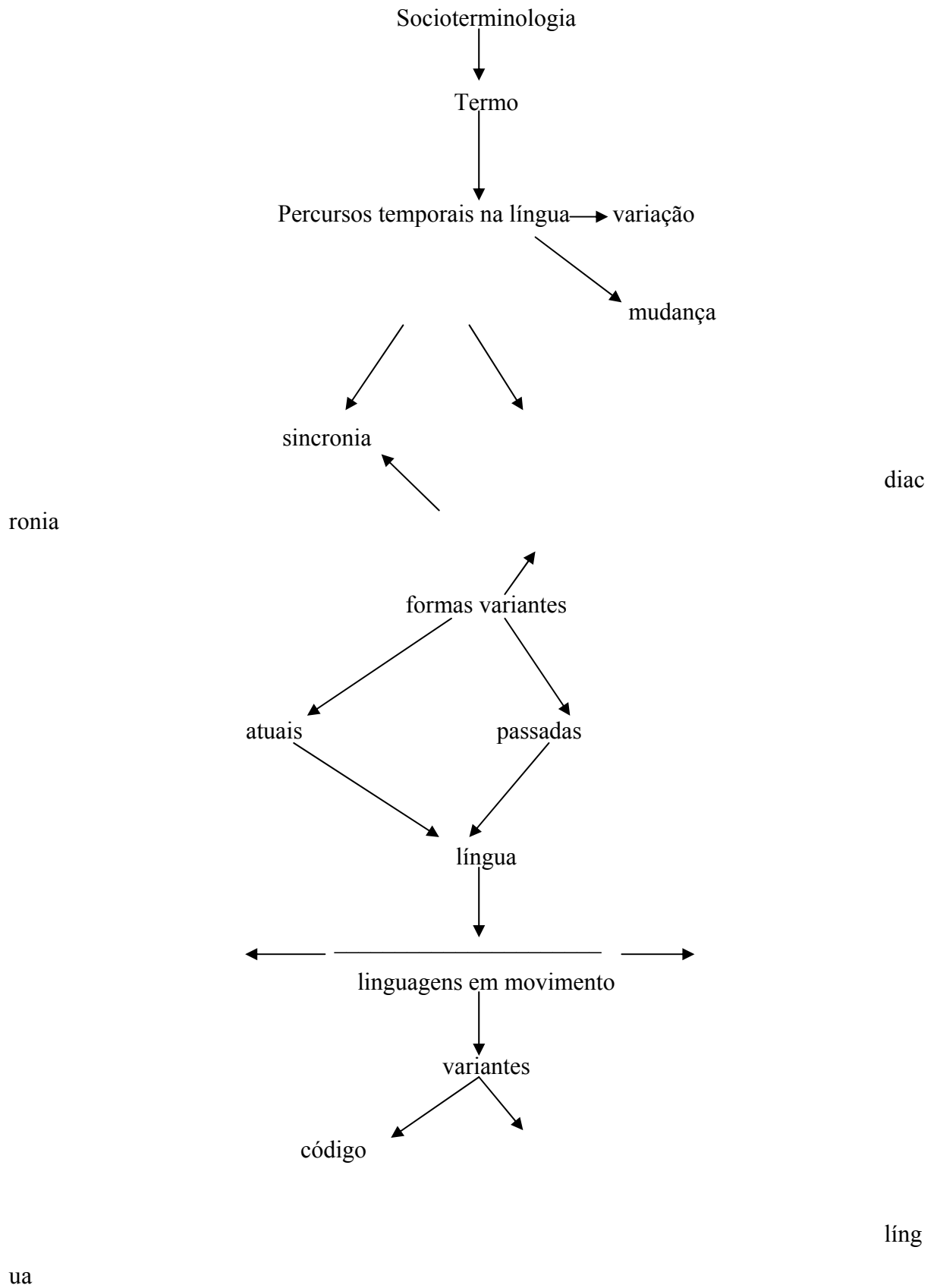


Figura 6 – Variação Terminológica na Língua.
Fonte: Faulstich (1998, p. 3)

Partindo do que foi exposto, conclui-se sobre a necessidade da observação direta dos usos dos termos, nos lugares onde eles se processam, durante o processo de sistematização das variantes terminológicas.

3.6 UNIDADE TERMINOLÓGICA

Para estudar a unidade terminológica, ou termo, faz-se necessário, conjuntamente ao reconhecimento da funcionalidade do termo no âmbito da comunicação e expressão humanas, observar uma série de fatores relacionados à sua conceptualização, identificação e constituição.

O conjunto das palavras especializadas de uma determinada disciplina (e também de uma área de atividade específica) constitui, como se sabe, a terminologia própria dessa especialidade (CABRÉ, 1993).

Nos textos técnicos, científicos e especializados, os conceitos podem ser representados por termos ou símbolos. Os primeiros são de ordem linguística e os segundos podem se apresentar em forma de letras, números, pictogramas ou combinados entre si. São, assim, designações.

Conforme Pavel (2009) estas designações podem ser:

- uma palavra da língua comum que passa a ter um significado especializado;
- uma palavra criada com sentido especializado (por ex. "quark", em física de partículas elementares);
- um sintagma ou grupo de palavras com sentido único e especializado;
- uma fórmula química, matemática, etc.;
- um símbolo;
- um nome científico em latim ou em grego;
- um acrônimo;
- uma sigla;
- uma denominação oficial (título de um cargo, de um organismo, de uma unidade administrativa, etc.).

A unidade terminológica ou termo é uma entidade complexa e o seu reconhecimento consiste numa das mais difíceis tarefas do trabalho terminológico. Ainda, conforme Pavel (2009), a seguinte observação tem o dom de facilitar essa tarefa da competência de um terminólogo:

É importante distinguir palavras de termos, uma vez que o trabalho terminológico não é apenas um inventário de palavras. Esta é uma atividade que cabe ao lexicógrafo que elabora dicionários da língua comum. O terminólogo se dedica à elaboração de vocabulários especializados, relacionando as designações a seus respectivos conceitos em um determinado campo de especialização.

Superficialmente, os termos não parecem diferir muito das palavras, uma vez que sejam vistos sob uma perspectiva formal ou semântica. Todavia, diferenciam-se de forma notória das mesmas se se lhes atribui critérios pragmáticos e comunicativos. Há uma peculiaridade da terminologia – que a contrasta do léxico comum – que é designar conceitos próprios de disciplinas e atividades de especialidade. Assim, são conhecidas pelos especialistas de cada disciplina ou área de especialidade, aparecendo com muita frequência nos documentos especializados dessas áreas.

Para Cabré (1993), sob uma perspectiva formal, os termos são conjuntos fonológicos suscetíveis de ser articulados foneticamente – e de ser representados graficamente – com uma estrutura interna constituída por morfemas. Do ponto de vista semântico, são unidades de referência a uma realidade e, assim, são dotados de um significado que se pode descrever como um conjunto de traços distintivos. Finalmente, sob o ponto de vista de uma perspectiva funcional, os termos são unidades distribucionais que requerem um entorno linguístico determinado e, assim, no discurso, combinam-se frequentemente com outros termos específicos (caso da fraseologia).

Para Le Guern (1989, apud LARA, 2005, p. 6):

[...] o termo é a unidade básica da terminologia e distingue-se da palavra do léxico geral. O termo é a palavra efetivamente usada no discurso. Já o léxico é um estoque de palavras independentes das coisas, sendo resultado de convenções arbitrárias. Têm significado, mas não têm referência e exprimem apenas um conjunto de propriedades. As palavras do léxico só têm intensão. A tradução de palavras do léxico é impossível, uma vez que não se determina seu sentido na ausência de um contexto.

Como exemplo de léxico, pode-se citar o léxico da língua portuguesa, representado em um dicionário de língua (como o Houaiss e o Aurélio). Neles, as palavras apresentam várias significações. No discurso, as palavras estão contextualizadas; adquirem, desta forma, significados particulares. Assim, a palavra do léxico não é veículo de conceito, porque cada língua utilizará várias formas para expressar as unidades de pensamento. O

termo, por sua vez, é associado a um sistema de conceitos pertinentes a determinados domínios do saber ou atividades.

Os diversos edifícios doutrinários expostos acerca da Terminologia mostram que as primeiras proposições de investigação terminológica, como é o caso da TGT, foram basilares para que a terminologia se estabelecesse como campo de estudos. Essa preocupação, que dava conta de uma terminologia *in vitro*, permitiu que a disciplina assumisse contornos científicos. Reflexões sobre o ser e o fazer da Terminologia levaram a observações acerca das limitações da TGT. Assim, a necessidade de uma nova proposta teórico-metodológica para a Terminologia levaram ao surgimento da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) como um novo paradigma alternativo à TGT, capitaneada por Maria Tereza Cabré e o grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística aplicada, da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona. Para Krieger e Finatto (2004, p. 35) “a esse grupo deve-se o pioneirismo do debate sistemático e crítico à teoria Geral da Terminologia (TGT).”

Proposta com base nos aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores, a TCT propõe que uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo, dependendo do contexto e de situações determinadas, assim como o princípio da variação em toda sua extensão. É uma vertente que se preocupa em dar conta de uma terminologia *in vivo*. Essa preocupação de lidar com a terminologia *in vivo* é característica da Socioterminologia, pois tem como escopo considerar o uso dos termos dentro do lugar social em que esse “uso” acontece. Nesse sentido, a variação linguística é reconhecida e a existência da sinonímia, da homonímia e da polissemia é estudada em seu lugar de realização, privilegiando, portanto, os aspectos sociais da linguagem de especialidade.

Complementando a trajetória evolutiva das propostas para a Terminologia, é importante notar o enfoque estruturado pela Teoria Sociocognitiva da Terminologia, de Temmerman (2000), que concebe os termos como rótulos denominativos vistos como unidades de compreensão e representação, funcionando em modelos cognitivos culturais.

Pode-se perceber, por meio desses novos direcionamentos experimentados pela Terminologia, que a Linguística tem sido responsável pelas reflexões e (re)direcionamentos dos estudos terminológicos. É mister mencionar também a contribuição de pesquisas de base filosófica e tradutológica, além das contribuições significativas da informática. Por outro lado, a perspectiva textual, à parte do enfoque estritamente linguístico, apresenta-se como avanço em direção à análise dos termos em seus contextos reais de ocorrência.

Todas essas orientações acerca da terminologia situam-na numa trajetória evolutiva histórica, mostrando que a formação linguística contribuiu para o sucesso da execução de trabalhos e na compilação de produtos práticos em pesquisa terminológica.

Neste trabalho, a opção pela TCT apresenta-se como opção conivente em relação à pesquisa, a posterior seleção dos termos, sua análise e descrição. Também a variação denominativa característica da área da Aromaterapia, que ficou bastante evidente desde o início do trabalho, seria respaldada e justificada pelos preceitos da TCT. Uma vez que não se tinha como intenção a análise dos termos dentro de uma perspectiva socioterminológica, ou seja, o respectivo registro dos termos em suas situações reais de uso, assim como sua frequência; a variação denominativa identificada e analisada em seu contexto social, situacional, espacial e linguístico, a TCT pareceu mais adequada e coerente para o propósito deste trabalho.

4 METODOLOGIA

As duas rosas

São duas rosas unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gota de orvalho,
Do mesmo raio de sol. [...]
(Castro Alves)

Krieger e Finatto (2004, p. 131) destacam que, quando da preparação inicial do trabalho terminológico, “o produto deve atender às necessidades de um público alvo, e de preferência deve preencher uma lacuna de informação.”

Aubert (1996, p. 37), por seu turno, afirma que “a investigação terminológica, em suas etapas primeiras, tende a partir de um problema de *designação* (perspectiva monolíngue) ou de *estabelecimento de equivalência* (perspectiva bilíngue).”

O glossário da Aromaterapia, produto desta tese, portanto, terá como intuito principal facilitar a informação entre os usuários. A opção por *glossário* teve como inspiração a proposta definitiva de Lara (2005, p. 24) que explica esse produto terminológico como sendo um “dicionário terminológico que contém uma lista de designações de um domínio e seus equivalentes em uma ou mais línguas.” Diferencia-se, desta forma - ainda conforme a autora - do dicionário e do vocabulário, uma vez que o primeiro é entendido como o “conjunto de entradas terminológicas que apresentam informações relacionadas aos conceitos ou designações de um ou vários domínios particulares”, e o segundo (vocabulário), seria o “dicionário terminológico que contém as designações e definições de um ou vários domínios particulares” (LARA, 2005, p. 23). Desta maneira, optou-se pelo *glossário*, pois haveria chance de poder contemplar duas ou três línguas na equivalência, sendo essa a intenção desde o início da pesquisa.

Com base num *corpus* especializado, previamente identificado como representativo da área investigada, constituiu-se a nomenclatura do glossário terminológico. Após delimitada a pesquisa, dentro de uma situação de utilidade e proveito para os usuários já

descritos anteriormente, procedeu-se à coleta de dados, seguindo-se o que sugere Dubuc (1985, p. 29): “La recherche se trouve donc ainsi, structurée par la situation d’utilisation.”¹⁹

A partir da necessidade que se verificou nos domínios aromaterápicos, definiu-se:

- a) o público alvo;
- b) a árvore de domínio;
- c) a amplitude;
- d) a seleção de termos;
- e) a equivalência em outros idiomas;
- f) os corpora;
- g) a assessoria de especialistas;
- h) a elaboração das fichas e
- i) a constituição da tese.

Para esse efeito foi necessária uma delimitação metodológica, delineada previamente. Construiu-se, para que o trabalho pudesse ser levado a contento, uma árvore conceptual nesse âmbito, no intuito de reconhecer-lhe os termos inerentes.

Krieger e Finatto (2004, p. 134) justificam: “Uma árvore de domínio é um diagrama hierárquico composto por termos-chave de uma especialidade, semelhante a um organograma.” A árvore de domínio possibilita o reconhecimento de hierarquias básicas e situam um recorte do reconhecimento terminológico para o glossário ou dicionário. As interpretações conceituais de uma especialidade são mostradas, facilitando a ideia de “onde” se situaria um trabalho específico de reconhecimento de termos.

Além das orientações sobre a árvore de domínio, também as normas ISO 1087 e ISO 5127 trouxeram diretrizes gerais ou relativas à composição do glossário.

4.1 PERFIL DO USUÁRIO PROTOTÍPICO DO GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA E SUAS NECESSIDADES (PÚBLICO ALVO)

Silva (2008, p. 169) propõe que “qualquer que seja a estrutura pensada para a organização do glossário, é a partir das características do usuário que esta deverá ser definida”. Considerar, assim, o perfil do usuário, levando sempre em conta suas necessidades,

¹⁹ A pesquisa se estrutura a partir da situação de utilização (DUBUC, 1985, p. 29).

no momento de elaboração de um glossário com equivalentes em três idiomas, é um dos momentos mais relevantes do fazer dicionarístico. Todavia, isso não implica em elaborar uma obra específica para cada usuário e/ou necessidade.

O perfil do usuário prototípico do glossário que se propõe são diferentes profissionais e/ou aprendizes envolvidos na área de Aromaterapia e óleos essenciais, e áreas correlatas (química, agronomia, naturopatia, etc.).

Dividiu-se o público alvo ou os usuários em três grupos:

- 1) Docentes ou aprendizes da matéria: professores e estudantes de graduação e pós-graduação em Aromaterapia ou áreas afins.
- 2) Especialistas em Aromaterapia e outros profissionais que atuam em áreas correlatas (massagistas, podólogos, médicos que aplicam o conhecimento da Medicina Alternativa).
- 3) Profissionais de vários setores e leigos que queiram ingressar ou já tenham ingressado nesses estudos, a título de conhecimento ou simplesmente com o intuito de usufruir de seus benefícios, uma vez que a volta a tratamentos de saúde por meio de ervas e terapias naturais tem sido um apelo não só de um público característico, mas também de alguns governos estaduais em sua rede pública de saúde.

4.2 ÁRVORE DE DOMÍNIO

As unidades que constituem o dicionário da aromaterapia foram selecionadas conforme suas relações com campos léxicos pertencentes à temática *Aromaterapia*.

O óleo essencial e os óleos carreadores são os elementos básicos para o desempenho da Aromaterapia e a fabricação de produtos utilizados na prática dessa terapia. Órgãos educacionais, como por exemplo, os sites WWW.lazslo.ind.br; WWW.whitelotusaromatics.com; WWW.floracopeia.com; WWW.PortalEducacao.com.br; WWW.Aromalife.com.br; WWW.portalverde.com.br, confirmam que a produção de óleos essenciais e óleos carreadores têm passado por um processo de evolução, principalmente nos últimos 20 anos, exigindo adequações lexicográficas, já presentes em muitos documentos.

O campo conceitual da Aromaterapia é constituído pelos campos semânticos “produtos extraídos de plantas (óleos essenciais)”, “óleos vegetais carreadores” e “processos de produção”. A estruturação dos campos semânticos foi elaborada a partir das definições encontradas nos documentos mencionados neste capítulo e nos dicionários de língua geral indicados nas referências:

BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: 1712-1721. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau/imgbluteau.asp>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

FERNANDES, F. **Dicionário brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Globo, 1970.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 1988.

_____. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

_____. **Novo dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

NASH, J. R. **Spanish-english-latin glossary of plant names**. Disponível em: <http://www.echotech.org/mambo/index.php?option=com_docman>. Acesso em: 10 jan. 2009.

SANTOS, M. F. **Dicionário de filosofia e ciências culturais**. São Paulo: Maltese, 1963.

O organograma apresenta o seguinte esquema:

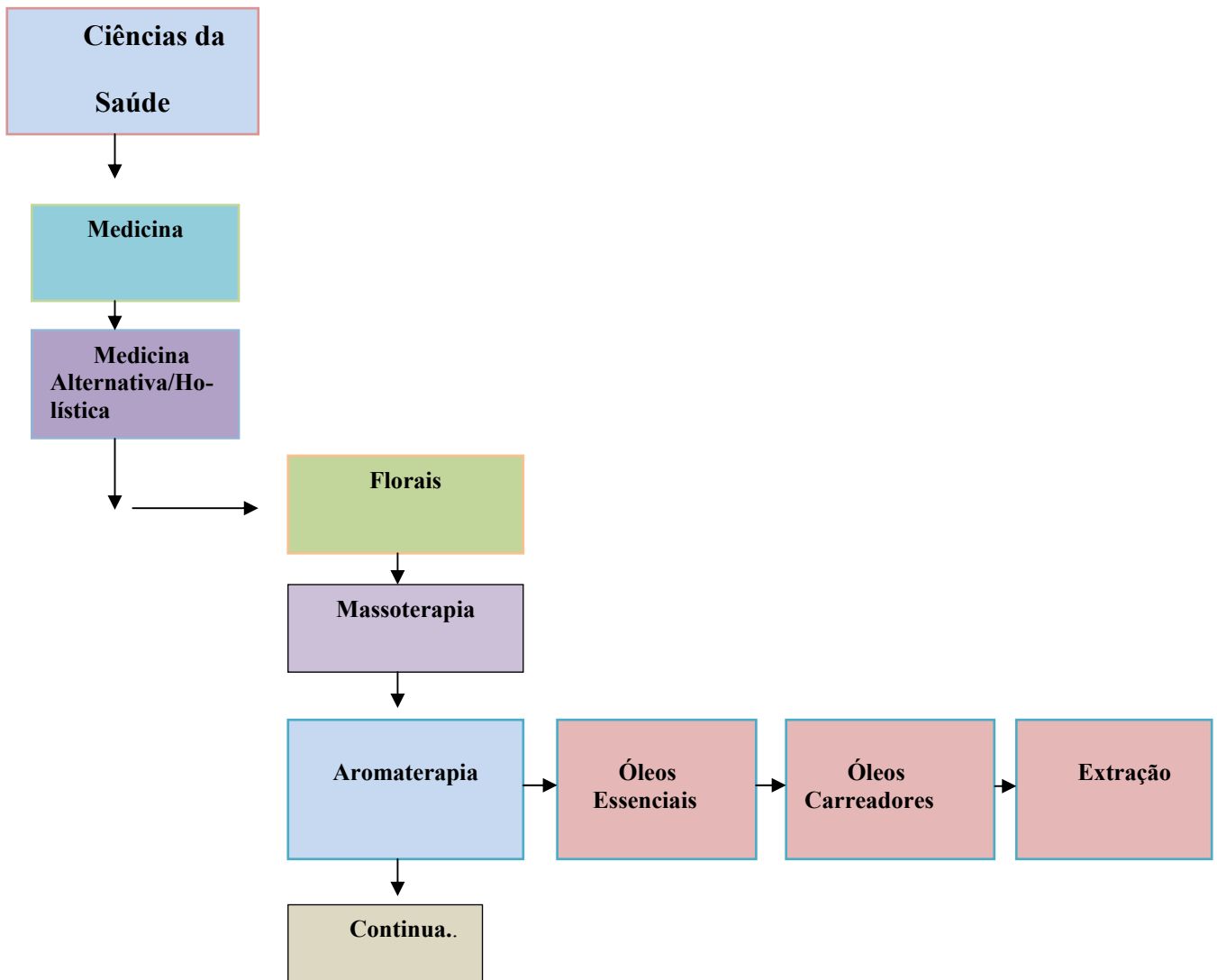


Figura 7 – Árvore Conceptual (Árvore de Domínio) da Aromaterapia

As unidades terminológicas que constituem o glossário da Aromaterapia foram selecionadas conforme suas relações com campos léxicos pertencentes à temática *Aromaterapia*.

O campo semântico é um campo hierárquico de conceitos, uma série vertical de noções que normalmente mantém uma relação de inclusão entre si e cada um deles mantém relação de exclusão com uma série horizontal (CABRÉ, 1993).

O campo conceitual, conjunto de conceitos, é resultado do processo de conceptualização do “saber sobre a Aromaterapia”, funcionando de forma hierarquizada e relacionada.

O campo conceitual da **Aromaterapia** foi estruturado conforme o seguinte esquema:

Campo conceitual: aromaterapia

1) Produtos extraídos de plantas

Óleo

- Óleo essencial
- Óleo vegetal carreador
- Hidrolato
- Absoluto
- Concreto

2) Processos de Produção

Extração

- Destilação a Vapor
- Hidrodestilação
- Destilação com CO₂ Hiper crítico
- Destilação com Solventes Voláteis
- *Enfleurage*
- Prensagem a frio

4.3 A AMPLITUDE DO GLOSSÁRIO

O Glossário Terminológico da Aromaterapia, uma obra monolíngue, com equivalências em inglês, francês e espanhol, visa a descrever, referencialmente, 258 (duzentos e cinquenta e oito) unidades de significação especializadas (USE), presentes em vários segmentos de comunicação, no âmbito da Aromaterapia. Na verdade, o glossário configura-se como uma seleção de termos que ultrapassam os limites das especialidades, e estão sendo usados por falantes letrados, porém não especialistas da ciência da Aromaterapia.

4.4 A SELEÇÃO DOS TERMOS

Para um terminólogo, reconhecer um termo e determinar se ele deve ou não figurar na nomenclatura de um glossário especializado é uma tarefa de difícil resolução.

Almeida (2000, p. 81), por exemplo, observando essa problemática, conclui que: “tal dificuldade se deve ao fato de que entre palavra (unidade da língua comum) e termo (unidade das comunicações especializadas) existe um *terreno movediço*”.

Cano (2001, p. 90), por sua vez, corrobora esse argumento ao afirmar que “a tarefa de selecionar e organizar unidades terminológicas para a elaboração de um produto terminográfico requer decisões sobre problemas ainda *escorregadios*”. Segundo a autora, é necessário:

- (i) o estabelecimento de critérios para se determinar se uma unidade é ou não terminológica (critério de especificidade temática);
- (ii) saber se as unidades consideradas terminológicas são próprias ou não de um campo especializado (critério de atribuição de âmbito);
- (iii) estabelecer os critérios que permitem determinar se as unidades que aparecem nos textos são ou não pertinentes para determinado vocabulário (critério da pertinência);
- (iv) a delimitação do segmento formal que corresponde a uma unidade especializada, isto é, precisar qual sua forma lingüística (critério de delimitação) (CANO, 2001, p. 90).

Para cumprir esses critérios, é preciso identificar as possíveis UTs em contextos especializados, ou seja, em *corpora* textuais próprios do âmbito do conhecimento a ser estudado e a assessoria de especialistas. Desse modo, partiu-se de textos do âmbito da Aromaterapia e contou-se com assessores profissionais nessa área do conhecimento, as UTs aqui descritas e analisadas cumprem com os critérios acima especificados.

A seleção dos termos que compõem a nomenclatura do glossário da aromaterapia foi baseada, *a priori*, num critério qualitativo (de natureza semântica). A pertinência temática dos termos, destacada por Krieger e Finato (2004, p. 138) como vínculos “pelo significado ou funcionalidade”, orientou a inclusão (ou não) dos “candidatos” a termo. Refletindo-se acerca daqueles que, indiscutivelmente apresentavam traços distintivos representativos da especificidade da área em questão, procedeu-se à sua seleção e inclusão na

nomenclatura do glossário da Aromaterapia. Para as autoras citadas, “Pertinência temática, aqui, significa a propriedade de um termo pertencer a uma terminologia *stricto sensu*, pelo fato de vincular-se a um conceito que faz parte do campo cognitivo do domínio inventariado” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 138). Tem-se, assim, que os termos, *absoluto*, *cedro* e *cicatrizante* fazem parte do campo cognitivo pesquisado e necessitam ser incluídos na nomenclatura do glossário. Essa decisão de incluir tais termos deveu-se, então, ao reconhecimento da pertinência temática, mas com base no conhecimento e compreensão da autora da tese acerca da temática Aromaterapia.

Nesse caso particular, contou-se também com o conhecimento de uma especialista, sendo fundamental o seu conhecimento e a sua opinião para ajudar a dirimir quaisquer dúvidas. Trata-se da aromaterapeuta e jornalista, radicada em Londrina, Maria Angélica Abramo.

Com base nas observações acima, considerou-se para a seleção da UTs a serem descritas e analisadas para compor a nomenclatura do glossário da Aromaterapia, as seguintes etapas:

- (i) organizou-se uma proposta de estrutura conceitual com base em manuais de Aromaterapia e programas da disciplina em nível de graduação e pós-graduação, além de *sites* que descreviam a terapêutica dos óleos essenciais;
- (ii) selecionou-se os *candidatos a UT* do *corpus* da Aromaterapia;
- (iii) realizou-se uma primeira aproximação ao fenômeno da variação

É importante observar que foi feita uma seleção prévia com as unidades de conhecimento que apareceram com maior frequência no *corpus*, embora não se trate de uma pesquisa quantitativa. A seguir, após a seleção dos candidatos a termos, com base na proposta conceitual estruturada previamente, submeteu-se essa lista de termos à opinião da especialista em Aromaterapia, a fim de que fosse feita uma segunda seleção, de acordo com a opinião dela. Em conversa posterior com o orientador da tese, ficou claro que a estrutura conceitual que abrigava candidatos a termos sob o rótulo de “terapêutica” e incluía adjetivos tais como: *emenagogo*, *antifebril*, *antivirótico*, *hipotensor*, *vasoconstritor*, etc. deveria ser descartada e esses termos desprezados. A primeira lista de candidatos a termos, que incluía também os adjetivos, atingiu, assim, a casa dos 195 termos. Após a eliminação dos adjetivos, fez-se nova coleta de termos (manual) e desta vez, aproximou-se pela primeira vez dos termos variantes,

os quais foram incluídos numa nova lista, já atualizada, atingindo a casa dos 245 termos. De posse dessa lista inicial de supostos equivalentes nas duas línguas em questão, buscou-se contextos mais precisos para a confirmação das equivalências e elaboração das fichas terminológicas. Os dados contidos nas fichas serviram para a descrição e a análise, bem como para a composição da nomenclatura do dicionário-piloto e para a redação dos verbetes.

4.5 EQUIVALÊNCIAS EM OUTROS IDIOMAS

Optou-se pelas equivalências em três idiomas: Inglês, Francês e Espanhol, pelo fato de que muitos usuários (leigos ou não), aromaterapeutas e pesquisadores, buscarem informações em *sites* multilíngues e terem dificuldades de entendimento sobre a nomenclatura de vários óleos essenciais e a sua devida terapêutica. Também pelo fato de que alguns óleos terem sua denominação em Espanhol ou em Inglês já sistematizadas, como *Romero* [esp] (Alecrim), e Frankincense [ing] (Olíbano). As informações sobre a terapêutica de óleos e respectivos nomes das plantas de onde eles se originam podem confundir os pesquisadores, aromaterapeutas e leigos, mesmo aqueles que possuam certo domínio de línguas estrangeiras, quando em consulta a livros e *sites* especializados no assunto.

Como a Aromaterapia desenvolveu-se, originariamente, na França e na Inglaterra, alcançando depois outros países da Europa, como a Espanha, pode-se prever que a concentração de pesquisas mais elaboradas estejam circunscritas a essas áreas. É necessário mencionar-se também os *USA*, com seu respectivo avanço tecnológico na Botânica e na Química e, conseqüentemente, com suas pesquisas peculiarmente desenvolvidas no que tange aos óleos essenciais, à análise de seus componentes químicos e aos tratamentos com base nesses óleos voláteis.

O conhecimento dos termos de uma área específica em mais de um idioma, elimina lacunas, uma vez que informações relevantes acerca de certos óleos essenciais e vegetais, e sua terapêutica, podem estar disponibilizados, muitas vezes, em outras línguas que não a língua materna do pesquisador ou terapeuta. Desta forma, a tradução de certas informações necessárias ao entendimento por parte do pesquisador, acerca do tema Aromaterapia, irá facilitar seu trabalho profissional. Barros (2006, p. 22) explica que, dentre as várias aplicações da terminologia, nos dias atuais, está inserida a tradução. Veja-se:

Ao trabalhar textos técnicos, científicos e especializados, o tradutor entra no campo da terminologia bilíngüe. Para bem executar sua tarefa, o tradutor deve conhecer a área do texto que traduz, ter domínio das línguas de partida e de chegada e, especialmente, da terminologia empregada no campo em questão (BARROS, 2006, p. 22).

E complementa:

Para seus trabalhos, os tradutores se valem de dicionários monolíngües, bilíngües e multilíngües e, nesse sentido, a tradução mantém forte relação com a terminografia e com a lexicografia, visto que essas produzem um dos principais instrumentos de trabalho do tradutor: os dicionários (BARROS, 2006, p. 22).

A busca pelos equivalentes em inglês, francês e espanhol foi feita com base nos nomes científicos (em latim) dos óleos essenciais, em revistas e *sites* de cada língua correspondente.

4.6 Os *CORPORA*

Os *corpora* textuais que serviram à compilação das unidades terminológicas (doravante UTs) utilizadas na elaboração do glossário foram constituídos de textos escritos selecionados de *sites* institucionais, revistas, artigos e livros que versam sobre a temática da Aromaterapia. As fontes de onde foram extraídos os termos relacionados ao âmbito pesquisado foram classificadas em cinco (5) blocos:

Blocos Fontes dos Textos	
1	Sites Instrucionais
2	Revistas Científicas
3	Artigos Científicos
4	Revistas Temáticas
5	Livros de Aromaterapia

Figura 8 – Classificação das fontes dos textos que compõem os *corpora*

1) Os sites instrucionais

Os *Sites* instrucionais utilizados como fontes dos quais os termos foram compilados, apresentam-se como se segue:

Sites de Aromaterapia

Abundant Life Essentials - <<http://www.abundantlifeessentials.com>>

Aroma Essenciais - <<http://www.aromas essenciais.com.br>>

Aroma Zone Net - <www.aroma-zone.com>

Aromalandia - <<http://www.aromalandia1.hpg.ig.com.br/>>

Aromatherapie - <<http://centre-aromatherapie.com.>>

Arteblog - <<http://www.arteblog.net>>

Biblioteca Virtual em Saúde - <<http://regional.bvsalud.org/php/index.php>>

Bioessencia - <<http://www.bioessencia.com.br/inicial.html>>

Bysamia - <<http://www.bysamia.com.br>>

Campestre Ind. e Com. de Óleos Vegetais Ltda - <www.campestre.com.br>

Cosméticos Orgânicos Naturais -
 <<http://cosmeticosorganicosnaturais.blogspot.com/>>.
 Cotianet - <<http://www.cotianet.com.br/eco/HERB/>>
 De Rerun Natura - <<http://dererummundi.blogspot.com>>
 Esoteric Oils - <http://www.essentialoils.co.za/>
 Espaço Flor do Cerrado –
 <<http://www.espacoflordocerrado.blogspot.com/.../oleos-essenciais-extraidos-via-co2.html>>
 EMBRAPA - <<http://dendro.cnptia.embrapa.br>>
 Ervas e Insumos - <<http://ervaseinsumos.blogspot.com>>
 Geocities - <http://www.geocities.com/plantas_medicinais/>
 Herbario UEL - <<http://www2.uel.br/laboratorios/herbario/>>
 Herbarium Estudo Etnofarmacobotânico -
 <<http://www.aguaforte.com/herbarium/>>
 IBRATE - <<http://www.ibratescola.com.br>>
 Labdanum - <<http://labdanum-creta.blogspot.com/>>
 Linax - <<http://www.linax.com.br/>>
 Plantamed - <<http://www.plantamed.com.br/>>
 Portal São Francisco - <<http://www.portalsaofrancisco.com>>
 Portal Verde - <<http://www.portalverde.com.br>>
 Quinarí Casa das Essencias - <<http://www.quinari.com.br>>
 Qvidas - <www.qvidas.com>
 Tisserand - <<http://www.tisserand.com/>>
 Toque Ativo - <<http://www.toqueativo.com.br>>
 Verde Y Natural - <<http://www.verdeynatural.com.ar/>>
 Vida em Harmonia - <<http://vidaemharmonia.blogspot.com/>>
 White Lotus Aromatics - <<http://whitelotusaromatics.com>>

2) As revistas científicas

A seguir, as Revistas científicas:

- Revista Pesquisa Fapesp (edições de 2008/2009)
- Sociedade Brasileira de Química (edições de 2008 e 2009)

3) Artigos Científicos

- ALMEIDA, R. N.; MOTTA, S. C.; LEITE, J. R. Óleos essenciais com propriedades anticonvulsivantes. **Boletim Latinoamericano y Del Caribe de Plantas Medicinales y Aromaticas**, Santiago-Chile, v. 2, n. 001, p. 3-6, 2003.
- CARDOSO, M. G. et al. **Óleos essenciais**. Disponível em: <http://www.editora.ufla.br/BolExtensao/pdfBE/bol_62.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2007.
- ERENO, D. Perfume de manjeriçao. **Revista FAPESP online**, São Paulo, n. 120, 2006. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=2732ebd=1epg=1elg=>>>. Acesso em: 22 jun. 2007.
- GUBA, R. Toxicity myths the actual risks of essential oil use. **Aromatherapy Journal**, North Carolina, U.S.A, v. 13, n. 2, 2002/2003. Disponível: <http://www.naha.org/articles/toxicity_myths.htm>. Acesso em: 10 jan. 2008.
- JESUS, E. R.; BARIN, C. S.; ELLENSOHN, R. M. **Óleo essencial de melaleuca alternifolia: otimização do método de análise**. In: ENCONTRO DE QUÍMICA DA REGIÃO SUL, 15., 2007, Ponta Grossa. Disponível em: <<http://www2.unopar.br/quimica2/resumotrabalhoroliml.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- NASCIMENTO, I. B. et al. Efeito de corte no óleo essencial de capim-santo. **Revista Ciência Agronômica**, Fortaleza, v. 34, n. 2, p. 169-172, 2003.
- RAMIREZ, C. R. Ethnobotany and the loss of traditional knowledge in the 21st century. **Ethnobotany Research & Applications**, Connecticut, U.S.A., v. 5, 2007.
- SALGADO, A. P. S. P. et al. Bioatividade do óleo essencial de capim-limão (*Cymbopogon citratus*) sobre pulgão-da-couve *Brevicoryne brassicae* (L). In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 30., 2007. **Anais...** Águas de Lindóia – SP.

4) Revistas temáticas (para as equivalências):

- The International Journal of Aromatherapy (edições de 2007/2008/2009/2010)

- Journal of Alternative e Complementary Medicine (edições 2007/2008 e 2009)
- Aromatherapy Journal NAHA (National Association for Holistic Aromatherapy) (edições 2008/2009)

5) Os livros utilizados como corpus

Foram selecionadas as obras frequentemente utilizadas por aromaterapeutas e leigos, disponíveis no mercado, seguindo-se a uma pesquisa feita pela autora da tese, junto às livrarias de Londrina, bibliotecas e lojas de produtos aromáticos que disponibilizam tais livros para aquisição. Também a bibliografia de cursos de Aromaterapia disponíveis em algumas capitais serviu como fonte de referência para esta pesquisa. Os cursos universitários que possuem a disciplina regular são listados aqui, como segue, conforme referência feita pelo Prof. Arnaldo V. Carvalho (2010) e disponíveis no site Aromatologia & Aromaterapia:

- Graduação de Naturologia - ANHEMBI
- Graduação de Naturologia - UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina)
- Pós-graduação: Especialização em Fitoterapia - Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo - FACIS
- Especialização em Medicamentos Vibracionais: Homeopatia, Florais e Aromaterapia - Universidade de Franca - UNIFRAN
- Especialização em Terapias Alternativas - UNIFRAN
- Pós Graduação em Fitoterapia e Aromaterapia - Universidade Moderna de Lisboa
- Pós Graduação em Naturologia Aplicada - INCISA/IMAM (Instituto Superior de Ciências da Saúde).

Os livros indicados pelos cursos universitários listados anteriormente são os que seguem:

- DAVIS, P. **Aromaterapia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas**. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

- MAXWELL-HUDSON, C. **Aromaterapia e massagem**. São Paulo: Vitória Régia, 2000.
- TISSERAND, M.; JÜNEMANN, M. **Lavanda seus segredos e aplicações**. São Paulo: Madras, 1999b.
- WORWOOD, S. **Aromaterapia um guia de A a Z para o uso terapêutico dos óleos essenciais**. São Paulo: Best Seller, 1995.

4.7 ASSESSORIAS DE ESPECIALISTAS

Aubert (1996, p. 38) questiona, em relação à assessoria de especialistas: [...] “O terminólogo deveria ser ou deveria tornar-se um especialista de assunto para poder empreender uma pesquisa terminológica em determinada área? Pode ou deve ser, ele próprio, uma fonte de consulta pertinente?”

Esclarecendo sobre essa questão, o autor argumenta que não há necessidade de uma especialização mais aprofundada da parte do terminólogo. Todavia, acrescenta que “[...] o exercício simultâneo de dois papéis – de pesquisador (terminólogo) e de especialista (fonte de informação terminológica) poderia introduzir um certo viés na elaboração da pesquisa [...] (favorecendo determinada “escola de pensamento”, determinado subjargão institucional, etc.)” (AUBERT, 1996, p. 39).

Buscou-se então a colaboração de duas especialistas, às quais submeteu-se o rol de termos compilados para uma decisão acerca daqueles termos que se mostravam mais propensos a compor o glossário a ser estruturado. Uma das especialistas é a Profa. Dra. Ana Odete Santos Vieira, curadora e responsável pelo Herbário da UEL, que inclusive disponibilizou a biblioteca herbário para consultas e pesquisas. A outra especialista (já citada, anteriormente, neste texto) é a professora de Aromaterapia, aromaterapeuta e jornalista, Maria Angélica Abramo, radicada em Londrina, que ministra cursos de Aromaterapia e Aromatologia em Londrina e em Campinas (SP).

4.8 ELABORAÇÃO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS

Para a elaboração das fichas terminológicas seguiu-se, sobretudo, as propostas de Cabré (1993, 1999) e Aubert (1996).

Cabré (1993, p. 279) observa que a ficha terminológica pode ser composta de vários campos, mas que alguns deles são imprescindíveis a qualquer modelo que se escolha ou se proponha, a saber:

- (i) o campo da entrada, que corresponderá ao segmento terminológico identificado tal como aparece no texto, ou através de um lema;
- (ii) o campo da categoria gramatical que se deduz da forma terminológica no texto;
- (iii) o campo do contexto em que aparece o termo;
- (iv) o campo da referência completa da fonte.

A autora observa, ainda, que existem inúmeros modelos de fichas e que a opção por um ou outro depende dos objetivos propostos.

Observe-se o modelo de ficha do glossário da Aromaterapia, conforme proposta de Silva (2008, p. 59):

- Código: A-001
- TERMO: **alecrim**
- NOME CIENTÍFICO: (*Rosmarinus officinalis L.*)
- EQUIVALENTE EM INGLÊS: rosemary
- EQUIVALENTE EM FRANCÊS: rosmarin officinal
- EQUIVALENTE EM ESPANHOL: romero
- INF.GRAM.: *s.m*

INFORMAÇÃO ENCICLOPÉDICA: Ao contrário de alguns óleos essenciais, o de alecrim é destilado da planta inteira. Trata-se de um óleo estimulante, cálido e penetrante em seu odor e suas ações. Em seu *Herbário*, Nicholas Culpeper adverte seus leitores: “O óleo extraído das folhas e flores é de soberana ajuda [...] e deve-se tocar as têmporas e as narinas com duas ou três gotas para todas as moléstias do cérebro; bem como ingerir uma, duas ou três gotas, segundo a exigência do caso, para males internos; todavia, deve-se fazê-lo com critério, por se tratar de substância muito volátil e penetrante e, portanto, não se deve utilizar senão um pouco de cada vez.” (CULPEPER, 1653, apud DAVIS, 1996, p. 35).

CONTEXTO 1: [...] O <óleo de alecrim> requer cuidados, pois em dosagens muito elevadas pode causar ataques de tipo epilético ou mesmo envenenamento, embora em quantidades muito reduzidas seja empregado para tratar casos de epilepsia. O efeito estimulante do óleo de alecrim sobre o sistema nervoso central é muito marcante, razão pela qual é utilizado nos casos em que haja perda ou redução de funções, como a perda do olfato, deficiência visual, etc.; nos casos em que os nervos sensoriais tenham sido afetados; para alguns tipos de comprometimento da fala; e nos casos de paralisia temporária, em que os nervos motores são afetados (DAVIS, 1996, p. 34-35).

• CONTEXTO 2:

• ÁREA: OE (Óleo Essencial)

VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA: alecrim da horta; alecrim-de-cheiro; alecrim-rosmarinho; rosmarinho; romero; rosmarinus (*Rosmarinus officinalis L.*)

DEFINIÇÃO: Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da planta alecrim, usado como antiespasmódico, carminativo, emenagogo e expectorante.

5 NO DOMÍNIO DA AROMATERAPIA: A PROBLEMÁTICA DA VARIAÇÃO

He could smell her faint natural
perfume and it drove him
wild with hunger.
(D. H. Lawrence)

Este capítulo trata da variação denominativa da Aromaterapia encontrada no corpus analisado.

5.1 OCORRÊNCIAS DE VARIAÇÃO NO ÂMBITO DA AROMATERAPIA

Neste tópico, far-se-á a análise de alguns termos que ocorrem no Dicionário Terminológico da Aromaterapia.

5.1.2 A Variação Denominativa do Termo Alecrim

O termo *alecrim*, que denomina o óleo essencial extraído da planta de mesmo nome, é assim definido por Ferreira (2004, p. 79): (Do ar. AL-iklil) S.m. **1.** Arbusto da família das Labiadas (*Rosmarinus officinalis*) que exala odor agradável e forte, e por destilação dá abundante quantidade de óleo essencial volátil; alecrim-de-cheiro **2.** Ramo, folha ou flor desse arbusto.

Morais Silva (1949/1959) apresenta as seguintes variantes para o termo: “Alecrim-bravo; alecrim-da-serra; alecrim-das-paredes; alecrim-de-São-José; alecrim-do-campo; alecrim-do-mato; alecrim-do-norte”.

Câmara Cascudo (1972), registra as seguintes variantes: “Alecrim-de-cheiro; alecrim-das-hortas; rosmarim-dos-alemães; erva-para-coroas”.

Também o *site* Plantamed (2008) destaca as seguintes variantes: “Alecrim-da-horta; alecrim-de-jardim; alecrim-de-cheiro; alecrim-rosmarino; alecrim-rosmarinho; alecrinzeiro; erva-da-graça; libanotis; rosmaninho e Romero”.

Em um curso de Aromaterapia e óleos essenciais, ministrado em Londrina, em julho de 2008, a facilitadora do curso, farmacêutica e aromaterapeuta Josefina Manprim²⁰, utilizou as seguintes variantes para o termo: *Rosmarinus*, *Romero*, *Rosemary* (denominação inglesa para o termo), *rosmaninho* e *alecrim* propriamente dito.

O dicionário de Bluteau (1712), digitalizado pela Universidade de São Paulo/USP define a unidade lexical alecrim como:

[...] arbusto, cujo talo lança muitos ramitos compridos, delgados, e cinzentos, guarecidos de folhinhas estreitas, duras, retas, de hu verde escuro por cima, e brancas por baixo, e intreSachadas (sic), com flores de um azul desmaiado, hi de um cheiro aromático, menos forte e menos áspero, que o das folhas [...].

Quanto à variação do termo alecrim, Bluteau (1712) registra dados interessantes como:

Chamaõlhe os Latinos ***Rosmarinus***, como quem dissera *orvalho do mar*, porque ordinariamente se cria em lugares marítimos com os vapores do mar, que cahem a modo de orvalho. Tan bem foi chamado ***Rosmarinus Coronarius***, porque antigamente era o alecrim usado em ramalhetes, e nas capellas. Diz Laguna, que toda espécie de alecrim se chama ***Libanotis***, por cheirar cada huma delas (particularmente na raiz), a incenso, a que os Gregos chamaõ *Libanos e Libanotis*. [...] também lhe chama Plínio, ***Libanotis idis***, e não *Libanitis*, (como se acha em alguns Diccionarios). ***Rosmaris***, de que usa Ovídio, ***Marinus ros***, e no plural ***rores Marini***, são termos bons para os poetas.

Já o *Reader's Digest* (1984, p. 55) registra o termo *Alecrinzeiro* como variante popular em Portugal.

Para Maxwell-Hudson, o alecrim, como erva, tem sido utilizada desde tempos antigos:

Todos aqueles que se dedicavam a curar pessoas, usavam o alecrim. A Rainha Isabel, da Hungria, recuperou sua saúde e rejuvenesceu graças a essa planta. Paracelso, no séc. XVI, usava-a para curar seus doentes. Já Culpeper afirmava que o alecrim ajuda uma memória fraca e agiliza os sentidos (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 35).

²⁰ O curso foi ofertado pelo IPESB - Instituto de Pesquisa em Bioenergética, e aconteceu nos dia 11 e 12 de julho de 2008, em Londrina, Paraná.

Patrícia Davis, pesquisadora e aromaterapeuta norte-americana, justifica a denominação da planta em causa: “Originário da França, Espanha, Marrocos e Tunísia, cresce livremente por toda Europa, aclimatando-se melhor na orla marítima, fato que ficou registrado em seu nome científico: *Ros-* (orvalho); *-marinus* (marinho).” (DAVIS, 1996, p. 740).

Conforme a autora, conta a lenda que as flores do alecrim eram brancas, mas tornaram-se azuis depois que a Virgem Maria pendurou seu manto em um arbusto de alecrim, quando a Sagrada Família parou para descansar, durante sua fuga para o Egito.

Por meio da destilação com vapor das extremidades com flores, obtém-se o óleo essencial de alecrim, amplamente utilizado na Aromaterapia. Garcez e Gambirasio (2000, p. 15) assim descrevem os poderes da erva:

Ligado aos poderes do amor, da alegria e da amizade, o alecrim enche de bons fluidos toda casa. Purifica o espírito e os ambientes. Por isso, é sempre bom manter um potinho da erva na sala, nos quartos, na cozinha. Abuse dele para cuidar da beleza. Afinal, não foi à toa que o alecrim ganhou a fama de planta da juventude eterna. [...]

Já o *site* inglês Dooyoo (REMEMBERING..., 2008) veicula as seguintes informações à respeito da erva alecrim, segundo as pesquisas de Nicholas Culpeper (1616–1654), eminente botânico Inglês:

Culpepper associated Rosemary with the Sun and the sign of Aries. Aries rules the head and this links to the common association of this plant to memory. The oil is used to stimulate the central nervous system and brain cells. In ancient times, the Greeks would wear a wreath of Rosemary to aid their studies and medieval texts suggest that those suffering from ‘hysteria’ should use a comb made of rosemary wood! (REMEMBERING..., 2008)²¹

5.2 VARIANTES TERMINOLÓGICAS LINGUÍSTICAS

No uso especializado, no âmbito da Aromaterapia, temos, por exemplo, a ocorrência da UT **alecrim**, referindo-se a vários conceitos, uma vez que, conceptualmente, dependendo da região onde a planta foi colhida e destilada, o óleo essencial obtido será

²¹ Culpeper associou o alecrim ao Sol e ao signo de Áries. Áries governa a cabeça e isso explica a relação dessa planta com a memória. O óleo é usado para estimular o Sistema Nervoso Central e as células do cérebro. Na Antiguidade, os Gregos usavam uma coroa de alecrim para facilitar os estudos; textos medievais sugerem que aqueles que sofrem de hysteria deveriam usar um pente feito com a madeira da planta (REMEMBERING, 2008).

diferente, em seu quimiotipo. Assim, o óleo colhido, por exemplo, na Espanha, não terá os mesmos quimiotipos do óleo obtido no Brasil, na Itália, no Egito, na Tunísia, etc. Conseqüentemente, a UT *alecrim* denominará óleos diferentes provenientes de plantas *também* diferentes. Porém, o objetivo desta análise é a *variação denominativa*, por isso não focalizará a problemática da resolução de conceitos. Tal detalhe é deveras complicado e exigiria um outro trabalho no qual se abordasse essa temática. Os quimiotipos que diferenciam conceptualmente um óleo de *alecrim* de outro óleo também de *alecrim*, são preocupações e tarefas de especialistas, não chegando ao conhecimento do público em geral.

As variações encontradas no *corpus* analisado: *alecrim-rosmarino* e *alecrim-rosmarinho* podem ser analisadas como segue:

Variante terminológica fonológica - a escrita pode surgir de formas decalcadas da fala. (FAULSTICH, 1998, p. 7).

Assim, é o nome científico: *rosmarinus*, que norteia essa tendência na variação. Veja-se:

alecrim - rosmarino

alecrim - rosmarinho

As duas variantes de *alecrim* são variações populares desse termo e podem ser explicadas no fato de *rosmarinus* apresentar dificuldades de pronúncia a algumas classes sociais menos cultas, o que abre espaço para a apócope na pós-tônica final: -u (s), seguindo a tendência de modificar-se em: -o:

rosmarinus > *rosmarino*

No que tange à variante *rosmarinho*, o sufixo -inho encerra a ideia de referência, relação ou origem: mar → marinho, deixando entrever a possibilidade de origem do termo na fala dos portugueses, que têm uma planta muito semelhante ao alecrim, igualmente com flores azuis, mas de terapêutica diversa. Conforme Houaiss (2001), a “etimologia popular é um fenômeno que une uma palavra à outra por semelhança fonética e alguma associação semântica, sem qualquer base no parentesco genético”. Assim, a “etimologia popular” uniu os dois termos variantes ao nome científico. Observe-se:

rosmarinus → *rosmarinho/rosmarino*

O processo morfológico, neste caso particular, é o da palatalização, que consiste na passagem do -nh para -n. Observe-se:

Rosmaninho → rosmari(no)

Já as variantes *alecrineiro* e *alecrinzeiro* foram formadas por influência do termo *alecrim*. Essas variantes sofreram transformações fonológicas passando pelo processo:

alecrim → alecrinzeiro → alecrin[z]eiro

Neste caso, também pode observar-se o processo da palatização.

Essas duas variantes além de serem fonológicas, também se caracterizam como geográficas e socioletais, confirmando, assim, “que uma variante pode ser classificada em mais de uma categoria”, conforme explicam Jesus e Barros (2005, p. 176).

Variante terminológica morfológica – Faulstich (1998, p. 8) ensina que é “a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere”. A variação atua, portanto, nos formantes dos termos:

rosmar (ino)

rosmar (inho)

O sufixo -ino é, segundo Cunha (1976, p. 71), formador de adjetivos, sendo que o sentido é de origem, natureza. As variantes *alecrineiro* e *alecrinzeiro* podem também ser classificadas dentro dessa categoria. O sufixo -eiro, estabelece o sentido de origem, relação. A tendência popular, na escolha das variantes, pode estar justificada na fala dos portugueses, posto que *alecrinzeiro* é o termo variante para a planta *alecrim*, em Portugal.

Variante terminológica lexical - “algum item da estrutura lexical de um unidade terminológica complexa (UTC), sofre apagamento, mas o conceito do termo não se altera.” (FAULSTICH, 1998, p. 7).

Também as unidades terminológicas complexas sofrem alterações. Note-se:

óleo essencial de alecrim → *óleo / 0 / de alecrim*

O apagamento do adjetivo *essencial* é bastante comum e extensivo a outros tipos de óleos:

óleo essencial de rosa → *óleo / 0 / de rosa*

óleo essencial de sândalo → *óleo / 0 / de sândalo*

Varição Terminológica de Registro: “aquelas, cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos dos termos.” (FAULSTICH, 1998, p. 7). Podem ser:

Variante terminológica geográfica: “é aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua.” (FAULSTICH, 1998, p. 8). Alecrinzeiro – ocorre simultaneamente em Portugal e no nordeste do Brasil, possivelmente, em decorrência das influências sofridas durante a formação dessa região.

Variante terminológica de discurso: a que decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos científicos e técnicos. Servem de exemplo, como termos da vulgarização científica:

Alecrim → erva-da-graça, erva-das-coroas, erva da recordação

A variante *erva-da-graça* originou-se na lenda, (já citada neste capítulo), da fuga de Nossa Senhora. A transformação da cor branca da planta para o tom de azul poderia ser vista como “graça”.

A variante *erva-das-coroas*, justifica-se na busca de rejuvenescimento, por parte das mulheres, desde tempos antigos.²² O termo em questão, *erva-das-coroas* traz, implícita, a conotação de erva destinadas a mulheres *balzaquianas*, que já passaram de certa “idade”. Trata-se, assim, de um caso de gíria, não muito utilizada atualmente, mas que era muito comum na década de 70 e 80.

Já a variante *erva da recordação* foi mote da observação de Nicholas Culpeper (1616–1654) (apud MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 35): “ajuda uma memória fraca e agiliza os sentidos”. Também *Hamlet*, de Shakespeare (2003, p. 110), dá a Ofélia o seguinte conselho “aqui tens alecrim, para recordar”

Variante terminológica temporal - aquela que se configura como mais usual no processo de variação e mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida. Serve de ilustração, a variação em Bluteau (1712, p. 230): “**Ros maris** (X), de que usa Ovídio, **Marinus ros** (XI) e no plural **rores Marini** (X2)”

A forma latina para a denominação científica fixou-se como *Rosmarinus* (Y), demonstrando a preferência no processo de mudança.

Variantes competitivas:

São aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A. Assim, a forma latina para o nome científico *Rosmarinus*, é usada alternadamente nos discursos científicos, técnicos, escritos e orais

²² O alecrim é tido como dotado de efeitos rejuvenescedores quase miraculosos (DAVIS, 1996, p. 36).

(cursos de aromaterapia). Também a forma *romero*, equivalente para denominação *alecrim*, em espanhol, é frequentemente utilizada em discursos técnicos (FAULSTICH, 1998, p. 9).

Faulstich (1998, p. 9) acrescenta:

[...] os empréstimos lingüísticos são itens lexicais que se originam de língua estrangeira e, depois, no contexto social da língua recebedora, se tornam variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular equivalente, por causa do ambiente lingüístico estranho à sua permanência natural.

Desta forma, pode-se explicar as seguintes variantes populares registradas, a partir da variante competitiva. Veja-se:

rosmarinho/rosmarino (variantes populares) → *Rosmarinus* (variante competitiva)

Infere-se também que a variante registrada, em Ferreira (2004), tenha participado do mesmo processo:

rosmaninho (variante popular) → *Rosmarinus* (variante competitiva)

Concluindo este tópico, nota-se que as variantes do termo alecrim não deturpam a língua; ao contrário, alimenta-a e enriquece-a. Esse termo foi um daqueles que mais apresentou número de variantes, demonstrando que, nos domínios de especialidade, a variação é um fenômeno natural e ocorre quer no tempo, quer no espaço, quer na sociedade.

5.2.1 Os Casos de Homonímia

Quando da análise dos termos que compõem o *corpus* pesquisado, localizou-se variantes que se encaixam na categoria linguística de homonímia. Alguns termos, por serem idênticos na forma fonética e gráfica, designando, todavia, conceitos diferentes, puderam ser inseridos na classificação homógrafos/homófonos. Para Cabré (1993, p. 218), “[...] dos o más términos son homônimos cuando coinciden em la forma, pero representan conceptos totalmente diferentes.” A autora acrescenta também que “[...] el fenómeno de la homonímia se da com mucha mayor frecuencia em la terminologia, que em léxico general.”

Baseando-se no *corpus* em análise, os seguintes casos de homonímia, que geram, muito mais que casos de questões linguísticas e conceituais, riscos iminentes à saúde de usuários de óleos essenciais e adeptos da Aromaterapia.

Exemplo 1: anis/anis-estrelado (*Illicium verum*/*Illicium anisatum*)

O óleo de *anis/ anis-estrelado*, por exemplo, é gerado por duas plantas bastante *diferentes*, sendo, obviamente, denominadas científicamente por meio de nomes *também diferentes*.

Tem-se assim **dois casos**:

1) anis/anis-estrelado (*Illicium verum*)

2) anis/anis-estrelado (*Illicium anisatum*)

1º. Caso:

Anis/anis-estrelado → (*Illicium verum*)

Nesse **primeiro caso**, a planta conhecida pelo nome científico *Illicium verum* é fonte geradora de um óleo essencial, de nomes comuns *anis* e *anis-estrelado*, próprio para consumo e amplamente utilizado em Aromaterapia no tratamento de distúrbios físicos e em massagens terapêuticas. Esse óleo é bastante procurado pelo aroma agradável e pelo alívio comprovado nas cólicas intestinais, dispepsias, inapetência e tosses com catarro. Os manuais de Aromaterapia, *sites* instrucionais, catálogos que versam sobre venda de óleos essenciais, fornecem instruções de uso, e divulgam-no amplamente como alternativa eficaz no combate à certas indisposições físicas e mentais.

2º. Caso:

Anis/anis-estrelado → (*Illicium anisatum*)

Nesse **segundo caso**, os mesmos termos, *anis e anis-estrelado* servem para denominar outro tipo de óleo proveniente da planta de nome científico *Illicium anisatum*, também conhecida como *Illicium japonicum*, ou *Shikimi*, utilizada como incenso no Japão, e não recomendada para consumo humano, uma vez que apresenta um elemento químico bastante tóxico entre seus componentes. No entanto, apesar da sua toxicidade, esse óleo é

amplamente recomendado, não havendo discernimento entre a espécie tóxica e a não-tóxica. Ao contrário, como é necessário que se conste nas embalagens comercializadas o nome comum do óleo e, entre parênteses, em latim e em itálico, seu nome científico, a espécie tóxica é apresentada sem restrições, aparecendo também inúmeras vezes nos textos pesquisados como *corpus*. A ignorância desse fato importante pode levar a intoxicações sérias ou mesmo morte da pessoa ou animal que fizer uso da substância volátil resultante da espécie tóxica.

Há um **terceiro caso**, em que se emprega também a denominação *anis* para a planta mais conhecida como erva-doce. Veja-se:

3º. Caso:

Anis → erva-doce (*Pimpinella anisum*)

Nesse **terceiro caso**, o termo *anis* designa um óleo obtido por destilação a vapor da planta erva-doce, cujo nome científico é *Pimpinella anisum*. Trata-se de outra espécie botânica, portanto, outro tipo de óleo, muito empregado em Aromaterapia por seu cheiro agradável e pelos seus benefícios comprovados.

Tem-se, assim, o termo **anis** também usado para designar o óleo extraído da planta erva-doce (*Pimpinella anisum*). Veja-se:

Anis → erva-doce (*Pimpinella anisum*)

Os três conceitos (**dos três casos apresentados**) são **diferentes** entre si, mas são, todavia, denominados por um mesmo termo, dentro de um mesmo âmbito. Almeida (2000, p. 97) observa que, pelo fato de ser descritiva e não ter pretensões normalizadoras, a TCT demonstra estar aberta para considerar ocorrências de sinonímia e homonímia, como também de variações dialetais possíveis na comunicação especializada. Essa perspectiva de olhar o objeto, segundo a autora, já tem na sua base o postulado de que os termos não são biunívocos, mas sofrem as mesmas influências de qualquer signo da língua geral.

A autora observa, também, que quando se trata de indivíduos em situações comunicativas distintas, torna-se um tanto ingênuo esperar que determinadas características próprias da língua geral como duplo sentido, imprecisões e ambiguidades não façam parte das comunicações especializadas.

Exemplo 2: blend

Outro exemplo de homonímia refere-se ao empréstimo linguístico, *blend*, importado da língua inglesa e de uso muito difundido no âmbito da Aromaterapia. Trata-se de um caso de anglicismo, não dicionarizado, encaixando-se também como exemplo de **neônimo**.

Observe-se:

1. **blend** → mistura de óleo essenciais, no intuito de tratar algum desconforto do organismo.
2. **blend** → combinação de vários óleos essenciais para se re(criar) o aroma e os componentes químicos de um óleo raro e de valor muito alto.

As relações de significação que se estabelecem no discurso podem possuir diferentes matizes. Barros (2004, p. 220) esclarece que “as unidades léxicas de uma língua mantêm entre si relação de sentido que são de grande importância para a elaboração de um dicionário, uma vez que delas depende a organização da macroestrutura, da microestrutura e do sistema de remissivas da obra”.

No caso do discurso especializado, tais relações também se estabelecem. Entre os diferentes tipos de relações possíveis, destacam-se a monossímia, a sinonímia, a homonímia e a polissemia.

Exemplo 3 - camomila → (*Matricaria chamomilla*/ *Anthemis nobilis*)

Relacionando-se os casos de homonímia, **ainda** pode-se citar:

camomila → (*Matricaria chamomilla*)

camomila → (*Anthemis nobilis*)

Conforme Davis (1996, p. 191): “[...] Este verbete poderia intitular-se, com mais propriedade, ‘camomilas’, uma vez que são muitas as variedades empregadas na Aromaterapia e na medicina botânica”. Assim sendo, o termo *camomila* nomeia duas espécies que produzem óleos essenciais diferentes um do outro. A *Matricaria chamomilla* possui

composição química totalmente distinta, tendo indicações diferenciadas da *Anthemis nobilis*. Esta possui ação sobre o fígado, auxiliando no tratamento de hepatites e cirroses. A outra é mais indicada para dores de cabeça, insônia e distúrbios femininos como tensão pré-menstrual, cólicas e menorragia. São dois termos conceptualmente distintos e que podem ser encaixados como termos homônimos (também homógrafos e homófonos).

Exemplo 4 - eucaliptus (*Eucaliptus globulus/Eucaliptus citriodora/Eucaliptus radiata*)

Um outro caso de homônimos (também homógrafos e homófonos) relaciona-se à denominação *eucalipto*, o qual nomeia cerca de seis tipos diferentes de óleos. Serão discutidos aqui somente três casos, os que constam do glossário onde se compilou os termos da Aromaterapia. A opção pela denominação *eucaliptus* (em Latim) tem a preferência pela maioria dos estudiosos da área e consumidores de óleos essenciais, sendo este também mais um caso de empréstimo linguístico (latinização). No momento da compra de óleos ou de sua utilização, pode haver dúvidas acerca das especificações terapêuticas de cada um desses óleos, discriminados a seguir, uma vez que as denominações são as mesmas, criando-se mais um caso de ambiguidade nessa língua de especialidade.

Tem-se:

eucaliptus → *Eucaliptus globulus*

eucaliptus → *Eucaliptus citriodora*

eucaliptus → *Eucaliptus radiata*

A terapêutica de cada um deles é bem distinta, em decorrência dos componentes químicos apresentados. Enquanto o *globulus* ameniza problemas respiratórios, e o *citriodora* trata a LER (Lesão por Esforço Repetitivo) e dores na articulação, higieniza saunas e ferimentos; o *radiata* é um dos poucos indicados para tratamentos em crianças.

5.2.2 Criação Neológica dos Termos do Âmbito da Aromaterapia

Pode-se resumir os processos de criação/ampliação lexical em dois: formação dentro da própria língua e adoção e/ou adaptação de unidades estrangeiras.

Para Boulanger, citado por Alves (2000), neologia é o processo de criação de novas unidades lexicais na língua geral ou nas línguas de especialidade, e neologismos, seu produto. Rondeau, citado por Alves (2006, p. 34), chama a neologia terminológica de *neonímia* e seu produto de *neônimo*.

O acervo lexical de todas as línguas renova-se constantemente. Ao mesmo tempo que algumas palavras deixam de ser usadas, tornando-se arcaicas, outras unidades léxicas são criadas pelos falantes de uma dada comunidade linguística.

O processo de criação lexical, ou seja, o processo de criação de novas palavras pelos falantes é denominado *neologia*. O fruto desse processo, a palavra resultante dessa inovação, é chamado *neologismo*.

Conforme Correa (1998, p. 62), “um neologismo é, pois, um item lexical que é sentido como novo pela comunidade linguística.” Podem ser de vários níveis, ou seja, apresentar tipos de novidades distintos:

- formal: quando apresenta uma forma nova;
- semântica: quando há uma nova associação significado-significante, isto é, quando uma palavra adquire uma nova acepção;
- pragmática – quando o neologismo é resultado da passagem de um dado registro para outro. Juntamente com a novidade pragmática ter-se-á a novidade semântica (CORREA, 1998, p. 63).

Ainda segundo a autora, os neologismos de cunho terminológico, nascidos dentro de uma esfera de especialidade por necessidade de designação de novos conceitos - oriundos de novas descobertas, novas teorias, produtos ou tecnologias – são conhecidos como **neônimos**, e a neologia, o processo nesse âmbito, é chamado de **neonímia**.

Alves esclarece que a **neologia semântica** ocorre de diferentes maneiras. A mais usual acontece:

[...] quando se verifica uma mudança no conjunto de semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em **novos itens lexicais** (ALVES, 1994, p. 62, grifo nosso).

Nos exemplos descritos a seguir, houve alterações dos semas das unidades léxicas, transformando-as em novos itens lexicais. Um dos processos que caracteriza o neologismo semântico é a terminologização, na qual se enquadram os exemplos a seguir.

Existem vários tipos de neologismos, Barbosa (1996, p. 175) classifica-os em: fonológico, semântico, sintagmático e alogênético. A mutação fonológica se processa no significante e pode acarretar mutações no significado; apresenta a seguinte classificação: formação fonológica específica e complementar. A Aromaterapia não apresenta exemplos da primeira. O fonológico complementar é decorrente de um outro neologismo (semântico, sintagmático e/ou alogênético). Já o semântico consiste em uma mutação apenas no significado, sem consequência imediata para o significante. Nas áreas técnicas, há a neónimia semântica chamada de terminologização (BARBOSA, 1998, p. 33), que é um processo marcado por duas etapas: a passagem do item lexical da língua comum para uma área técnica e a mudança semêmica, que adapta a unidade lexical à área receptora. Outro tipo de neologia semântica é a conversão categorial, na qual a unidade muda de categoria gramatical ao sofrer mutação semântica. Há, ainda, o neologismo sintagmático que se caracteriza pela produção de novos itens a partir de elementos mórficos já existentes no sistema linguístico. Como exemplo, pode-se citar *gomenoil*, formados a partir de Gomen (Porto) + oil, formando o novo item lexical *gomenoil*, que, por adaptação, torna-se *gomenol*. Esta criação lexical traz implícita a derivação em seu sentido amplo, ou seja, é um processo que pressupõe um item lexical de base e uma forma de combinação entre dois desses elementos, da qual deriva uma unidade lexical nova. Com esta afirmação, pode-se colocar a derivação como processo único e a sufixação, prefixação e a composição como suas diferentes modalidades de construção (BARBOSA, 1996, p. 270).

Nos exemplos a seguir, houve alterações dos semas das unidades léxicas, transformando-as em novos itens terminológicos. Um dos processos que caracteriza o neologismo semântico é a **terminologização**, na qual se enquadram os exemplos a seguir.

5.2.3 Casos de Neônimos ou Neotermos por Terminologização e Metaterminologização no Âmbito da Aromaterapia

A neónimia semântica

Exemplo 1 - amyris

No caso dessa UT, para designar o óleo essencial, notou-se que a ocorrência é bastante frequente nos contextos pesquisados e nas indicações de óleos essenciais para melhora do humor. A origem do termo é grega (*amyron*) e significa “intensamente perfumado”, conforme o *site* [http// en.wikipedia.org/wiki/Amyris](http://en.wikipedia.org/wiki/Amyris). (Acesso em 1o. de junho de 2010). Registra-se, também, uma forma variante para essa denominação (*falso sândalo*), sendo as duas formas amplamente utilizadas nos textos dos *corpus* pesquisados. Essa estratégia de coesão e coerência textuais, que evita a repetição, pode provocar a seleção natural de uma das UTs, resultando no desuso da outra. A forma *amyris* sofreu um processo intrassistema, sem a adoção integral do significado do termo em grego, sendo incorporando ao universo da Aromaterapia com a acepção de óleo essencial. Esse processo de neologia semântica, nas áreas técnicas, é chamada de terminologização (empréstimo interno) por Barbosa (1998, p. 33).

Exemplo 2 – attar

O termo *attar*, do persa ‘**atir**, que significa “perfumado”, serve para designar o óleo essencial extraído através de um processo de destilação indiano no qual se usa o óleo de sândalo como base. Essa UT apresenta uma variante, *otto*, também frequente nos textos pesquisados. A unidade lexical *Attar* passa para o universo da Aromaterapia pelo processo neológico de terminologização e, como termo pertinente a essa área, adquire a acepção de: “Extrato perfumado obtido de flores, folhas, ervas, condimentos, terra (*mitti*), por meio de um processo indiano de destilação no qual se usa o óleo essencial de sândalo como base.” (ALBANO, 2010, p. 13).

O *attar* de “*mitti*” ou “terra” é o perfume obtido da destilação da argila terrosa (LASZLO, 2010b).

Exemplo 3 – absoluto

Termo criado pela necessidade de denominar um novo item lexical de cunho especializado, definido como um “extrato perfumado obtido pela diluição do concreto ou resinóide que se forma durante o processo de extração por solventes (CO²)”, conforme item da página 11, do glossário deste trabalho. Os contextos em que se inserem a unidade lexical especializada referida mostram que o significado básico de **absoluto** (“*único*”; “*que não se compara a nenhum outro*”) não é mantido. Ao passar para o universo da Aromaterapia, o

substantivo adquiriu a seguinte acepção: a) extrato perfumado (ou óleo essencial) destilado de flores e pétalas pelo processo conhecido como *enfleurage*.

Exemplo 4 – fitol e florasol

Pode-se elencar, para esses dois termos, a **metaterminologização**, ou seja, a passagem da unidade lexical de uma língua de especialidade para outra língua de especialidade. *Fitol e florasol*, ambos exercendo as função de substantivos, originalmente significavam “solvente gasoso, não tóxico, usado para a extração de óleos aromáticos e compostos ativos de materiais de plantas”, de acordo com página 13 do glossário, neste trabalho. Ambos pertencem ao âmbito da Química. Pelo processo de metaterminologização, ou seja, ao passar para o universo da Aromaterapia, os substantivos adquirem a acepção de **processo de extração de óleos essenciais**. A metaterminologização, espelhando-se nas considerações de Barbosa (1998, p. 34), é “caracterizada pela ampliação do conjunto semântico de um termo em um mesmo universo de discurso especializado, com mudança de referente, mas com a manutenção de alguns traços semânticos”. Assim, há a manutenção de alguns traços semânticos de *fitol e florasol*, alterando, todavia, o referente, que não é mais o **produto**, mas o **processo**.

Exemplo 5 - néroli

Outro item do conjunto terminológico do campo-objeto que se submeteu ao processo de neologia semântica, caracterizado pela terminologização, foi *néroli*, cuja acepção é óleo essencial extraído da flor da laranja azeda. Esse termo foi formado a partir do título da princesa de **Nerola**, Anna Maria de La Trémoille, que usava o óleo essencial em suas colônias e temperos. Nesse caso também pode-se justificar a migração do item lexical da língua comum para a língua de especialidade, pelo processo de **terminologização**. O item lexical perde sua antiga acepção, passando a significar um tipo de óleo essencial. A passagem foi feita, conservando-se alguns traços semânticos. Os referentes foram, assim, alterados em função da passagem do significante da língua comum para a língua de especialidade.

Exemplo 6 – gomenol

O porto de Gomen (Índias Orientais) foi a origem da unidade terminológica *gomenol*, variante do óleo essencial *niaouli*, extraído da planta de mesmo nome. O óleo era

extraído no próprio porto e, depois, embarcado para outros países. Recebia, então, o nome de **gomen oil**. gomen + oil gomenoil → gomenol.

As duas bases **gomen** e **oil** juntaram-se para formar o composto **gomenoil**. Esse processo é denominado composição, através do qual se criam palavras novas pela junção de palavras ou de radicais já existentes.

Assim, tem-se:

Gomen + oil → gomenoil

Todavia, o termo não se atualizou como **gomenoil**, mas sim como **gomenol**, perdendo a vogal (i) postônica. Trata-se de um neologismo sintagmático. Foi adotado no sistema linguístico da língua portuguesa, como variante designativa do óleo essencial de *niaouli*. Sua adoção pressupõe a introdução também do recorte cultural em que o termo foi criado. A criação desse termo é o resultado de dois processos distintos: a adoção de parte do significado de gomenol (empréstimo externo) aliada à terminologização (empréstimo interno).

Exemplo 7 - mimosa (sensível, suave, terna, delicada)

O item lexical da língua comum **mimosa** (“sensível, suave, terna, delicada”) que passa do universo do discurso geral para o discurso especializado (processo interno) é um neônimo semântico e o processo chamado de terminologização (BARBOSA, 1998, p. 33). No caso em questão, o processo é marcado por duas etapas: a passagem do item lexical da língua comum para uma área técnica e a mudança semêmica, que adapta a unidade lexical à área receptora. Há ainda a conversão categorial, na qual a unidade muda de categoria gramatical ao sofrer mutação semântica. Assim, **mimosa**, adjetivo na língua comum, adquire a categoria de substantivo ao denominar um óleo essencial, na área receptora.

Exemplo 8 – essência

O termo *essência*, no âmbito da Filosofia, significa “natureza das coisas”. Na Aromaterapia, significa a “substância produzida pelas plantas”. A transposição de um termo de uma para outra área, sem a modificação total do significado, ou seja “com a manutenção de alguns traços semânticos na intersecção dos dois sememas” (BARBOSA, 1998, p. 34) é denominada **metaterminologização**.

Exemplo 9 - sinergia

Como no caso anterior, o termo *sinergia* (esforço simultâneo de órgãos ou músculos na realização de uma função) passa da área da Fisiologia para a área da Aromaterapia, sem a manutenção dos traços semânticos que possuía no universo de partida. Em Aromaterapia, **sinergia** é a mistura de vários óleos essenciais para um determinado tratamento. Esse processo é, também chamado de metaterminologização.

5.2.4 O Neologismo Alogenético: Estrangeirismos

Alves (1994, p. 7) assevera que “o estrangeirismo é facilmente encontrado em vocabulários técnicos [...]”.

A variação constituída de empréstimos por estrangeirismos é bastante comum no âmbito do *corpus* pesquisado. Algumas plantas geradoras de óleos essenciais são originárias de vários países da Europa, da África e da Ásia. Outras são cultivadas e destiladas somente nos EUA (caso do cedro-da-virgínia).

O vocabulário da Aromaterapia recebeu vários galicismos, anglicismos e termos provenientes de línguas exóticas como o malaio, híndi e tagalogo, pela seguinte razão: muitos óleos importados de regiões mais distantes, como China, Índia, África e Tibete, passaram também a ser destilados na Inglaterra, França e EUA, entre outros países. Como a tecnologia brasileira de destilação de óleos ainda é incipiente, a solução foi (e ainda é) importar tais óleos desses países. Juntamente com a importação, veio a terminologia e, consequentemente, as denominações nesses idiomas de origem. É mais fácil referir-se a esses óleos em inglês ou francês, do que se proceder a uma tarefa de tradução, encontrando uma denominação que se encaixe perfeitamente no idioma português. Desta forma, proceder-se-á, a seguir, à análise dos óleos encontrados.

Em estrangeirismos, encaixam-se os termos que tiverem sido transpostos em sua forma original, revelando-se estrangeiro na grafia e/ou nos fonemas.

Exemplo 1 – Grapefruit

O óleo de *grapefruit* – o significante manteve sua forma original em inglês uma vez que seu equivalente em português, *toranja*, é muito pouco ou nem é conhecido por

tal denominação. Constitui em empréstimo completo, caracterizado pela transposição de todo o significante e do significado, com tradução deste.

Exemplo 2- Tejpat

O termo que nomeia o óleo proveniente de uma espécie de canela, *tejpat* (sânscrito), conservou o significante da forma de origem, sendo assim conhecido tanto no Brasil como em outros países.

Exemplo 3- Jatamansi (*Nardostachys jatamansi*)

O mesmo acontece com o óleo de **jatamansi** (*Nardostachys jatamansi*), originário do Nepal Central, referido por *spikenard* (inglês) ou *jatamansi* (sânscrito), simultaneamente. O termo científico *Nardostachys jatamansi* provém do sânscrito, e pode assim ser descrito, conforme o *site* White Lotus Aromatics (2009):

jataa → tranças de cabelo

Nardostachys → relativo a **Narada** (deidade²³ indiana conhecida como o dispensador de conhecimentos e mencionada no Vedas e Upanishades).

Os dois termos *jatamansi* e *spikenard* são utilizados em língua portuguesa e constam de muitos textos do *corpus* pesquisado. Como não há quase termos equivalentes no idioma português que possam servir para melhorar a comunicação entre os especialistas da Aromaterapia, esses especialistas optaram pelo termo da língua inglesa e de outras línguas.

Exemplo 4 - Sweetgrass

O próximo a ser analisado como estrangeirismo é *sweetgrass*. Esse termo em sua forma original inglesa, traduzido como *grama-doce*, quase não é utilizado por essa denominação em português. A planta, muito conhecida dos nativos norte-americanos, que a utilizavam em cerimônias e rituais, produz um óleo essencial de intenso aroma floral, bastante empregado em massagens, fazendo com que o uso do termo original em inglês tenha a preferência durante a comunicação entre especialistas e terapeutas. A conotação xamânica do

²³ Deidade s.f. Divindade (FERNANDES, 1970, p. 356).

óleo faz com que o termo seja citado em vários textos, seja na Internet, seja em livros, sempre em sua forma original.

Os *blogs* e *sites* umbandistas, quando tratam da recomendação de óleos essenciais para “afastar o mal, ou más influências astrais”, utilizam o termo *sweetgrass* para fazer indicações do produto, parecendo ser um consenso o uso do estrangeirismo também nesse meio.

Exemplo 5 - Frankincense

Seu correspondente em português, **olíbano**, está dicionarizado, porém apresenta uso reduzido no *corpus* pesquisado. Há também a forma **franquincenso**, ainda menos conhecida e não dicionarizada, sendo um decalque. Essa forma decalcada do Inglês não é muito utilizada nos contextos pesquisados, embora haja o seu registro como variante de **frankincense**. A resina do **frankincense**, da qual se extrai o óleo essencial, foi trazida para a Europa pelos cruzados Francos, quando de seu retorno de Jerusalém e Terra Santa. Daí a origem do nome **frankincense**. O termo, **olíbano**, é derivado do árabe *al-lubán* (o leite), em referência à seiva leitosa que exuda da árvore do olíbano. O anglicismo é derivado do epônimo Frank (referente aos cruzados francos) + incense, circulando amplamente nos textos especializados da Aromaterapia. Na oralidade, é comum a utilização do estrangeirismo durante cursos e palestras sobre a utilização de óleos essenciais.

Exemplo 6 - Tea tree (melaleuca)

Em textos científicos, catálogos informativos sobre venda de óleos essenciais, livros de Aromaterapia, o termo em inglês **tea tree** é mais utilizado. Martins (1989, p. 80) recorda que Bally classifica tais empréstimos como *palavras de poder evocativo*, pois sua tonalidade emotiva está justificada na sua origem. São os estrangeirismos, advindos por força do relacionamento entre povos, “quando os nomes das coisas importadas as acompanham (*verba sequum rem*)”. Como se trata de um óleo muito empregado no combate a bactérias e vírus, o termo em inglês pode evocar mais segurança ao óleo essencial do que as outras denominações em português. O uso do estrangeirismo oferece uma atmosfera de “coisa de fora”, algo confiável. Tem-se a impressão que, embora o sentido e a origem do termo sejam praticamente ignorados pelos usuários, sua pronúncia lembra algo de um país distante, que não o nosso.

Exemplo 7 - Abricot (*Prunus armeniaca*)

Este óleo vegetal, largamente empregado em Aromaterapia, tem em português várias formas dicionarizadas: abricó, abricote e albricoque, é o óleo extraído do albricoqueiro ou abricoteiro, fruto semelhante ao damasco. Em muitos textos aparece como *damasco*, embora este receba o nome científico de *Armeniaca vulgaris* e o abricot seja denominado cientificamente como *Prunus armeniaca*, recebendo esta denominação pela origem armênia do nome. O *abricot* tem sido cultivado desde tempos antigos na Armênia, mas a fruta era conhecida dos indianos três mil anos antes de Cristo. No *corpus* pesquisado, encontra-se com muito mais frequência este termo em francês: *abricot* (galicismo). Em inglês, sua forma é *apricot*. A palavra passou do latim ao francês (no século XV), via grego antigo, árabe e catalão.

Veja-se: “Do fr. *abricot*, o qual através do cat. *abercoc*, deriva do ar. A- *al-barqûq* (étimo imediato do port. ALBRICOQUE)” (CUNHA, 1997).

Exemplo 8 - Ho leaf /ho Wood –

Empréstimo resultante da língua chinesa (*ho*) e da língua inglesa (*leaf/wood*). O termo complexo, constituído por dois radicais *Ho* e *leaf*, simultaneamente, denomina em inglês e também em português, o óleo essencial obtido da planta cujo nome científico é *Cinnamomum camphora*. Trata-se da forma variante do termo *cânfora*. O óleo é originário da China e o termo complexo formou-se a partir dos dois idiomas: chinês e inglês.

Exemplo 9 – *enfleurage/effleurage*

Termo emprestado ao francês para denominar um processo de extração de óleos essenciais, é um galicismo, pois a técnica surgiu primeiramente na França, no século XVIII. A forma em português, já dicionarizada, *enfloragem*, não é muito utilizada no *corpus* pesquisado e constitui um decalque. No entanto, a preferência é pelo termo em francês, provavelmente pela origem do processo de extração, sendo o galicismo largamente empregado nos textos de Aromaterapia.

Exemplo 10 - Attar

Na língua persa, o termo *atar* significa fragrância. Como *attar*, tem o sentido de um extrato perfumado obtido de flores, folhas, ervas, condimentos, terra (*mitti*),

por meio de um processo indiano de destilação no qual se usa o óleo essencial de sândalo (ou patchouli) como base. Foi produzido pela primeira vez pelo médico e químico persa Avicena (Hakim Ibn Sena). Não há no Brasil extração de perfumes de plantas por meio desse processo. Assim, quando há a necessidade de referência ao processo e ao seu produto, utiliza-se o estrangeirismo, pois ele nomeia tanto um quanto outro. O Online Etymology Dictionary (ATTAR, 2009) define o termo da seguinte maneira:

1798, from Pers. *'atar-gul* "essence of roses," from *'atar* "fragrance," from Arabic *'utur* "perfumes, aromas."

O termo não encontra correlatos em português.

Exemplo 11 – *Neem*

Derivado do Hindi *nim*, o anglicismo *neem* não possui equivalentes em português, é mais um óleo indiano, usado há milhares de anos. O termo *neem* está amplamente difundido na área da disciplina pesquisada, não havendo denominação substata.

Exemplo 12 – *Patchouli*

Deriva da língua tâmil (língua dravídica) falada no sul da Índia e em alguns outros países da Ásia. É um termo complexo:

patchai (verde) + **ellai** (folha)

O termo *patchouli* é conhecido desde as décadas de 60 e 70, por influência dos *hippies*, que o utilizavam para denominar o perfume criado a partir do óleo essencial extraído da planta de mesmo nome. O termo é também empregado para o incenso, aparecendo com frequência no *corpus* pesquisado. O anglicismo *patchouli* não possui correlatos no português, e suas variantes são de ordem ortográfica.

Exemplo 13 - *Petit grain*

A origem do nome está ligada também à origem do óleo essencial, que era extraído de laranjas muito pequenas. Daí o nome *petit* (em francês, significando pequeno) e *grain* (em inglês, significando grãos), em menção ao tamanho das laranjinhas.

O termo *petit grain* aparece no *corpus*, nas seguintes formas:

i) termo complexo → *petit grain*

ii) termo simples → *petitgrain*

Almeida (2006, p. 101) acrescenta que, embora as unidades terminológicas possam ser compostas por dois radicais, quando apresentam composição por justaposição ou aglutinação, devem ser consideradas como termos simples.

Assim, o empréstimo por estrangeirismo é formado, simultaneamente, por dois radicais: um em francês (galicismo) e outro em inglês (anglicismo). A denominação para esse óleo essencial, assim como inúmeros outros casos, não apresenta equivalentes em língua portuguesa.

Exemplo 14 - *Ylang ylang*

O termo *Ylang Ylang* é um anglicismo muito difundido na área da Aromaterapia. A maioria dos textos registra esse termo derivado da língua tagalo, uma das principais línguas faladas nas Filipinas. Sua forma em tagalo é: *Ilang*. Foi denominada *Ylang Ylang* em inglês e, por empréstimo, teve sua forma difundida no português. Como outros casos, suas variantes encaixam-se na classe das variantes ortográficas.

Exemplo 15 - *Tagetes*

Em português, o termo constitui-se numa latinização de um dos formantes do sintagma do nome científico *Tagetes erecta*. A denominação popular da planta, de onde se extrai o óleo essencial, é cravo-de-defuntos. Todavia, há a alternância pelas formas *tagetes* e o termo decalcado *taguetes*. O decalque sofreu alterações, adaptando o “ge” para “gue”. Essa adaptação gráfica (ALVES, 1994, p. 77) ocorre como consequência da integração do item lexical à língua receptora. No entanto, conforme a mesma autora, “observa-se, com certa frequência, que a forma gráfica integrada ao português chega a concorrer com o elemento grafado de acordo com a língua de origem.”

Confirmou-se, a partir dos *corpora* analisados, a influência de várias línguas como inglês, francês, sânscrito, chinês e tâmil. Tradicionalmente os óleos essenciais começaram a ser destilados a partir da Ásia e Oriente, difundindo-se depois pela Europa e Américas. O Brasil recebeu muitos empréstimos linguísticos que se atualizaram como Uts, no discurso da Aromaterapia, seja em suas formas originais, seja por meio de decalques.

5.2.5 As Variantes Socioletais

Conforme Jesus e Barros (2005, p. 183), “esta classe é determinada necessariamente pelo nível de língua, na qual se denota o uso real dos termos”. Pode-se, incluir nessa classe, os termos populares, familiares, vulgares, entre outros, no nível informal, e os cultos (na realidade, os ditos “cultismos”) nos limites do nível formal. Classificou-se, assim, esses últimos, no âmbito da Aromaterapia, como os termos em latim (os nomes científicos), que muitas vezes são aqueles preferidos em certos momentos durante a comunicação especializada.

Variantes socioletais de nível informal

Termo	Var
iantes	
Alecrim	alec
rim-da-horta (<i>pop.</i>)	
Artemísia	arte
mige (<i>pop.</i>); artemigem (<i>pop.</i>)	
Calêndula	bem
-me-quer (<i>pop.</i>)	
canela-do-ceilão	can
ela-verdadeira (<i>pop.</i>)	
erva-doce	pim
pinela (<i>pop.</i>)	

Variantes socioletais de nível formal (cultismos)

Termo	Var
iantes	

Alecrim	
<i>marinus officinalis</i>	<i>Ros</i>
Eucalipto	
<i>alipus globulus</i>	<i>Euc</i>
Benjoim	
<i>ax benzoin dryander</i>	<i>Styr</i>
Bergamota	
<i>us bergamia</i>	<i>Citr</i>

5.2.6 Variantes Ortográficas

	Termo	Var
iante		
	acintro	sint
ro		
	artemísia	arte
migem, artemige, artmígio		
	bergamota	ver
gamota		
	esclareia	escl
area		
	eucalipto	euc
alyptus, eucalypto, eucalipto		
	gengibre	gen
givre/, ingibre		
	gergelim	girg
ilim, gerjelim, jergelim		

	girasol	
sol, gira sol, girassol		gira
	losna	
ma		los
	mandarim	
mandarin		
	neem	
	patchouli	nin
		patc
huli, paxuli, pachuli		
	puxuri	
ri, pixuri		pixi
	sálvia	
a		salv
	taguetes	
tes		tage
	tea tree	
tree, ti tri		ti
	vermute	
mut		ver
	ylang	Ylang Ilan
gue Ilangue, Ilang Ilang		
	esclareia	
area		escl

Constatou-se, a partir das análises e descrições do fenômeno da variação terminológica no domínio da Aromaterapia, que os valores especializados são ativados pragmaticamente e que a variação é recorrente nesse domínio.

6 ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA

A silken sea, a sea of damassin,
 With figured foam as flowers wove therein,
 Where all the winds walk lightly.
 From afar -- clean-carven on the skies of cinnabar --
 The palmy isles like azure malachite,
 Along the horizon for a time retard
 A morning fraught with frankincense and nard,
 And purple fires, and amber-scented light,
 And flame like flame of perfumes. -
 (Clark Ashton Smith)

6.1 ESTRUTURAÇÃO DAS OBRAS TERMINOGRÁFICAS: NOÇÕES DE MACRO E DE MICROESTRUTURA

A parte introdutória de um glossário ou dicionário deve apresentar um prólogo ou prefácio onde se expõe a finalidade da obra, o público a quem o produto terminológico é destinado, as fontes utilizadas, a teoria terminográfica adotada, entre outras. A introdução propriamente dita deve oferecer, aos usuários do glossário ou qualquer outro produto terminográfico ou lexicográfico, instruções e explicações sobre o uso do glossário, tais como a estrutura dos verbetes, siglas e abreviaturas utilizadas para explicação e caracterização dos vocábulos registrados.

O processo de elaboração de um dicionário ou glossário terminológico ou lexicográfico é um trabalho lento e que demanda um grande volume de pesquisa textual prévia, ou seja, um trabalho de grande responsabilidade para terminólogos e lexicógrafos encarregados de sua produção. Krieger e Finatto (2004, p. 127) atestam que:

Infelizmente, a maioria dos usuários não chega a perceber a gama de fatores e de responsabilidades envolvidos nesse tipo de trabalho. Há, inclusive, quem pense que a composição de um dicionário “técnico” poderia dispensar qualquer reflexão de cunho lingüístico. Ao longo do seu processo de composição, será necessária uma contínua revisão da nomenclatura que irá, por fim, constituir o conteúdo principal do produto pretendido.

A arquitetura de um glossário, no que diz respeito á sua macro e microestrutura, baseia-se nos mesmos preceitos teóricos extensivos tanto à Lexicografia

quanto à Terminologia. A macroestrutura compreende a nomenclatura selecionada, ou seja, a organização das entradas, o número de entradas e as partes complementares, parte introdutória e anexos. A microestrutura corresponde à organização interna dos verbetes, ou seja, ao conjunto de informações contidas nos verbetes.

6.2 NOÇÕES DE MACROESTRUTURA

Biderman esclarece que a extensão da nomenclatura de um dicionário é o primeiro problema enfrentado por lexicógrafos e terminógrafos, além da definição, a priori, do público a que tal obra se destina. Veja-se:

O primeiro problema que se põe na elaboração de um dicionário é a extensão da sua nomenclatura e/ou macroestrutura. O tamanho desse índice de palavras é fator de algumas coordenadas: em primeiro lugar, o público a que se destina. Tal será o destinatário desejado, tal o numerário. O modelo padrão de dicionário pode abrigar de 50.000 a 70.000 palavras-entrada. (BIDERMAN, 1999, p. 131)

Já Barros (2004, p. 151) esclarece que:

Por *macroestrutura* entende-se a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Esse tipo de organização está relacionado às características gerais do repertório, ou seja à estruturação das informações em verbetes (que podem se suceder vertical e/ou horizontalmente), à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual e outros.

Em geral, todos os dicionários apresentam nas primeiras páginas, uma introdução, texto fundamental que expõe ao leitor as características da obra; os critérios adotados para sua elaboração; seu público-alvo; seus objetivos; informações básicas sobre o domínio especializado cuja terminologia é tratada na obra. Frübel (2006, p. 64), acrescenta que:

[...] quanto à ordem das entradas, no que se refere às formas de organização das entradas de uma obra lexicográfica, tradicionalmente utiliza-se, principalmente nos dicionários gerais, a ordem alfabética. Porém, podem ser utilizadas também a ordem alfabética inversa, as famílias de palavras, ou o campo conceitual.

Ainda conforme Barros :

[...] A ordem pode ser alfabética contínua e descontínua. Na ordem alfabética contínua, a seqüência não leva em conta os espaços em branco, nem os caracteres não-alfabéticos ou sinais diacríticos, tais como apóstrofo, hífen, cedilha, til, acentos diferenciais e outros. Já na ordem alfabética descontínua o espaço em branco precede sinais como apóstrofo, dois pontos, etc. Assim, na ordem contínua ignora-se a presença de apóstrofo e hífen; na ordem descontínua apóstrofo e hífen tem precedência no que diz respeito à letra (BARROS 2004, p. 152).

Krieger e Finato (2004, p. 131), por sua vez, entendem que a organização dos verbetes pode se dar em ordem temática e subtemática, refletindo a estruturação conceitual de um domínio concebida pelo especialista da área, ou, então, podem ser apresentados em ordem alfabética o que é mais comum.

6.3 NOÇÕES DE MICROESTRUTURA

Por *microestrutura* entende-se o conjunto de informações acerca de um dado lema, incluindo o próprio lema, a informação gramatical sobre esse lema, os equivalentes língua estrangeira, a definição e os contextos reais de uso, as possíveis variações terminológicas, as informações enciclopédicas, e UTs que possuam relações semânticas com o lema, como hiperônimos e hipônimos.

Conforme Barros (2004, p. 156):

[...] a microestrutura compreende a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete. Três elementos devem ser levados em consideração, quando da distribuição dos dados na microestrutura:

- a) o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico;
- b) a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra;
- a) a ordem de seqüência dessas informações.

Já para Almeida (2006, p. 92):

Cada verbete contém informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não sistemáticas (informações não-recorrentes). As sistemáticas podem ser, por exemplo:

- entrada;
 - classe morfológica, seguida do gênero, para os substantivos, e da transitividade, no caso de verbos;
 - equivalência em língua estrangeira, se for o caso;
 - definição (pode haver casos de polissemia, em que um mesmo verbete poderá conter duas ou mais definições; nesse caso, elas aparecerão numeradas);
 - contexto;
 - remissivas, simbolizadas por “Cf.” (=conferir), que farão referência aos termos constantes da definição (unitermos) e, sempre que for possível, a outro (s) termo (s) afim (ns), ou seja, que mantenha (m) alguma relação semântica com o termo entrada: relação de equivalência semântica, antonímia, hiperonímia, co-hiponímia e termo (s) complementar (es).
- As informações não-sistemáticas dizem respeito a:
- informações enciclopédicas;
 - sinônimos: item importante, em se tratando de uma terminologia descritiva que prevê uma variação denominativa. Dentre as formas sinônimas, a apresentação da definição deve vir junto ao termo de uso mais difundido, com remissões para as demais formas, ainda que o termo mais difundido não seja o termo normalizado. [...] Como a variação conceitual deve ser considerada no âmbito da TCT, deve-se prever um tratamento terminográfico para os casos de homonímia e polissemia. [...] Para os casos de homonímia, as entradas devem ser separadas e numeradas, já que há dissimilaridade semântica, ou seja, as unidades pertencem a campos léxicos diferentes. [...] Para os casos de polissemia, o termo deve encabeçar o verbete e, dentro dele, as definições devem vir enumeradas, pois cada definição representa um conceito.

Já para Finatto (2001, p. 80), “a microestrutura de um dicionário terminológico, ou seja, as entradas ou verbetes, à semelhança do que ocorre na lexicografia em geral, pode ser considerada seu núcleo principal, tanto no que tange à sua forma, quanto ao seu conteúdo.”

Segundo a autora, ao tratar da importância do conteúdo dos verbetes, nos dicionários gerais, frisa a importância da definição nos dicionários terminológicos:

O centro da microestrutura tende a ser uma definição, mas, nos dicionários terminológicos monolíngües, além de uma paráfrase do significado do termo, encontramos usualmente informações enciclopédicas, históricos, avaliações, discussões, explicações e, em alguns casos, instruções ou justificativas para o uso de uma determinada palavra.

Assim, o processo de lematização difere sobremaneira, uma vez que os dicionários comuns normalmente empregam os singulares masculinos para os nomes e o infinitivo para as formas verbais, seguindo a forma canônica da tradição lexicográfica. Já nos dicionários terminológicos, a indicação do termo ou palavra que encabeça o verbete sofre um processo de lematização em certa medida distinto, visto que é tomada em sua forma mais usual.

6.4 ESTRUTURAÇÃO DO GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA

A seguir, dispõe-se a estrutura do glossário terminológico da Aromaterapia:

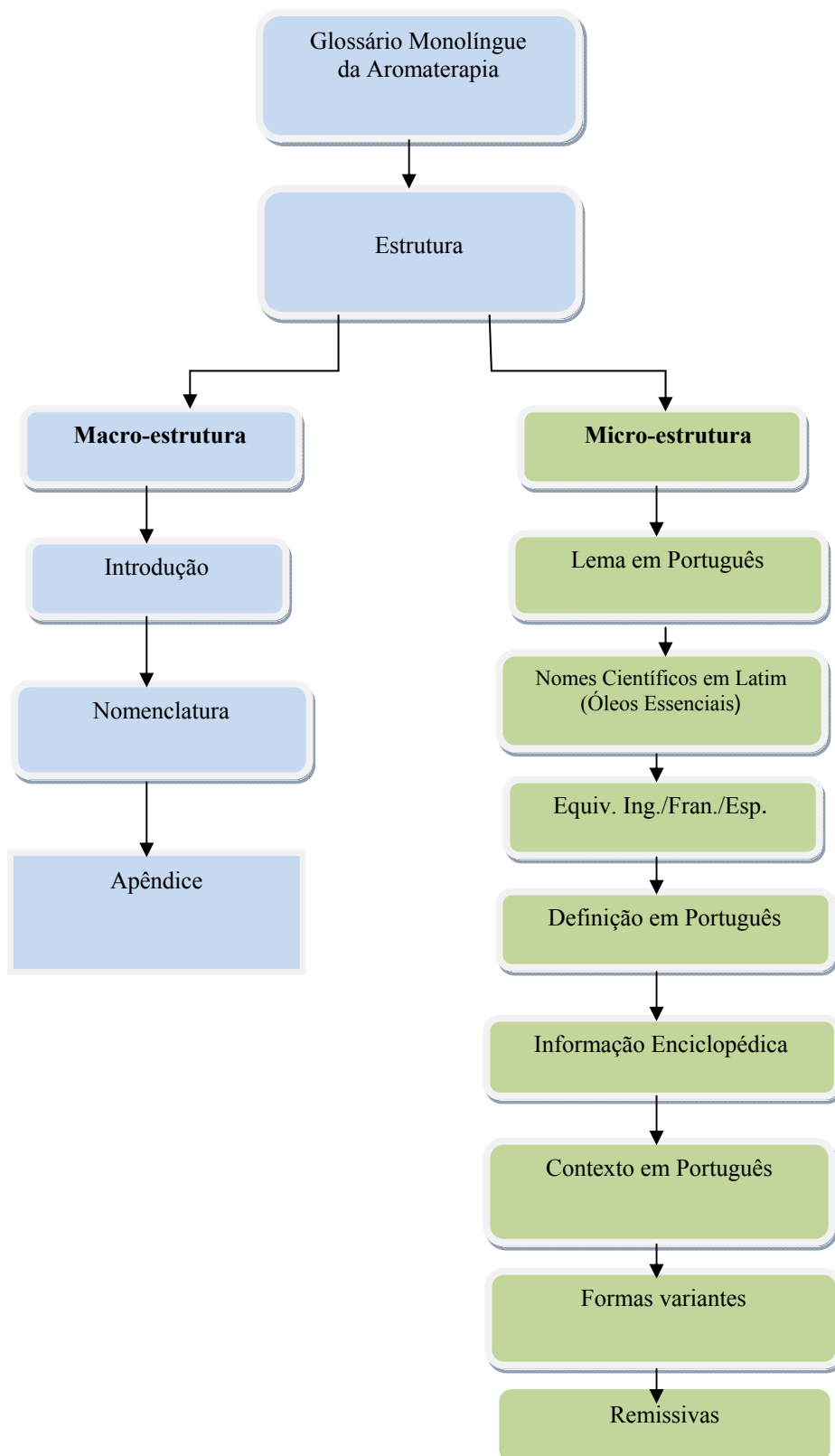


Figura 9 – Estrutura da proposta do Glossário da Aromaterapia

6.5 A MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO DA AROMATERAPIA

Para esta tese adotar-se-á o conceito de glossário proposto por Lara (2005, p. 24): “Glossário – dicionário terminológico que contém uma lista de designações de um domínio e seus equivalentes em uma ou mais línguas.”

A proposta do Glossário Terminológico da Aromaterapia (GLOTEAR) apresenta a seguinte estrutura:

6.5.1 Nomenclatura

A nomenclatura é composta pelo termo-entrada em português, organizados em ordem alfabética, em seguida, consta o nome científico da planta que deu origem ao óleo, em Latim, e na mesma linha, as referências gramaticais do termo. O termo-entrada é apresentado na forma lematizada, isto é, substantivo masculino singular e substantivo feminino singular, e adjetivos. Na segunda linha, aparecem os equivalentes em Inglês, Francês e Espanhol. A definição, informação enciclopédica e contexto vêm a seguir, quando tratar-se do termo mais difundido, acompanhado de suas variações.

6.5.2 Anexo

A macroestrutura apresenta também um anexo. Nesse item julga-se que seja de relevante valor aos usuários as informações básicas sobre os principais livros, *sites* e revistas que compõem a área da Aromaterapia no Brasil e em outros países.

Essa parte do glossário pode ser uma fonte importante de material e pesquisa, sobretudo para estudantes da área da Aromaterapia ou áreas relacionadas.

Esses possíveis usuários, dada sua condição de aprendizes, necessitam saber como os *elementos* dessa matéria em estudo se organizam na sociedade, nesse caso como estão organizados os sistemas de informações sobre a Aromaterapia, tanto no Brasil como em outros países.

6.6 A MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO DA AROMATERAPIA

A microestrutura que se propõe para o Glossário Terminológico da Aromaterapia (GLOTEAR) apresenta a seguinte forma:

6.6.1 Termo-Entrada

A UT que figura como entrada é apresentada em sua forma de lema, isto é, masculino ou feminino singular. No caso deste protótipo de glossário, tratou-se de substantivos e sintagmas nominais, além de adjetivos (campo semântico Terapêutica).

Os verbetes do glossário foram organizados em ordem alfabética, e foram submetidos à seguinte organização: entrada [obrigatória]; referências gramaticais [obrigatória]; nome científico da planta em Latim (para os óleos essenciais e óleos carreadores); equivalências em inglês, francês e espanhol (obrigatória); sigla [opcional]; definição [obrigatória]; informação enciclopédica [obrigatória]; abonações [obrigatória]; variação [opcional]; fonte de recolha do termo [obrigatória] e remissiva (opcional).

6.6.2 Os Nomes Científicos

Os nomes científicos das plantas são apresentados em latim, segundo a taxonomia proposta por Carolus Linnaeus, no século XVIII, durante a grande expansão da História Natural. Essa classificação permite ao usuário saber exatamente de qual planta o óleo definido é originário. Desta forma, é quase impossível equivocar-se.

6.6.3 As referências Gramaticais

As referências gramaticais aparecem logo em seguida ao lema, em letra minúscula. Os substantivos masculinos são assinalados em “*s.m.*”, os femininos por “*s.f.*”.

6.6.4 As equivalências

As equivalências, aparecem depois das referências gramaticais, com a indicação do idioma entre colchetes, da seguinte forma: [ing] para inglês; [fran] para francês e [esp] para espanhol.

6.6.5 As definições

A partir da leitura dos *corpora*, redigiu-se, então, o texto da definição, que é um campo obrigatório da ficha terminológica e do verbete e deve seguir padrões terminológicos pré-estabelecidos.

A tarefa da redação da DT (definição terminológica) é das mais difíceis numa pesquisa terminográfica, uma vez que o terminólogo precisa dominar uma série de conhecimentos e habilidades. Primeiramente, é necessário que o pesquisador conheça a área-objeto para a qual elabora o glossário ou dicionário.

Para além das questões textuais e linguísticas, um fator extremamente relevante é a seleção dos traços (ou características) dos conceitos, cujos termos foram definidos no glossário.

Objeto	Conceito	Designação (termo)
(Representação Visual)	Abstração baseada num conjunto de óleos	Óleo Essencial

Quadro 2 – Análise preliminar do conceito: **óleo essencial**

Vejam-se os traços relevantes para óleo essencial, no quadro abaixo:

Categoria	Propriedade	Características	Tipo de característica
Nível de abstração	concretude	concretude	essencial
Composição	essência	variedade de substância vegetal	essencial
Composição	substância volátil, líquida a temperatura ambiente	carbono, hidrogênio e oxigênio	essencial
Cor	variando de transparente, verde, amarelo, azul, a marrom-avermelhado	transparente, verde, amarelo, azul e marrom-avermelhado	não essencial
Composição	substâncias odoríferas	moléculas químicas responsáveis pelo odor	essencial
Forma	viscoso; líquido a temperatura ordinária; sólido (os provenientes de resina), quando em temperatura mais quentes	volaticidade	essencial
Uso	perfumaria, medicina, culinária e indústria de alimentos	inalação, ingestão, preparação de pratos (cozinha), adição a bases na perfumaria e componente de perfumes	essencial
Meio	substâncias odoríferas e substâncias vegetais terapêuticas	substâncias odoríferas e vegetais que promovem cura e aroma	essencial
Função	usado para perfumar, usado para curar	Usado para perfumar, usado para curar	essencial

Quadro 3 – Esquema (conforme ISO 704-2000) dos traços do conceito **óleo essencial**

As definições configuram informações relacionadas à Aromaterapia. Na sua estrutura, apresentam um termo genérico e as características que individualizam o termo definido. Foram redigidas de maneira simples, utilizando sempre palavras que constam nos dicionários consultados e nos contextos pesquisados, visando sempre ao usuário não especializado, estudantes e aromaterapeutas.

Conforme Lara (2004, p. 91), a definição permite, dentre as inúmeras possibilidades de organização, a determinação do campo de interpretação do termo e sua inserção em um campo temático.

A definição no glossário terminológico da Aromaterapia segue a proposta de Barros (2004, p. 165): [...] “Há, no entanto, uma fórmula de disposição considerada como ideal pela terminologia e que se compões de duas partes: gênero próximo + diferenças específicas.”

Conforme a mesma autora, “a fórmula proposta gênero próximo + diferenças específicas permite elaborar uma definição que descreve o termo-entrada como uma espécie única no gênero” (BARROS, 2004, p. 165). Desta forma, a definição no glossário terminológico da Aromaterapia apresenta a seguinte estrutura:

bergamota (*Citrus bergamia*) *s.f.*

bergamot [ing]; bergamote [fran]; bergamoto [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por prensagem a frio das cascas do fruto da planta bergamota, usado para o tratamento de infecções do trato urinário, depressão, ansiedade e problemas de manchas na pele.

Assim, optou-se pela forma: “Tipo de óleo essencial”, encaixando o enunciado na fórmula proposta *gênero próximo*. Já a(s) diferença(s) específica(s), no glossário, atém-se à(s) configuração(es):

- (i) extraído por (método de extração específico de cada óleo)
- (ii) parte da planta de onde se origina o óleo (cascas, frutos, raízes, folhas, flores, talos etc)
- (iii) nome da planta (bergamota, jasmim, anis, etc.)
- (iv) emprego do óleo (usado para o tratamento de ...)
- (v) nome da doença ou problema de saúde (infecção, feridas, depressão, etc)

Todos os verbetes definidos seguiram a mesma estrutura definitória e, o que diferencia um óleo essencial de outro, é sua forma de extração, parte da planta de onde ele é extraído, nome da planta e uso terapêutico.

6.6.6 Informação Enciclopédica

As informações enciclopédicas foram redigidas com o intuito de informar melhor o usuário em relação aos referentes, apresentando aspectos relevantes do termo e, conseqüentemente, melhorando sua compreensão.

6.6.7 As Abonações

Para cada termo registrado no glossário, transcreveu-se, na íntegra, o contexto encontrado nos *corpora* pesquisados, de forma a facilitar, o entendimento do termo em questão. As abonações provém de contextos variados: livros que compõem o *corpus*, *sites*, artigos em revistas da área e alguns casos de informações contidas em catálogos de óleos essenciais. Os termos abonados serão destacados entre < >, em itálico, registrados no glossário, como se segue:

[...] As propriedades e os usos do <óleo essencial de camomila> têm muito em comum com os de lavanda e, em qualquer caso específico em que seja preciso decidir entre o uso do óleo de camomila ou de lavanda, convém lembrar que o de camomila é mais indicado para dores imprecisas, ao passo que o de lavanda poderá ser mais indicado para uma dor aguda e penetrante (DAVIS, 1996, p. 91).

6.6.8 Formas Variantes

Essas unidades variantes apresentam-se de forma abundante no glossário e estão registradas como **Var.**, em cada verbete que apresenta variantes populares. A remissão é feita, assim, para cada variante indicada. Ao final do registro de cada variante, encontramos a indicação “**Ver**”, encaminhando o usuário do glossário para a forma mais difundida, a qual foi devidamente descrita conceitualmente. No caso das variantes que constam como entrada, há uma indicação **Ver**, remetendo ao termo mais difundido.

Veja-se um verbete com suas variantes:

anis-estrelado (*Illicium verum*) *s.m.*

Chinese star anise [ingl]; anis étoillé [fran]; anis estellado [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos frutos maduros da planta anis, sendo indicado como cicatrizante, estimulante da abertura de poros, diurético, tônico para problemas estomacais, gases, e cólicas em crianças.

Inf. Enc.: O óleo de anis é utilizado na culinária chinesa para condimentar pratos.

[...] “O <óleo essencial de anis-estrelado> é energizante, antiinflamatório, cicatrizante, diurético, tônico estomacal.” (MALUF, 2006, p. 50).

Var.: anis; badiana (*Illicium verum*).

badiana (*Illicium verum*)s.f.
 badiane [ing]; badiane[fran]; badiane [esp]

Ver: anis; anis estrelado (*Illicium verum*)

6.6.9 Rede de Remissivas

A rede de remissivas constitui, dentro da macroestrutura do glossário, um mecanismo de circulação, permitindo ao usuário localizar a informação que busca sem perda de tempo. No glossário da Aromaterapia, as remissivas funcionam de diferentes maneiras, a saber:

1. de um verbete a outro: o usuário encontrará remissivas entre os termos que possuam relações conceituais, como por exemplo, no verbete **bétula**, que remete às **variantes** bétula-branca, couro-da-rússia e vidoeiro.:

bétula (*Betula pendula Roth*) s.f.

european white birch/ silver birch [ing]; *bouleau* [fran]; *abedul* [esp]

Tipo de óleo essencial extraído do broto das folhas da planta bétula por destilação a vapor, usado como cicatrizante, desinfetante, diurético e estimulante do sistema nervoso.

Inf. Enc.: O óleo essencial de bétula tem o poder de eliminar toxinas do organismo, pois estimula o funcionamento das glândulas sudoríparas. Também é indicado em gripes e resfriados, pois age no sistema linfático, freando os processos de infecção.

[...] “O <óleo essencial de bétula> é indicado para problemas de pele em geral (dermatites, eczemas, psoríases), reumatismo; também apresenta ação antiinflamatória e antisséptica. Possui aroma e gosto de fumaça.” (LISTA..., 2010).

2. da unidade variante a um verbete: neste caso, a UT que aparece com mais frequência no *corpus* é a que constituirá o termo-entrada com a definição. As demais formas variantes constituirão uma entrada com os

equivalentes na língua estrangeira e com remissiva ao “termo principal”. Cada forma variante virá acompanhada de seu devido termo científico para que se possa dirimir quaisquer dúvidas, caso haja variantes que, embora conceptualmente diferentes, possuam a mesma forma denominativa. Veja-se:

artemige (*Artemisia vulgaris L.*)s.m.
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de san juan [esp]

Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

artemigem (*Artemisia vulgaris L.*) s.m.
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de san juan [esp]

Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

Observe-se o termo *artemísia*, como termo-variante de *absinto*. O termo científico em latim esclarece acerca da remissão e informa, na verdade, qual entrada deve-se procurar.

artemísia (*Artemisia absinthium L.*)
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

**7 GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA COM EQUIVALENTES
EM INGLÊS, FRANCÊS E ESPANHOL**

Sandalwood

How many are the trees on earth that bear
the scented flower and juicy fruits!
Yet, O' Sandal you are unique in possessing
Unparalleled fragrance of wood.
(Sanskrit shloka)

PROTÓTIPO

**DE GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA COM
EQUIVALENTES EM INGLÊS, FRANCÊS E ESPANHOL**

NEIDE MUNHOZ ALBANO

Londrina
2010

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA AROMATERAPIA

abacate (*Persea americana*) s.m.

avocado [ing]; avocat [fran]; aguacate [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído da polpa do fruto do abacateiro por prensagem a frio, filtrado sem o uso de solventes e indicado para todos os tipos de pele, especialmente para a pele seca.

Inf. Enc.: O óleo contém uma alta proporção de ceras e é rico em proteínas, vitaminas (A, B e D) e sais minerais. Turva-se naturalmente em dias de baixa temperatura e solidifica-se quando resfriado. A indústria cosmética considera esta característica natural do óleo como sendo não atraente à venda e por esta razão procura refinar o óleo, fato que leva à remoção das propriedades que o distinguem de outros óleos. (LASZLÓ, 2006, p. 37).

“[...] O <óleo vegetal de abacate> é bom para todos os tipos de pele, mas especialmente para as secas, assim como para as peles sensíveis.” (LÁSZLÓ, 2006, p. 37).

Ver: óleo vegetal; óleo vegetal carreador.

abeto siberiano (*Abies sibirica*) s.m.

siberian fir needle [ing]; sapin de sibérie[fran]; agujas de abies [esp]

Tipo de óleo essencial extraído das folhas da planta abeto siberiano por destilação a vapor, usado no tratamento de gota, reumatismo e artrite, com indicações também para o tratamento de cirrose, hepatite e ressaca. Possui ainda indicações para a TPM e pele envelhecida.

Inf. Enc.: Durante epidemias de gripe, um borrifador feito com este óleo tem o poder de eliminar vírus e bactérias do ambiente (ÓLEO..., 2010b).

“[...] De agradável aroma que lembra florestas e o Natal, o <óleo essencial de abeto siberiano> possui efeito equilibrador das glândulas supra-renais e é freador de hormônios de *stress*. É também relaxante do sistema nervoso, antiinflamatório, ideal para insônia, agitação e dores musculares.” (ÓLEO..., 2010b).

abricot (*Prunus amerniaca*) s.m.

apricot [ingl]; abricot [fran]; damasco [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído do caroço da fruta do abricot por prensagem a frio, sendo rico em sais minerais e vitaminas A e C, e indicado na hidratação natural da pele.

Inf. Enc.: Rico em ácidos graxos essenciais (oléico e linoleico), o óleo de apricot espalha-se facilmente na pele e proporciona uma agradável sensação de suavidade, maciez e hidratação. Hidratante, nutritivo e reestruturante, o óleo de apricot é facilmente absorvido pela pele. Aplicado puro ou incorporado em cremes e loções cosméticas, ele ajuda a reverter os danos causados pela exposição diária às agressões ambientais, hidratando e revitalizando a pele (LÁSZLÓ, 2006, p. 96).

“[...] O <óleo vegetal de abricot> é frequentemente empregado como regenerador da pele, principalmente do rosto, e comumente adicionado à mistura de óleo de massagem.” (LÁSZLÓ, 2006, p. 96).

Var.: damasco

absíntio (*Artemisia absinthium L.*) *s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

absíntio-comum (*Artemisia absinthium L.*)*s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

absinto (*Artemisia absinthium L.*) *s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]
Tipo de óleo essencial extraído das flores e folhas da planta absinto por destilação a vapor, de propriedade terapêutica carminativa, diurética e vermífuga.

Inf. Encl.: Apesar de o chamado óleo essencial de absinto ter propriedades vermífugas comprovadas, seu componente químico chamado Tujona provoca convulsões e alucinações, tornando o óleo extremamente tóxico não devendo ser consumido em hipótese alguma por via oral (WORMWOOD..., 2010).

“[...] O <óleo essencial de absinto> é tóxico, neurotóxico e abortivo (WORMWOOD..., 2010).

Var. absinto, absinto-comum, absinto-grande, absinto-maior, absíntio, absíntio-comum, acinto, acintro, aluína, alvina, amargosa, artemisia, citronela-maior, erva-dos-bichos, erva-dos-cem-gostos, erva-dos-velhos, erva-santa, erva-dos-vermes, flor-de-diana, gotas-amargas, grande-absíntio, grande-absinto, losma, losna-branca, losna-de-dioscórides, losna-maior, sintro, vermute; vermut

absinto-comum (*Artemisia absinthium L.*)*s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

absinto-grande (*Artemisia absinthium L.*)*s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

absinto-maior (*Artemisia absinthium L.*)*s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

absoluto *s.m.*

absolute [ingl]; absolut [fran]; absoluto [esp]

Extrato perfumado e semi-sólido, obtido pela diluição do concreto ou resinóide que se forma durante o processo de extração de alguns óleos essenciais por solventes (CO₂), de certos tipos de flores como jasmim, rosa, tagetes, etc..

Inf. Enc.: Os poderes aromáticos e terapêuticos dos absolutos são extremamente elevados, devendo ser utilizado em concentrações mais baixas. Resíduos do solvente costumam ficar no absoluto e causar efeitos colaterais, sendo portanto, mais indicados para perfumaria.

A reputação dos absolutos na Aromaterapia não é das melhores, devido ao uso de grandes quantidades de solventes. Todavia, muitos aromaterapeutas preferem usá-lo exatamente por ser mais concentrado, preferindo diluí-lo em aromatizadores a fim de tratar problemas emocionais. Na perfumaria, todavia, os absolutos são sempre muito requisitados (DAVIS, 1996, p. 16).

[...] Os <absolutos> diferem dos óleos essenciais (ou seja, daqueles obtidos por destilação a vapor) pelo fato de terem um poder aromático e terapêutico extremamente elevado, e geralmente devem ser utilizados em concentrações mais baixas (DAVIS, 1996, p. 16).

Ver: concreto, fitol, florasol

acácia-mimosa (*Acácia mirensi*) *s.f.*

mimosa [ing]; mimosa [fran]; mimosa [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por *enfleurage* ou extração com solvents, usado para ansiedade, tensão nervosa e como fixativo em sabonetes e perfumes de primeira linha.

Inf. Enc.: A acácia-mimosa é considerada pelos egípcios como planta sagrada, símbolo da imortalidade (OBATA, 1986, p. 9).

[...] O <óleo essencial e absoluto de acácia (mimosa)> é de um aroma parecido com o do jasmim. Sedativo, afrodisíaco e estimulante, e de mudanças internas (LASZLO, 2010a).

Var.: mimosa (*Acácia mirensi*)

acinto (*Artemisia absinthium L.*)*s.m.*

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

acintro (*Artemisia absinthium L.*)*s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

águas florais. *s.f.*
floral water [eng]; eaux florales [fran]; água essencial [esp]

Ver: hidrosol

aipo (*Apium graveolens*)*s.m.*
celery [ing]; céleri; apio [esp]
Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das sementes da planta aipo, indicado para bronquite, artrite, gota, reumatismo, hemorróidas, mau-hálito, cistite, problemas menstruais e desordens nervosas.

Inf. Enc.: O óleo pode ser usado em sopas, saladas e molhos (BELLA MIRA, 2010, Tradução nossa).

[...] O <óleo essencial de sementes de aipo> funciona como sedativo e tônico do Sistema Nervoso Central, induzindo a um sono tranquilo e reparador (BELLA MIRA, 2010, Tradução nossa).

Var.: salsão (*Apium graveolens*)

alcarávia (*Carum carvi L.*)*s.f.*
caraway [ing]; cumin de Près[fran]; alcarávea/Comino de Prado [esp]
Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos frutos maduros e hastes da planta alcarávia, indicado como diurético, estomáquico, estimulante, antiespasmódico, antisséptico e vermífugo.

Inf. Enc.: Relatos comprovam que a alcarávia é usada desde a Idade da Pedra, sendo que os egípcios a usavam para dar aroma aos alimentos e os romanos empregavam-na em pães. A carvona é responsável pelo seu odor característico, sendo a alcarávia muito utilizada como aperitivo (ERVAS E INSUMOS, 2009).

[...] Em perfumaria, <o óleo essencial de alcarávia> apresenta notas anisadas e é, por esta razão, muito procurado (ERVAS E INSUMOS, 2009).

Var.: alcaravia, cominho, cominho-dos-prados, cominho romano

alcaravia (*Carum carvi L.*)*s.f.*
caraway [ing]; cumin de Près[fran]; alcarávea/Comino de Prado [esp]

Ver: alcarávia (*Carum carvi L.*)

alecrim (*Rosmarinus officinalis L.*) s.m.

rosemary [ing]; rosmarin officinal [fran]; romero [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da planta alecrim, usado como antiespasmódico, carminativo, emenagogo e expectorante.

Inf. Enc.: Ao contrário de alguns óleos essenciais, o de alecrim é destilado da planta inteira. Trata-se de um óleo estimulante, cálido e penetrante em seu odor e suas ações. Em seu *Herbário*, Nicholas Culpeper adverte seus leitores: “O óleo extraído das folhas e flores é de soberana ajuda [...] e devem-se tocar as têmporas e as narinas com duas ou três gotas para todas as moléstias do cérebro; bem como ingerir uma, duas ou três gotas, segundo a exigência do caso, para males internos; todavia, deve-se fazê-lo com critério, por se tratar de substância muito volátil e penetrante e, portanto, não se deve utilizar senão um pouco de cada vez.” (CULPEPER, 1653 apud DAVIS, 1996, p. 35). [...] O <óleo de alecrim> requer cuidados, pois em dosagens muito elevadas pode causar ataques de tipo epiléptico ou mesmo envenenamento, embora em quantidades muito reduzidas seja empregado para tratar casos de epilepsia. O efeito estimulante do óleo de alecrim sobre o sistema nervoso central é muito marcante, razão pela qual é utilizado nos casos em que haja perda ou redução de funções, como a perda do olfato, deficiência visual, etc.; nos casos em que os nervos sensoriais tenham sido afetados; para alguns tipos de comprometimento da fala; e nos casos de paralisia temporária, em que os nervos motores são afetados (DAVIS, 1996, p. 34-35).

Var.: alecrim-da-horta; alecrim-de-cheiro; alecrim-rosmarinho; rosmarinho; romero; rosmarinus (*Rosmarinus officinalis L.*)

alecrim da horta (*Rosmarinus officinalis L.*) s.m

rosemary [ing]; rosmarin officinal [fran]; romero [esp]

Ver: alecrim (*Rosmarinus officinalis L.*)

alecrim-de-cheiro (*Rosmarinus officinalis L.*) s.m.

rosemary [ing]; rosmarin officinal [fran]; romero [esp]

Ver: alecrim (*Rosmarinus officinalis L.*)

alecrim-rosmarinho (*Rosmarinus officinalis L.*) s.m.

rosemary [ing]; rosmarin officinal [fran]; romero [esp]

Ver: alecrim (*Rosmarinus officinalis L.*)

aluína (*Artemisia absinthium L.*) s.m.

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

alvina (*Artemisia absinthium L.*) *s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

amargosa (*Artemisia absinthium L.*) *s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

amêndoas doces (*Prunus amygdalus*) *s.m.*
almond oil [ing]; huile d'amande douce [fran]; aceite de almendra dulce [esp]
Tipo de óleo vegetal extraído com solvente ou pelo processo de prensagem a frio, das amêndoas doces, indicado para peles secas e no tratamento e prevenção de estrias.

Inf. Enc.: O óleo de amêndoas contém de 20 a 30% de protídeos, além de ácido oléico. Emoliente e hidratante, pode ser usado tanto no corpo como no rosto. Serve como amaciante e protetor de tecidos. Usado com frequência ajuda a prevenir estrias e a suavizar e amaciar peles secas (MALUF, 2006, p. 23).

[...] O óleo de amêndoas tem aplicação na indústria cosmética, farmacêutica; é indicado para banho, xampu, bronzeadores, cremes antiestria, entre várias outras. É o óleo mais utilizado para massagem de aromaterapia (ÓLEOS..., 2010).

amyris (*Amyris balsamifera L.*) *s.m.*
amyris [ing]; amyris [fran]; mader de Sandalo Amyris [esp]
Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da madeira da planta amyris, indicado como calmante e fortalecedor do sistema nervoso, antisséptico (limpeza de feridas e machucados) e como recuperador pós-parto. Muito utilizado como borrifador em ambientes pelo seu aroma que promove melhora no humor.

Inf. Enc.: Óleo comumente utilizado como substituto do óleo de sândalo, que é muito raro e caro, sendo uma alternativa mais barata. Muito usado como fixador em fragrâncias e para dar sabor a licores (AMYRIS, 2010).

[...] O <óleo essencial de amyris> provoca bem-estar quando borrifado em ambientes e favorece a um clima de meditação e relaxamento (AMYRIS, 2010).

Var: falso sândalo (*Amyris balsamifera L.*)

andiroba (*Carapa guaianensis*) *s.m.*
crabwood [ing]; andiroba [fran]; andiroba [esp]
Tipo de óleo vegetal extraído das sementes da planta andiroba, por prensagem a frio, de propriedades antisséptica, antiinflamatória, cicatrizante, inseticida e repelente de insetos.

Inf. Enc.: O óleo de andiroba é amarelo e sua viscosidade é alta, contendo vários componentess que promovem a repelência dos insetos. A árvore da andiroba cresce na Floresta Amazônica (MALUF, 2006, p. 23).

[...] O <óleo vegetal de andiroba> pode ser misturado em torno de 10-30% ao óleo de massagem padrão para potencializar suas propriedades terapêuticas no tratamento de dores e inflamações (LÁZSLÓ, 2006, p. 99).

Var.: andiroba-branca; andiroba-de-igapó; andiroba-lisa; andiroba-vermelha.

andiroba-branca (*Carapa guaianensis*) s.f.

crabwood [ing]; andiroba [fran]; andiroba [esp]

Ver: andiroba (*Carapa guaianensis*)

andiroba-de-igapó (*Carapa guaianensis*)s.f.

crabwood [ing]; andiroba [fran]; andiroba [esp]

Ver: andiroba (*Carapa guaianensis*)

andiroba-lisa (*Carapa guaianensis*) s.f.

crabwood [ing]; andiroba [fran]; andiroba [esp]

Ver: andiroba (*Carapa guaianensis*)

andiroba-vermelha (*Carapa guaianensis*) s.f.

crabwood [ing]; andiroba [fran]; andiroba [esp]

Ver: andiroba (*Carapa guaianensis*)

anis (*Pimpinella anisatum*) s.m.

aniseed [ing]; anis vert [fran]; anís [esp]

Ver: erva-doce (*Pimpinella anisatum*)

anis (*Illicium verum*) s.m.

anise [eng]; anise [fran]; anís [esp]

Ver: anis-estrelado (*Illicium verum*)

anis-estrelado (*Illicium verum*) s.m.

Chinese star anise [ingl]; anis étoillé [fran]; anís estellado [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos frutos maduros da planta anis, sendo indicado como cicatrizante, estimulante da abertura de poros, diurético, tônico para problemas estomacais, gases, e cólicas em crianças.

Inf. Enc.: O óleo de anis é utilizado há muito tempo como auxiliar digestivo e desodorante. Teve sua origem na Ásia Menor, na região costeira. Muito usado em vários tipos de produtos de higiene bucal, em perfumaria, principalmente na elaboração de colônias frescas (MALUF, 2006, p. 6).

[...] O <óleo essencial de anis-estrelado> é energizante, anti-inflamatório, cicatrizante, diurético, tônico estomacal (MALUF, 2006, p. 50).

Var.: anis; badiana (*Illicium verum*).

anis-estrelado japonês (*Illicium anisatum/Illicium japonicum*) *s.m.*

japanese star anise [ing]; anis du japon [fran]; anis de japon [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos frutos maduros da planta anis-estrelado, sendo altamente tóxico e não recomendado para o consumo humano.

Inf. Enc.: As remessas de anis estrelado de determinados países terceiros revelaram também a presença de anis estrelado japonês. A presença de anis estrelado japonês foi associada a alguns casos de envenenamento alimentar na Comunidade (Europeia).

(COMISSÃO EUROPEIA, 2002)

[...] O <óleo essencial de anis-estrelado japonês> é altamente tóxico, contendo *sesquiterpeno lactone* que causa severa inflamação nos rins, trato urinário e órgãos digestivos, assim como afeta o sistema nervoso (BO JENSES, 2010).

Var.: Shikimi (*Illicium anisatum, Illicium japonicum*)

anis-verde (*Pimpinella anisatum*) *s.f.*

aniseed [ing]; anis vert [fran]; anís [esp]

Ver: erva-doce (*Pimpinella anisatum*)

aroma *s.m.*

aroma [ing]; arome [fran]; aroma [esp]

Odor agradável de certas substâncias animais e vegetais.

Inf. Enc.: É possível prevenir e tratar um grande número de doenças através do aroma de essências extraídas de ervas e plantas. Essa prática - chamada de aromaterapia ou aromaterapia - é ancestral e ganhou formatação definitiva no início do século XX, pelas mãos, literalmente, do químico francês René-Maurice Gattefossé.

(RÉGIS, 2008).

[...] Quando as mensagens aromáticas atingem o sistema límbico elas são processadas instantaneamente e instintivamente. É por isso que os <aromas> são tão poderosos. (WORWOOD, 1995, p. 25).

Ver: aromaterapia

aromacologia *s.m.*

aromacology [ing]; aromacologie [fran]; aromacologia [esp]

Ciência que visa confirmar a correlação entre a percepção olfatória dos aromas e a resposta orgânica e comportamental, a partir da atuação sobre o sistema límbico cerebral.

Inf. Enc.: A aromacologia é uma ciência em pleno desenvolvimento que promoverá a integração entre áreas diversas, tais como a neurofisiologia, a química, a farmacologia, a cosmetologia, a psicologia, entre outras. Suas pesquisas contribuem para o avanço da tecnologia de fragrâncias, levando à elaboração de compostos aromáticos capazes de trazer bem estar e harmonia às pessoas, além de agradecer ao olfato (CORAZZA, 2009).

[...] O termo <*aromacologia*> teve origem em 1982, a partir de cuidadosos estudos científicos desenvolvidos, na época, pelo Olfactory Research Fund, que após grandes investimentos transformou-se, em 2001, no Sense of Smell Institute, em Nova York. (AROMATERAPIA, 2010a).

aromaterapia *s.m.*

aromatherapy [ing]; aromaterapie [fran]; aromaterapia [esp]

Tipo de tratamento realizado em seres humanos e animais, com o uso de óleos essenciais no intuito de aliviar sintomas de doenças, combater bactérias e vírus e promover bem-estar físico, mental e espiritual.

Inf. Enc.: A Aromaterapia é um campo de estudo que se baseia nos conhecimentos de duas áreas: a farmacognosia – parte do estudo de medicamentos de origem vegetal que se debruça sobre as substâncias medicinais antes de serem submetidas a qualquer manipulação – e a osmologia – ciência que trata dos odores, do olfato e da anatomia dos órgãos envolvidos nesse poderoso sentido (AROMATERAPIA..., 2010b).

[...] A <*Aromaterapia*> também diz respeito ao uso de óleos essenciais para a beleza e cuidados com o corpo. Nesse contexto a aromaterapia é um dos tratamentos mais populares no mundo inteiro, e em toda a Europa há clínicas especializadas em técnicas que empregam os óleos essenciais. (WORWOOD, 1995, p. 37).

Var.: aromoterapia

aromoterapia *s.m.*

aromatherapy [ing]; aromaterapie [fran]; aromaterapia [esp]

Ver: aromaterapia

artmígio (*Artemisia vulgaris L.*) *s.m.*

mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de san juan [esp]

Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

artemige (*Artemisia vulgaris L.*) *s.m.*
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de san juan [esp]

Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

artemigem (*Artemisia vulgaris L.*) *s.m.*
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de san juan [esp]
Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

artemísia (*Artemisia absinthium L.*)
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]
Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

artemísia (*Artemisia vulgaris L.*) *s.m.*
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de san juan [esp]
Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e flores da planta artemísia, usado como carminativo, diurético, colagogo, emenagogo, antiparasitário, vermífugo e aperiente.

Inf. Enc.: O óleo de Artemísia, quando utilizado em quantidade alta, pode provocar convulsões, sendo por isso indicado com certas reservas em aromaterapia (ARTEMISIA..., 2010).

[...] O <óleo essencial de Artemísia> não deve ser usado por gestantes e crianças menores. Um trabalho publicado em 2002 na Itália confirmou os efeitos neurotóxicos da tujona, presente na artemísia. Também não é recomendado para uso interno (ARTEMISIA..., 2010).

Var.: artemigem, artemige, artmígio, erva-santa, erva-dos-vermes, erva-do-fel.

artmígio (*Artemisia vulgaris L.*) *s.m.*
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de san juan [esp]

Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

attar *s.m.*
attar (ing); attar [fran]; attar [esp]
Extrato perfumado obtido de flores, folhas, ervas, condimentos, terra (mitti), por meio de um processo indiano de destilação no qual se usa o óleo essencial de sândalo como base.

Inf. Enc.: O processo de destilação de flores como rosa, jasmim, dama da noite etc, repete-se pelo período de quinze dias até que o óleo de sândalo torne-se totalmente saturado com o perfume da flor que se está destilando (ATTARS, 2010).

[...] No tradicional processo Indiano de destilação, as flores, raízes, ervas e especiarias são hidrodestiladas em um recipiente de cobre e o produto encaminhado para outro recipiente, contendo óleo de sândalo. Esse produto final é o que se chama <attar> (ATTARS, 2010).

Var.: otto

azuleno (*Matricaria chamomilla*) s.m.

german chamomile [ing]; camomile matricaire [fran]; manzanilla [esp]

Ver: camomila-dos-alemães (*Matricaria chamomilla*)

badiana (*Illicium verum*)s.f.

badiane [ing]; badiane[fran]; badiane [esp]

Ver: anis; anis estrelado (*Illicium verum*)

baunilha (*Vanilla planifolia*) s.f.

vanilla [ing]; vanile [fran], vainilla [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação com solventes da substância resinosa obtida das vagens fermentados da planta baunilha, usado como afrodisíaco e antiespasmódico.

Inf. Enc.: O óleo essencial de baunilha é usado como aromatizante de alimentos e bebidas, e amplamente utilizado em perfumes (PLANTAMED, 2010a).

[...] O <óleo essencial de baunilha> puro pode ser neurotóxico e produzir dermatite de contato (PLANTAMED, 2010a).

bay (*Pimenta racemosa*)s.m.

bay leaf [ing]; bay Saint Thomas/bois d'Inde [fran]; laurel [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas da planta bay, em que utiliza-se sal na água ou a própria água do mar no destilador, usado para dor muscular, nevralgia, resfriado, gripe, cansaço geral e infecções da pele e dentária.

Inf. Enc.: No passado, as folhas de bay eram destiladas com rum e o bay-rum obtido era um tônico excelente para cabelos e para friccionar a pele para aliviar dores musculares e resfriados. A planta era muito famosa entre os romanos, pois eles achavam que ela era símbolo de sabedoria, paz e proteção (BAY..., 2009).

[...] O odor do <óleo essencial de bay> é fresco, doce e apimentado, e sua cor de um amarelo profundo (BAY..., 2009).

Var.: louro (*Pimenta racemosa*)

bem-me-quer (*Calendula officinalis*) s.m.

pot marigold [ing]; calendule [fran]; calendula [esp]

Ver: calêndula (*Calendula officinalis*)

benjoim (*Styrax benzoin dryander*) s.m.

benzoin [ing]; benjoin [fran]; benjui [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação com solvente da resina da planta benjoim, indicado para o tratamento de tosses, resfriados, gripes, dores de garganta, e ansiedade.

Inf. Enc.: Há quatro variedades de árvores e óleo de benjoim, embora apenas o *Stirax benzoin dryander* seja usado medicinalmente (DAVIS, 1996, p. 74).

[...] O <óleo essencial de benjoim> é também usado para o tratamento de uma série de lesões da pele, que vão desde o problema de rachaduras nas mãos até frieiras. (DAVIS, 1996, p. 74).

bergamota (*Citrus bergamia*) s.f.

bergamot [ing]; bergamote [fran]; bergamoto [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por prensagem a frio das cascas do fruto da planta bergamota, usado para o tratamento de infecções do trato urinário, depressão, ansiedade e problemas de manchas na pele.

Inf. Enc.: O delicioso aroma fresco e cítrico do óleo de bergamota é um ingrediente importante da Água de Colônia (Eau de Cologne 1411, criada em öln, cidade da Alemanha).

O óleo de bergamota ainda é usado para aromatizar o chá Earl Grey. A planta foi nomeada a partir da cidade de Bérghamo (Itália), onde era tradicionalmente conhecida por baixar a febre (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 22).

[...] Por ajudar nos estados mentais e psicológicos, o <óleo essencial de bergamota> é praticamente o mais valioso de que dispõe o aromaterapeuta (DAVIS, 1996, p. 75-76).

Var.: vergamota; laranja-cravo; laranja-mimosa; mandarina; mexerica; tanja. (*Citrus bergamia*)

bétula (*Betula pendula Roth*) s.f.

european white birch/ silver birch [ing]; bouleau [fran]; abedul [esp]

Tipo de óleo essencial extraído do broto das folhas da planta bétula por destilação a vapor, usado como cicatrizante, desinfetante, diurético e estimulante do sistema nervoso.

Inf. Enc.: O óleo essencial de bétula é extraído do broto das folhas e das sementes da planta bétula (PLANTAMED,2010b).

<<http://fitoterapica.com.br/plantaservas/especies/Betula_pendula.htm>>

[...] O <óleo essencial de bétula> é indicado para problemas de pele em geral (dermatites, eczemas, psoríases), reumatismo; também apresenta ação antiinflamatória e antisséptica. Possui aroma e gosto de fumaça (LISTA..., 2010).

Var.: bétula branca; couro-da-rússia; vidoeiro (*Betula pendula Roth*)

bétula branca (*Betula pendula Roth*) s.f.

european white birch/ silver birch [ing]; bouleau [fran]; abedul [esp]

Ver: bétula (*Betula pendula Roth*)

blend *s.m.*

scent blend [ing]; mélange d'huiles essentielles [fran]; mezcla del aceite esencial [esp]
 Mistura de diversos óleos essenciais com o intuito de tratar doenças e males específicos ou aliviar tensões.

Inf. Enc.: Os *blends* de óleos essenciais são criados com finalidades estéticas e terapêuticas. Não é requerido nenhuma tática especial a fim de criar-se um *blend* eficiente. O conhecimento de óleos essenciais e sua terapêutica, o espírito de criatividade e a intenção clara dos propósitos a serem alcançados são mais que suficientes para a elaboração de um *blend*. Disponível em:

<<<http://www.bysamia.com.br/imprensa/2008/ABRI>>> Acesso em 10/03/2010.

[...] Os <*blends aromáticos*> são indicados para uso na aromatização de ambientes, massagem (diluídos em óleos carreadores), para um banho prazeroso ou um escaalda-pés revigorantes. (MALUF, 2006, p. 12).

Var.: Sinergia

blend *s.m.*

blend [ing]; mélange d'huiles essentielles [fran]; mezcla del aceite esencial [esp]
 Mistura de vários óleos essenciais para se re(criar) um determinado óleo essencial de valor muito alto, na tentativa de buscar opções mais baratas.

Inf. Enc.: Os *blends*, por serem recriações de óleos essenciais raros ou muito caros, podem ser alternativas mais práticas no que diz respeito à perfumaria. No entanto, é contra indicado para a finalidade que objetiva a Aromaterapia no que concerne a alívio e bem estar, pois a terapêutica e o benefício daquele óleo essencial recriado está longe de apresentar o real conteúdo do óleo original (CARVALHO, 2010).

[...]. O principal objetivo na construção de um <*blend*> é conseguir baratear os óleos essenciais cujas produções sejam muito caras e praticamente inviáveis comercialmente. É o caso do óleo de rosas e do sândalo, por exemplo (CARVALHO, 2010).

calêndula (*Calendula officinalis*) *sf.*

pot marigold [ing]; calendule [fran]; calendula [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por infusão das pétalas (e por vezes das folhas) da planta calêndula em um óleo brando, usado na manipulação de cremes para tratamento de pele, principalmente problemas de peles infantis, rachaduras nos bicos dos seios em mulheres em fase de amamentação, varizes e úlceras crônicas.

Inf. Enc.: É importante distinguir entre a legítima calêndula (calendula) e a calêndula africana (algumas variedades de tagetes) (DAVIS, 1996, p. 89).

[...] Normalmente, misturo o <*óleo de calêndula*> aos cremes destinados a tratar peles com rachaduras pronunciadas, sobretudo por pessoas cujas mãos se encontram danificadas pelo trabalho rude, pelo frio, por exposição à água (DAVIS, 1996, p. 89).

Var.: bem-me-quer; mal-me-quer.

camomila-alemã (*Matricaria chamomilla*) *s.f.*

german chamomile/german blue chamomile/camomile [ing]; camomile matricaire [fran]; manzanilla [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das flores das extremidades da planta camomila alemã, usado como calmante, antiespasmódico, antitérmico, emenagogo e amplamente indicado na síndrome do pânico e em depressão.

Inf. Enc.: O nome *Matricaria* vem do latim *matrix*, que significa *útero*, devido ao seu amplo uso pelas mulheres para problemas ginecológicos (DAVIS, 1996, p. 91).

[...] As propriedades e os usos do <óleo essencial de camomila> têm muito em comum com os de lavanda e, em qualquer caso específico em que seja preciso decidir entre o uso do óleo de camomila ou de lavanda, convém lembrar que o de camomila é mais indicado para dores imprecisas, ao passo que o de lavanda poderá ser mais indicado para uma dor aguda e penetrante (DAVIS, 1996, p. 91).

Var.: azuleno; camomila-azul

camomila-azul (*Matricaria chamomila*) *s.f.*

german blue chamomile [ing]; camomile matricaire [fran]; manzanilla [esp]

Ver: camomila-dos-alemães; azuleno (*Matricaria chamomila*)

camomila-doce (*Anthemis nobilis*) *s.f.*

roman chamomile [ing]; camomille romaine [fran]; manzanilla [esp]

Ver: camomila romana (*Anthemis nobilis*)

camomila-inglesa (*Anthemis nobilis*) *s.f.*

roman chamomile [ing]; camomille romaine [fran]; manzanilla [esp]

Ver: camomila romana (*Anthemis nobilis*)

camomila-romana (*Anthemis nobilis*) *s.f.*

roman chamomile [ing]; camomille romaine [fran]; manzanilla [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das flores das extremidades da planta camomila romana, usado para casos de dor, febre, problemas menstruais, depressão, nervosismo, incômodo das crianças e dor de dentição.

Inf. Enc.: A camomila de melhor ação calmante é a camomila romana (LASZLÓ, 2006, p. 86).

[...] O <óleo de camomila> é um excelente óleo para ser empregado em todos os tipos de alergias, sejam elas respiratórias ou de pele (LASZLÓ, 2006, p. 86).

Var.: camomila-doce; camomila-inglesa; camomila-verdadeira

Camomila-verdadeira (*Anthemis nobilis*) s.f.

roman chamomile [ing]; camomille romaine [fran]; manzanilla [esp]

Ver: **camomila romana** (*Anthemis nobilis*)

canela-do-ceilão (*Cinnamomum zeilanicum*) s.f.

ceylon cinnamom [ing]; cannelle [fran]; canela [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas, ramos (casca interna desidratada) e raízes da planta canela-do-Ceilão, usado como estimulante do organismo, antibiótico, analgésico, emenagogo, antisséptico e antivirótico.

Inf. Enc.: O óleo de canela do Ceilão não deve ser usado durante a gravidez, em peles muito sensíveis, nem direto em banhos. Deve-se usá-lo sempre em doses pequenas e diluído (WORWOOD, 1995, p. 146).

[...] O <óleo essencial> pode ser extraído de todas as partes: cascas, folhas, hastes e raízes – sendo, cada um deles, ligeiramente diferentes. A palavra canela vem do grego kinnamon, que significa “tubo”, indicando a aparência da casca, a qual é empregada como especiaria (WORWOOD, 1995, p. 146).

Var.: **canela verdadeira** (*Cinnamomum zeilanicum*)

canela-da-china (*Cinnamomum cassia*) s.f.

Chinese cinnamom [ing]; cinnamomum cassia [fran]; canela [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das cascas e das folhas da planta canela da china, usado no combate a qualquer tipo de microorganismo, incluindo-se bactérias, protozoários, fungos e até vírus.

Inf. Enc.: Os óleo essencial de canela pode ser extraídos de todas as partes – cascas, folhas, hastes e raízes –, sendo cada um deles ligeiramente diferente (WORWOOD, 1995, p. 146).

[...] O <óleo essencial de canela > não deve ser usado durante a gravidez nem em banhos (WORWOOD, 1995, p. 146).

Var.: **cássia** (*Cinnamomum cassia*)

canela verdadeira (*Cinnamomum zeilanicum*) s.f.

ceylon cinnamom [ing]; cannelle [fran]; canela [esp]

Ver: **canela do ceilão** (*Cinnamomum zeilanicum*)

cânfora (*Cinnamomum camphora* L.) s.m.

camphor [ingl]; ravintsare [fran]; alcanphor [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das raízes e galhos da planta cânfora, usado para cansaço nas pernas, câimbras, febres com arrepios de frio, vômito, analgesia e problemas cardíacos. É indicado também para dar clareza mental, ajudando nas perturbações nervosas e hipertensão.

Inf. Enc.: Após a destilação o óleo é filtrado e dividido em três porções: óleo de cor branca, amarela e marrom. Somente o óleo de cor branca é utilizado em aromaterapia. (CAMPHOR..., 2010).

[...] O <óleo essencial de cânfora> pode ser utilizado nas depressões nervosas e é eficaz contra acne, inflamações, artrite, dores musculares, entorses, reumatismo, bronquites, gripes, febres, tosse e outras doenças contagiosas (CÂNFORA..., 2010).

Var: ho leaf (*Cinnamomum camphora* L.)

capim-cidreira (*Cymbopogon citratus*)s.m.

lemon grass [ingl]; citronelle [fran]; hierba limón [esp]

Ver: capim-limão (*Cymbopogon citratus*)

capim-limão (*Cymbopogon citratus*)s.m.

lemon grass [ingl]; citronelle [fran]; hierba limón [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas secas ou semi-secas da planta capim-limão, usado no tratamento da ansiedade, nervosismo, cefaléia, cólicas menstruais, pressão alta, dores musculares e localizadas, micoses e alergias.

Inf. Enc.: Dentro da cultura popular a planta tem indicação como calmante, sedativo, problemas gastrointestinais, febre e até dor de cabeça. Pesquisas científicas, no entanto, permitem confirmar certas indicações e desmentir outras. Segundo pesquisas realizadas na Universidade Federal Fluminense de Niterói e Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto mostraram que em testes realizados com cobaias o capim-cidreira não possui qualquer efeito calmante do sistema nervoso central. O que pode acontecer é que o óleo de capim-cidreira possui ação vaso-dilatadora, podendo abaixar a pressão sanguínea, e isto acabar sendo confundido com a sensação de relaxamento (LASZLO, 2009).

[...] Foi possível concluir, dentro das condições experimentais, que as diferentes concentrações do <óleo essencial de *Cymbopogon citratus*> possuem ação antimicrobiana sobre os três tipos de microrganismos testados: *Streptococcus mutans* (UA159), *Streptococcus sobrinus* (*S.sob*) (ATCC #25175), *Candida albicans* (*C.a.*). (VARGAS et al., 2010)

Var.:capim-cidreira, capim-limão; capim-santo; erva-cidreira; lemongrass; sidró.

capim-santo (*Cymbopogon citratus*)s.m.

lemon grass [ingl]; citronelle [fran]; hierba limón [esp]

Ver: capim-limão (*Cymbopogon citratus*)

cardamomo (*Elletaria cardamomum* Maton) s.m.

cardamom [ingl]; cardamome [fran]; cardamomo [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das sementes do fruto da planta cardamomo, indicado no cansaço mental, cansaço físico, dor de cabeça, sinusite, flatulência e indigestão.

Inf. Enc.: O óleo essencial foi destilado pela primeira vez em 1544, por Valerius Cordus, depois que um português conseguiu a erva na costa sudoeste da Índia. Há muitas variedades, algumas das quais eram conhecidas dos gregos e romanos (WORWOOD, 1995, p. 150).

[...] Embora não haja comprovação que o óleo essencial de cardamomo seja um agente irritante para a pele, eu recomenda-se cautela, tal como no caso dos óleos de condimentos, e que seja utilizado em pequenas dosagens, bastante diluído, para qualquer pessoa de pele sensível (DAVIS, 1996, p. 102).

cássia (*Cinnamomum cassia*) *s.f.*

Chinese cinnamom [ing]; cinnamomum cassia [fran]; canela [esp]

Ver: canela-da-china

castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa Bonpl.*) *s.f.*

brazilnut tree [ingl]; noix du Brésil [fran]; castaña de pará [esp]

Ver: castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa Bonpl.*)

castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa Bonpl.*) *s.f.*

brazilnut tree [ingl]; noix du Brésil [fran]; castaña de pará [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído por prensagem das nozes da planta castanha-do-pará, usado para pele tratamento de pele ressecada e cabelos secos e sem brilho.

Inf. Enc.: Um óleo de propriedades muito parecidas com óleo de amêndoas, podendo por isso ser um substituto mais barato desse (LASZLO, 2006, p. 99).

[...] O <óleo vegetal de castanha-do-pará> deve ser retirado por prensagem a frio sem passar pelo processo de refino a fim de ter intactas suas propriedades (LÁSZLÓ, 2006, p. 99).

Var.: castanha-do-brasil; castanheira-do-brasil; castanheira-do-pará.

castanheira-do-brasil (*Bertholletia excelsa Bonpl.*) *s.f.*

brazilnut tree [ingl]; noix du Brésil [fran]; castaña de pará [esp]

Ver: castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa Bonpl.*)

castanheira-do-pará (*Bertholletia excelsa Bonpl.*) *s.f.*

brazilnut tree [ingl]; noix du Brésil [fran]; castaña de pará [esp]

Ver: castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa Bonpl.*)

cedro-do-atlas (*Cedrus atlantica*) *s.m.*

cedarwood [ingl]; cèdre [fran]; cedro [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das lascas de madeira e serragem da planta cedro-do-atlas, usado para ansiedade, infecções do peito, infecções das vias urinárias, problemas vaginais como corrimentos, reumatismo, asma (por combater o muco).

Inf. Enc.: O cedro-do-atlas é um poderoso antisséptico, usado particularmente para infecções brônquicas e do trato urinário (DAVIS, 1996, p. 105).

[...] O <óleo essencial de cedro-do-atlas> é amarelado, bastante viscoso e com uma fragrância cálida que rescende a madeira (DAVIS, 1996, p. 105).

Variação: cedro-do-atlântico, cedro africano, libanol, cedro-do-marrocos.

cedro africano (*Cedrus atlantica*) *s.m.*

cedarwood [ingl]; cèdre [fran]; cedro [esp]

Ver: cedro-do-atlas (*Cedrus atlantica*)

cedro-do-atlântico (*Cedrus atlantica*) *s.m.*

cedarwood [ingl]; cèdre [fran]; cedro [esp]

Ver: cedro do atlas (*Cedrus atlantica*)

cedro-do-marrocos (*Cedrus atlantica*) *s.m.*

cedarwood [ingl]; cèdre [fran]; cedro [esp]

Ver: cedro-do-atlas (*Cedrus atlantica*)

cenoura (*Daucus carota*) *s.f.*

carrot oil [ing]; carotte huile [fran]; aceite de zanahoria [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído por infusão em óleo de soja das flores e da raiz seca macerada da planta cenoura, usado na hidratação e restauração da pele.

Inf. Enc.: O óleo vegetal de cenoura é emoliente e calmante tópico (MALUF, 2006, p. 24).

[...] O <óleo vegetal de cenoura> é rico em vitaminas, especialmente a A. Acrescente apenas 10% em outros óleos carreadores, caso contrário sua cor alaranjada poderá permanecer temporariamente na pele (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 14).

Var.: cenoura (*Daucus carota*)

cenoura (*Daucus carota*) *s.f.*

carrot oil [ing]; carotte huile [fran]; aceite de zanahoria [esp]

Ver: cenoura (*Daucus carota*)

cenoura (*Daucus carota*) s.f.

carrot seed [ing]; carotte [fran]; zanahoria [esp]

Tipo de óleo essencial obtido por destilação a vapor das sementes secas da planta cenoura selvagem, a qual contrasta com a cenoura típica alaranjada que se costuma ingerir à mesa em forma de saladas ou cozidos, sendo indicado para tratamento de pele.

Inf. Enc.: O óleo essencial, usado em um creme ou diluído em óleo de amêndoas, restaura a tonicidade e a elasticidade da pele, podendo mesmo diminuir rugas (DAVIS, 1996, p. 108).

[...] É possível destilar um <óleo essencial de cenoura> de suas folhas, raízes, flores e sementes. É de coloração amarela muito clara, e tem o cheiro característico de cenoura. É uma boa ajuda para manter a pele saudável (DAVIS, 1996, p.108).

Var.: cenoura-brava; cenoura-selvagem, cenoura.

cenoura-brava (*Daucus carota*) s.f.

carrot seed [ing]; carotte [fran]; zanahoria [esp]

Ver: cenoura (*Daucus carota*)

cenoura-selvagem (*Daucus carota*) s.f.

carrot seed [ing]; carotte [fran]; zanahoria [esp]

Ver: cenoura (*Daucus carota*) s.f.

cipreste (*Cupressus sempervirens*) s.m.

cypress [ing]; ciprès [fran]; ciprés [esp]

Tipo de óleo essencial extraído pelo processo de destilação a vapor das folhas e frutos da planta cipreste, usado no tratamento da asma, tosse espasmódica da coqueluche, ciclo menstrual desregulado, cólicas menstruais e fluxos intensamente anormais, sudorese dos pés e sangramentos gengivais.

Inf. Enc.: A palavra *sempervirens*, presente em seu nome científico, significa *sempre-vivo*, uma referência à natureza sempre verde das folhas, mas é possível que o verdume perpétuo das árvores tenha sido usado também como símbolo da vida após a morte (DAVIS, 1996, p. 112).

[...] O <óleo essencial de cipreste> é antiespasmódico, atuando sobretudo nos brônquios, de modo que é um dos óleos a se considerar em um tratamento contra a asma. Uma ou duas gotas inaladas de um lençinho ajudarão a aliviar um ataque de asma e a tosse espasmódica da coqueluche (DAVIS, 1996, p. 112).

citronela (*Cymbopogon winterianus*)s.f.

citronelle [ing]; citronelle [fran]; citronela [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas do capim aromático citronela, usado como repelente de insetos, desinfetante caseiro e no preparo de sabões.

Inf. Enc.: O óleo de citronela é muito utilizado para adulterar óleos essenciais mais caros (DAVIS, 1996, p. 117).

[...] Uso o <óleo essencial de citronela> para manter meus gatos afastados de tinas e bacias cheias de plantas, e ele também figura em alguns preparados vendidos em lojas de plantas, com a mesma finalidade. É utilizado em especial como repelente de insetos (DAVIS, 1996, p. 117).

Var.: citronela-de-java; citronela-do-ceilão.

citronela-de-java (*Cymbopogon winterianus*) s.f.
citronelle [ing]; citronelle [fran]; citronela [esp]

Ver: citronela (*Cymbopogon winterianus*)

citronela-do-ceilão (*Cymbopogon winterianus*) s.f.
citronelle [ing]; citronelle [fran]; citronela [esp]

Ver: citronela (*Cymbopogon winterianus*)

citronela-maior (*Artemisia absinthium L.*) s.f.
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto

cistus labdanum (*Cistus ladanifer*) s.m.
labdanum/cistus [ing]; ciste ladanifère [fran]; jará de ládano [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da folhas e galhos da planta *Cistus labdanum*, e também por destilação com solvente da resina obtida de toda a planta, usado como redutor de estresse, afrodisíaco, estimulante, antiinflamatório, antitussígeno, e como fixador de perfume, substituindo o *ambergris* e o *musk*, de origem animal.

Inf. Enc.: O ládano tem fascinado os povos há muitos séculos. Os egípcios usavam-no para fabricar seus incensos e os hebreus queimavam-no seus templos e sinagogas. Diz-se que seu aroma penetra fundo no subconsciente e traz de volta lembranças, sentimentos e emoções. A extração do óleo essencial é interessante. As cabras do Mediterrâneo, principalmente das Ilhas Gregas, comem os talos da flor esteva, e a resina da planta gruda-se nos seus pelos. Quando retornam das montanhas, os pastores penteiam seus pelos e retiram a resina, a qual será destilada para obtenção do óleo. É um dos óleos mais caros que existem. Atualmente, extrai-se o óleo também por destilação a vapor das folhas e galhos do *Cistus labdanum* (DIMITRIS, 2010).

[...] Hoje em dia as qualidades medicinais do <óleo essencial de *Cistus labdanum*> estão sendo estudadas para tratamentos dermatológicos, tumores, incluindo o câncer. (MALUF, 2006, p. 8).

Var.: ládano

coentro (*Coriandro sativum*) s.m.

coriander [ing]; coriandre [fran]; cilantro/coriandro/culantro [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das sementes maduras maceradas da planta coentro, usado para dores em geral, artrite, cólica, fadiga, indigestão, náusea e reumatismo.

Inf. Enc.: O óleo essencial de coentro pode ser usado para refrescar e estimular a mente (CORIANDER..., 2010).

[...] O <óleo essencial de coentro> é analgésico e eficaz nas nevralgias e dores reumáticas. Promove um suave aquecimento, o que representa um alívio para esses distúrbios (DAVIS, 1996, p. 120).

Var.: coriandro; erva-percevejo; salsinha.

cominho (*Carum carvi L.*) s.f.

caraway [ing]; cumin de Près[fran]; alcarávea/Comino de Prado [esp]

Ver: alcarávia (*Carum carvi L.*)

cominho (*Cuminum cyminum*) s.m.

cumin [ing]; cumin [fran]; comino [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das sementes maduras da planta cominho, usado como estimulante digestivo, tônico, antiespasmódico, laxativo, carminativo, sendo também um grande auxiliar da digestão.

Inf. Enc.: Usado desde a Antiguidade, este óleo tem sido procurado por suas propriedades digestivas (CUMIN..., 2010).

[...] As sementes são utilizadas para a destilação do <óleo essencial de cominho>, que é inicialmente incolor, mas adquire uma tonalidade amarela com o tempo (DAVIS, 1996, p. 120).

cominho-dos-prados (*Carum carvi L.*) s.f.

caraway [ing]; cumin de Près[fran]; alcarávea/Comino de Prado [esp]

Ver: alcarávia (*Carum carvi L.*)

cominho-romano (*Carum carvi L.*) s.f.

caraway [ing]; cumin de Près[fran]; alcarávea/Comino de Prado [esp]

Ver: alcarávia (*Carum carvi L.*)

compressão a frio. *s.f.*

cold expression [ing]; compression à froid [fran]; presión em frío [esp]

Método de extração de óleos essenciais cítricos e óleos vegetais carreadores, que consiste na prensagem de cascas de cítricos e sementes de oleaginosas, por meio de máquinas. Após a prensagem é feita a centrifugação da mistura para proceder-se à separação do óleo.

Inf. Enc.: Existem dois métodos para se extrair o óleo carreador de matéria prima. O primeiro é por compressão a frio, em que as sementes são espremidas por uma prensa. O segundo método é a extração por solventes (LÁSZLÓ, 2006, p. 94).

[...] No processo de compressão a frio as sementes são esmagadas, causando a drenagem do óleo para fora da prensa (LÁSZLÓ, 2006, p. 94).

Var.: prensagem a frio, extração a frio, expressão a frio.

concreto *s.m.*

Concrete [ing] concrète [fran] concreto [esp]

Substância semi-sólida perfumada, de consistência cerosa, obtida após o processo de destilação por solventes das partes delicadas de flores.

Inf. Enc.: O concreto de Rosa Otto (Rosa da Bulgária) [...] é um material ceroso semi-sólido, que possui diversos usos em perfumaria e cosmética, sendo um dos mais populares perfumes sólidos (ROSE..., 2010).

[...] As plantas são imersas no solvente químico adequado (hexano, acetona, ou outros derivados do petróleo). Isto resulta um produto chamado de <concreto>. Em seguida, o concreto pode ser dissolvido em álcool para remover o solvente. Quando o álcool evapora, o absoluto aparece. A extração por solvente apresenta algumas desvantagens como a permanência de resíduos do solvente no absoluto e causar efeitos colaterais. (FETT, 2010).

Ver: absoluto

copaíba (*Copaifera langsdorffii/copaifera officinallis*) *s.m.*

Jesuit's balsam [ing]; copayer [fran]; copaiba [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído por meio de uma incisão no tronco da planta copaíba, usado para afecções do couro cabeludo e como cicatrizante, anti-inflamatório, e cuidados pós-operatório.

Inf. Enc.: O uso do óleo da resina de copaíba já é difundido popularmente há séculos pelos indígenas, e conhecido há tempos pelos caboclos ribeirinhos amazônicos por sua vasta utilização na fitoterapia. Hoje passa a ser promissora a indicação do óleo como alternativa para o tratamento das inflamações ginecológicas, baixo custo e boa eficácia (FRANCISCO, 2005).

[...] O <óleo vegetal de copaíba> é muito usado na indústria cosmética como componente de loções e cremes anti-inflamatórios, xampus para seborréia e caspa. Usado também como fixador de perfumes. Possui efeito germicida, evitando infecções (MALUF, 2006, p. 24).

coriandro (*Coriandro sativum*) *s.m.*

coriander [ing]; coriandre [fran]; cilantro/coriandro/culantro [esp]

Ver: coentro (*Coriandro sativum*)

couro-da-rússia (*Betula pendula Roth*) *s.f.*

silver birch/cuir de russie [ing]; cuir de russie [fran]; cuir de russie [esp]

Ver: bétula (*Betula pendula Roth*)

cravo (*Dianthus caryophyllus*) *s.m.*

carnation [ingl]; œillet commun [fran]; clavel [esp]

Tipo de óleo essencial extraído com solventes e depois com álcool, da flor da planta cravo, a fim de se obter o seu absoluto, usado em aromaterapia para combater estresse, problemas emocionais, sentimentos de isolamento, mente hiperativa e incapacidade de se comunicar.

Inf. Enc: O absoluto de cravo é extraído das flores do *Dianthus caryophyllus*. Atualmente, a flor do cravo é cultivada no Egito para a extração do absoluto, que é um líquido viscoso (pode solidificar-se a baixas temperaturas) de cor verde-oliva, sendo muito apreciado pelos perfumistas em busca de novas opções de aroma para o sistema olfatório (CARDAMOM..., 2010).

[...] O <óleo essencial do cravo> está presente em alguns perfumes como por exemplo: Yves Saint Laurent Opium, Lauren by Ralph Lauren e Gucci No.1 (ARAÚJO, 2006).

Ver: cravo-da-índia; tagetes

cravo-da-índia (*Eugenia caryophyllata*) *s.m.*

glove [ing]; clou de girofle [fran]; clavo [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos botões desidratados ao sol da planta cravo, usado nas dores musculares, pernas cansadas, reumatismo, resfriados, dores de dente, náusea e no combate a verrugas. Possui propriedades terapêuticas antibióticas, antiviróticas, anti-infecciosas e é afrodisíaco.

Inf. Enc.: O cravo-da-Índia era usado como remédio na China antiga. Para perfumar o hálito, quando falavam com o imperador, os cortesãos tinham sempre um cravo-da-Índia na boca. Os romanos o apreciavam como condimento e como remédio, reconhecendo-o como um aspecto importante do comércio de especiarias (WORWOOD, 1995, p. 162). Ele ainda é usado em fórmulas para aliviar dores, pois tem um leve efeito analgésico. É amplamente empregado na cozinha, em sabonetes e perfumaria; usado também em vinhos e licores (WORWOOD, 1995, p. 162).

[...] Na medicina chinesa o <óleo essencial de cravo-da-índia> é muito usado em massagens para diarreia, hérnia e bronquites (MALUF, 2006, p. 10).

cromatografia *s.f.*

chromatography [ing]; chromatographie [fran]; cromatographia [esp]

Técnica utilizada para a separação dos componentes de uma mistura. Os principais métodos cromatográficos são: cromatografia em papel (CP), cromatografia de camada delgada (CCD), cromatografia gasosa (CG) e cromatografia líquida de alta eficiência (CLAE). A seleção do método a ser empregado depende do material a ser utilizado. Por meio da cromatografia gasosa é possível classificar todos os componentes de um óleo essencial, dependendo da origem da planta, horário de colheita e tipo de solo.

Inf. Enc.: A separação e análise de misturas de substâncias voláteis podem ser feitas por meio da Cromatografia Gasosa (CG). O uso desta técnica exige alguns cuidados, dentre eles a escolha correta da fase estacionária (FE) e da fase móvel (FM). A temperatura deve ser também controlada, para assegurar a reprodutibilidade das análises (AUGUSTO, 2000).

[...] O método padrão para análise da composição do óleo essencial de melaleuca alternifolia está baseado na <*cromatografia gasosa*>, sendo sua composição padronizada pela International Standart Organization desde 1996 (JESUS; BARIN; ELLEN SOHN, 2007).

damasco (*Prunus americana*) *s.m.*

apricot [ing]; abricot [fran]; damasco [esp]

Ver: abricot (*Prunus americana*)

destilação a vapor *s.f.*

steam distillation [ing]; distillation à vapeur [fran]; destilación al vapor [esp]

Método no qual a água é aquecida num recipiente e o vapor resultante desse processo é bombeado sob pressão para um outro recipiente, onde se encontra o material vegetal. O calor do vapor faz com que as paredes celulares se abram. Dessa forma, o óleo que está entre as células evapora junto com a água e vai para o tubo de arrefecimento. Os óleos essenciais não se misturam, ficam sobre a água por serem mais leves, portanto, podem ser facilmente retirados.

Inf. Enc.: A destilação é o método principal para extração de óleos essenciais de plantas (DAVIS, 1996, p. 141).

[...] A <*destilação a vapor*> envolve o aquecimento da planta, seja colocando-a na água, que é então fervida, seja colocando-a em uma grade ou grelha e aquecendo-se a água que está embaixo, de modo que o vapor passe através dela. Podem ser usados folhas, galhos, bagas, pétalas e outras partes da planta. Se ela for colocada na água, o processo é conhecido como destilação direta e, caso seja colocada em uma grade, com o vapor a passar através dela, o sistema é conhecido como destilação a vapor (DAVIS, 1996, p. 141).

Var.: destilação pela água e vapor; destilação pelo vapor d'água

destilação pela água e vapor. *s.f.*

steam distillation [ing]; distillation à vapeur [fran]; destilación al vapor [esp]

Ver: destilação a vapor.

destilação pelo vapor d'água. *s.f.*

steam distillation [ing]; distillation à vapeur [fran]; destilación al vapor [esp]

Ver: destilação a vapor.

effleurage *s.f.*

enfleurage [ing]; enfleurage [fran]; enfleurage [esp]

Ver: enfleurage

elemi canarium luzonicum (*Canarium luzonicum* Miq.) *s.m.*

Manila elemi [ing]; élémi de Manille [fran]; elemi [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da goma da árvore *elemi canarium luzonicum*, usado para tosse, problemas respiratórios, bronquites, catarros, pele envelhecida, cicatrizes, estresse, ferimentos, secando e refrescando lesões cutâneas. Muito empregado também em perfumaria pelo aroma balsâmico.

Inf. Enc.: Em perfumaria o óleo é usado em colônias, bases florais para perfumes mais marcantes e perfumes orientais (ELEMI..., 2010).

[...] A cor amarelo-claro do <óleo essencial de elemi canarium luzonicum> deixa entrever uma nota alta fresca, rescendendo a limão e pimenta, que aos poucos vai sendo substituída por uma nota de corpo doce, verde e balsâmica (ELEMI..., 2010).

enfleurage *s.f.*

enfleurage [ing]; enfleurage [fran]; enfleurage [esp]

Método empregado para extrair o óleo essencial de flores delicadas, em que se colocam as pétalas recém-colhidas em folhas de vidro revestidas com gordura, as quais são sobrepostas em uma estrutura de madeira e apertadas por uma tração, para que a gordura absorva-lhes o perfume. As pétalas murchas são removidas, espalhando-se novas pétalas frescas sobre a gordura durante vários dias, durante o período de quatro semanas ou mais, ou até que a gordura tenha absorvido todo o óleo essencial possível.

Inf. Enc.: Os óleos obtidos por esse método são conhecidos como *absolutos* e têm um caráter altamente concentrado. Seu poder enquanto perfume e suas propriedades terapêuticas são realmente muito fortes. Este método tem sido usado tradicionalmente na indústria de perfumes, sobretudo na região de Grasse (França), conhecida como a cidade dos perfumes, para produzir os óleos aromáticos da mais alta qualidade. (DAVIS, 1996, p. 160).

[...] O processo de <enfleurage> é um processo laborioso e, conseqüentemente oneroso, o que explica o custo elevado desses óleos ou absolutos (DAVIS, 1996, p. 160).

Var.: effleurage; enfloragem

enfloragem. *s.f.*

enfleurage [ing]; enfleurage [fran]; enfleurage [esp]

Ver: enfleurage

erva-cidreira (*Cymbopogon citratus*) *s.m.*

lemon grass [ingl]; citronelle [fran]; hierba limón [esp]

Ver: capim-limão (*Cymbopogon citratus*)

erva-doce (*Pimpinella anisatum*) *s.f.*

aniseed [ing]; anis vert [fran]; anís [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das sementes esmagadas da planta erva-doce, usado para problemas estomacais e digestivos, dores abdominais, flatulência, problemas menstruais e da menopausa, e obesidade.

Inf. Enc.: Normalmente utiliza-se o óleo de suas sementes, mas existe óleo também da planta. Costumeiramente utilizado como tempero doméstico. Possui ação laxativa e vermífuga (LÁSZLÓ, 2006, p. 48).

[...] Devido ao óleo possuir propriedades estrogênicas, recomenda-se evitar o seu uso de forma excessiva ou por via oral, em grávidas (LÁSZLÓ, 2006, p. 48).

Var: anis; anis-verde; pimpinella (*Illicium anisatum*)

erva-doce (*Foeniculum vulgare* Mill) *s.f.*

fennel [ing]; fenouil [fran]; hinojo dulce [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das sementes esmagadas da planta erva-doce, usado para tratamento de problemas digestivos, flatulência, obesidade, cólicas em crianças e cálculos renais.

Inf. Enc.: Vários herbários antigos afirmavam ser a erva-doce um antídoto contra “toda sorte de venenos” (Blanckes), como o de picadas de serpentes, plantas venenosas e cogumelos, e hoje a conhecemos como um importante óleo antitóxico (DAVIS, 1996, p. 165).

[...] O <óleo essencial de erva-doce> é um dos óleos mais úteis para tratamento da celulite, quando acúmulos de resíduos tóxicos e líquidos na gordura subcutânea produzem um aspecto caracteristicamente enrugado, em geral conhecido como “pele de casca de laranja.” (DAVIS, 1996, p. 165).

Var: fiolho; fiolho-doce; funcho (*Foeniculum vulgare* Mill)

erva-dos-bichos (*Artemisia absinthium* L.) *s.m.*

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium* L.)

erva-dos-cem-gostos (*Artemisia absinthium L.*) s.m.
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

erva-do-fel (*Artemisia vulgaris L.*) s.m.
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de San Juan [esp]

Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

erva-dos-velhos (*Artemisia absinthium L.*) s.m.
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

erva-dos-vermes (*Artemisia vulgaris L.*) s.m.
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de San Juan [esp]

Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

erva-dos-vermes (*Artemisia absinthium L.*) s.m.
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

erva-percevejo (*Coriandro sativum*) s.m.
coriander [ing]; coriandre [fran]; cilantro/coriandro/culantro [esp]

Ver: coentro (*Coriandro sativum*)

erva-santa (*Artemisia vulgaris L.*) s.m.
mugwort [ing]; armoise [fran]; hierba de San Juan [esp]

Ver: artemísia (*Artemisia vulgaris L.*)

erva-santa (*Artemisia absinthium L.*)
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

eucaliptus citriodora (*Eucalyptus citriodora Hook*) s.m.
eucalyptus lemon [ing]; eucalyptus citronné [fran]; eucalyptus citriodora [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e ramos da planta *eucalyptus citriodora*, sendo utilizado em picadas de inseto e infecções da pele, bem como no tratamento dos sintomas de gripe, asma, febre, dor de garganta, catapora, sarampo e infecções do peito.

Inf. Enc.: Muito cheiroso, o óleo de eucalipto citriodora é largamente utilizado em saunas, na fabricação de desinfetantes e como aromatizante de bebidas e balas. (WORWOOD, 1995).

[...] O <óleo de *eucalyptus citriodora*> é usado como repelente para baratas, traças de livros etc. Mistura-se bem com manjeriço, benjoim, pimenta do reino e vetiver. Usado também para combater a cistite e a artrite (WORWOOD, 1995, p. 166).

eucaliptus glóbulus (*Eucalyptus globulus*) s.m.

eucalyptus [ing]; eucalyptus [fran]; eucalipto [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e ramos da planta *eucalyptus glóbulus*, sendo usado como descongestionante, bactericida, repelente de insetos, expectorante e antitérmico.

Inf. Enc.: Nos casos de epidemia e moléstias infecciosas, o eucalipto glóbulus cumpre diversos propósitos ao esmo tempo, uma vez que ajuda o paciente, mas também protege as pessoas que entram em contato com ele. O Dr. Valnet sugere seu uso durante afecções acompanhadas por febre, para baixar a temperatura, e enquanto medida preventiva contra a propagação da infecção, nos casos de cólera, sarampo, malária, escarlatina e febre tifóide (DAVIS, 1996, p. 180).

[...] O <óleo de *eucalypto glóbulus*> é quase universalmente conhecido como próprio para inalações descongestionantes nos casos de resfriados e catarro, mas tem muitas aplicações menos conhecidas. A mais importante delas é sua poderosa ação bactericida e antiviral (DAVIS, 1996, p. 180).

eucaliptus radiata (*Eucalyptus radiata*) s.m.

narrow leaved peppermint [ing]; eucalyptus radié [fran]; eucalipto radiate [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e ramos da planta *eucalyptus radiata*, usado para o tratamento da artrite, bronquite, catarro, febre e sinusite. Por ser mais suave, seu uso é indicado em crianças.

Inf. Enc.: A árvore é conhecida como hortelã-pimenta da ponta branca ou gomífera branca do rio (WORWOOD, 1995, p. 170).

[...] O primeiro registro conhecido de destilação do <óleo de *eucalyptus radiata*> foi em 1898. Geralmente é considerado mais suave que o *eucalyptus glóbulus* (WORWOOD, 1995, p. 170).

expressão a frio. s.f.

cold expression [ing]; compression à froid [fran]; presión em frío [esp]

Ver: compressão a frio

extração a frio *s.f.*

cold expression [ing]; compression à froid [fran]; presion em frío [esp]

Ver: compressão a frio

extração com solvente *s.f.*

solvent extraction [ing]; extration pour solvent [fran]; extraction por solvente [esp]

Método de extração de óleos essenciais em que as flores são depositadas em grades perfuradas situadas em reservatórios lacrados. Em uma das extremidades, há um tanque que abriga um solvente líquido e, na outra, um alambique a vácuo. O solvente líquido fica livre para fluir lentamente por sobre as flores, dissolvendo os óleos essenciais.

Inf. Enc.: Alguns dos absolutos florais de maior qualidade são produzidos pelo processo de extração por solvente (DAVIS, 1996, p. 184).

[...] O solvente originalmente empregado no século XIX era o éter de petróleo, com a posterior introdução do benzol. Os processos modernos de <extração com solvente> podem utilizar o butano líquido ou o dióxido de carbono líquido, que produzem óleo s de excelente qualidade sem prejudicar os aromas mais delicados (DAVIS, 1996, p. 184).

extração com CO2 hiper-crítico

CO2 gas extraction [ing]; extraction au CO2 supercritique [fran]; extracción com CO2 [esp]

Método de extração de óleos essenciais em que as plantas são colocadas em um tanque, onde é injetado dióxido de carbono super-crítico a pressão extrema e a temperatura superior a 31 graus centígrados.

Inf. Enc.: Nessa pressão e temperatura o CO2 atinge o que seria um quarto estado físico, sendo que sua viscosidade é semelhante a um gás, com uma capacidade de solubilidade elevada como se fosse um líquido. Uma vez efetuada a extração, faz-se com que a pressão diminua e o gás carbônico volte ao estado gasoso, não deixando nenhum vestígio do solvente. Nesse processo de extração utiliza-se um aparelho com uma pressão de 30 atmosferas terrestres, que implode as células vegetais, liberando ao máximo todos os princípios ativos existentes nelas.

A principal diferença entre um óleo destilado e um óleo obtido via CO2 já é perceptível no cheiro, que é idêntico àquele presente na planta. Por ser obtido a frio e arrastar componentes de difícil evaporação, muitos compostos presentes em óleos via CO2 jamais serão encontrados naqueles que forem destilados. (LASZLO, 2009).

[...] As matérias-primas vegetais também são processadas, usando-se a <extração por CO2 (dióxido de carbono)>, que permite a produção de óleo essencial sem prejuízo para o odor das flores. Geralmente os óleos essenciais produzidos desse modo são caros (WORWOOD, 1995, p. 22).

falso sândalo (*Amyris Balsamifera L.*) *s.m.*
amyris [ing]; amyris [fran]; maderá de Sandalo Amyris [esp]

Ver: amyris (*Amyris Balsamifera L.*)

fiolho (*Foeniculum vulgare Mill*) *s.m.*
fennel [ing]; fenouil [fran]; hinojo dulce [esp]

Ver: erva-doce (*Foeniculum vulgare Mill*)

fiolho-doce (*Foeniculum vulgare Mill*) *s.m.*
fennel [ing]; fenouil [fran]; hinojo dulce [esp]

Ver: erva-doce (*Foeniculum vulgare Mill*)

fitol *s.m.*

phytols [eng]; phytol [fran]; phytol [esp]

Solvente gasoso, não tóxico, usado para a extração de óleos aromáticos e com
postos ativos de materiais de plantas.

Inf. Enc.: A extração ocorre sob temperatura ambiente e, devido a isso, não há degradação química dos produtos (ÓLEOS..., 2010).

[...] O óleo essencial obtido pelo método que utiliza o solvente <fitol> é limpo, claro, e completamente livre de gorduras e ceras (ÓLEOS..., 2010).

Var: florasol

Ver: concreto

flor-de-diana (*Artemisia absinthium L.*) *s.f.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

lor-de-laranjeira (*Citrus vulgaris*) *s.f.*
neroli [ing]; néroli [fran]; neroli [esp]

Ver: néroli (*Citrus vulgaris*)

florasol *s.m.*

florasol [eng]; florasol [fran]; florasol [esp]

Ver: fitol

frankincense *s.m.* (*Boswellia carterii*) *s.m.*

frankincense [ing]; frankincense [fran]; incienso [esp]

Ver.: olíbano

funcho (*Foeniculum vulgare* Mill) s.m.

fennel [ing]; fenouil [fran]; hinojo dulce [esp]

Ver.: erva-doce

gingibre (*Zingiber officinalis* Roscoe) s.m.

ginger [ing]; gingembre [fran]; jengibre [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da raiz ou rizoma da planta gengibre, usado no tratamento de reumatismo, dores musculares, problemas digestivos, náusea, febres, enjôo em navios e aviões e frigidez sexual.

Inf. Enc.: O óleo, quando usado na perfumaria, dá um toque oriental ao aroma das misturas (WOORWOOD, 1995, p. 172).

[...] O <óleo essencial de gengibre> tem uma coloração amarelo-clara, ligeiramente esverdeada, que se torna mais escura com o passar do tempo[...]. Pode-se acrescentar uma única gota a uma mistura a ser utilizada em massagens nos casos de artrite, reumatismo, dores musculares e fadiga (DAVIS, 1996, p. 2006).

Var.: gengivre; gingibre

gengivre (*Zingiber officinalis* Roscoe) s.m.

ginger [ing]; gingembre [fran]; jengibre [esp]

Ver: gengibre (*Zingiber officinalis* Roscoe)

gingibre (*Zingiber officinalis* Roscoe) s.m.

ginger [ing]; gingembre [fran]; jengibre [esp]

Ver: gengibre (*Zingiber officinalis* Roscoe)

gerânio (*Pelargonium graveolens*) s.m.

geranium [ing]; géranium [fran]; geranio [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor de toda a planta gerânio, inclusive da parte florida, usado no tratamento da menopausa, cólicas menstruais, tensão, TPM, nervosismo, medo (principalmente a síndrome do pânico), sendo um regulador natural dos hormônios e das emoções.

Inf. Enc.: Há aproximadamente 700 variedades de gerânio, mas apenas dez são usadas na feitura do óleo essencial. O aroma exclusivo, que lembra o de rosa, é capturado colhendo-se as flores assim que as folhas ficam amarelas; antes disso o aroma lembra mais o do limão. (WOORWOOD, 1995, p.174).

[..] O aroma do <óleo essencial de gerânio> lembra o de rosa, com o qual tem muitos constituintes em comum. Portanto, é comum ser adicionado ao óleo de rosa, para intensificá-lo. O aroma suave ajuda a reduzir o estresse (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 33).

Var.: malva de cheiro; malva-cheirosa; malva-rosa; gerânio-cheiroso; gerânio-pendente; pelargônio-pendente; gerânio-hera

gerânio-cheiroso (*Pelargonium graveolens*) s.m.

geranium [ing]; géranium rosat [fran]; geranio [esp]

Ver: gerânio (*Pelargonium graveolens*)

gerânio-hera (*Pelargonium graveolens*) s.m.

geranium [ing]; géranium rosat [fran]; geranio [esp]

Ver: gerânio (*Pelargonium graveolens*)

gerânio-pendente (*Pelargonium graveolens*) s.m.

geranium [ing]; géranium rosat [fran]; geranio [esp]

Ver: gerânio (*Pelargonium graveolens*)

gergelim (*Sesamum indicum* L.) s.m.

sesame [ing]; sesame [fran]; sésamo [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído por prensagem a frio das sementes da planta gergelim, usado na hidratação e proteção da pele dos raios solares, sendo também muito utilizado na medicina ayurvédica e chinesa com a finalidade de aumentar a energia vital, tratar a fadiga, melhorar a tonicidade e a firmeza muscular, regular as funções intestinais e a circulação sanguínea. Pode ser acrescentado a outros óleos para enriquecê-los.

Inf. Enc.: Auxilia no tratamento da memória, oxigenação do cérebro e, por conter um alto teor de vitamina E, é considerado um agente rejuvenescedor, retardando o envelhecimento. (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 14).

[...] O <óleo vegetal de gergelim>, extraído das sementes cruas, tem leve aroma de nozes e contém 85% de ácidos graxos insaturados e 15% de saturados (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 14).

Var.: gergilim, gerzelim; gergelim; jergelim; zirzelim (*Sesamum indicum* L.)

gergilim (*Sesamum indicum* L.) s.m.

sesame [ing]; sesame [fran]; sésamo [esp]

Ver: gergilim (*Sesamum indicum* L.)

gerzelim (*Sesamum indicum L.*) *s.m.*
sesame [ing]; sesame [fran]; sésamo [esp]

Ver: gergilim (*Sesamum indicum L.*)

girgelim (*Sesamum indicum L.*) *s.m.*
sesame [ing]; sesame [fran]; sésamo [esp]

Ver: gergilim (*Sesamum indicum L.*)

gérmen de trigo (*Triticum sativum Lank*) *s.m.*

wheat germ oil [esp]; germes de blé [fran]; germe de trigo [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído por prensagem a frio das sementes moídas da planta gérmen de trigo, indicado para o tratamento de estresse físico, problemas cardiovasculares,

ativ
ação das glândulas sexuais, produção de hormônios e regulação do ciclo menstrual. Na estética e beleza previne o ressecamento da pele e as rugas.

Inf. Enc.: Aproximadamente 12 kg de gérmen de trigo são necessários para se produzir um litro de óleo vegetal (LASZLÓ, 2006).

[...] O <óleo de gérmen de trigo> é um óleo naturalmente antioxidante, com boa penetração cutânea. Nutre e hidrata peles secas e rachadas, suavizando-as, sendo também excelente para peles com problemas de eczema e psoríase. Aplicado na pele seca e áspera, diariamente, devolve-lhe o brilho. Ajuda a prevenir e curar escaras e rachaduras,

sendo ótimo para prevenção de estrias (MALUF, 2006, p. 21)

girassol (*Helianthus annuus*) *s.m.*

sunflower oil [ing]; tournesol [fran]; girasol [esp]

Tipo de óleo vegetal obtido por prensagem a frio das sementes da planta girassol, sendo usado para tratamento de peles delicadas e secas, pelo seu elevado poder nutritivo e de absorção.

Inf. Enc.: Contém alta concentração de vitaminas E e B, minerais, sendo seu uso recomendado para peles delicadas e secas. Com elevado poder nutritivo, pode ser utilizado em contusões, feridas e esfolamentos (MALUF, 2006, p. 25.)

[...] O <óleo vegetal de girassol> é um óleo adoravelmente delicado que eu uso em quase todas as minhas misturas para massagens. Ele contém vitamina E. (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 14).

gomenol (*Melaleuca viridiflora*) *s.m.*

gomenol [ing]; gomenol [fran]; gomenol [esp]

Ver: niaouli (*Melaleuca viridiflora*)

gotas-amargas (*Artemisia absinthium L.*) *s.f.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

grande-absíntio (*Artemisia absinthium L.*) *s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto

grande-absinto (*Artemisia absinthium L.*) *s.m.*
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

grapefruit (*Citrus paradisi Macfad*) *s.f.*

grapefruit [ing]; pamplemousse [fran]; toranja [esp]

Tipo de Óleo essencial extraído por compressão a frio das cascas, indicado para cansaço muscular, cansaço mental, rigidez, retenção de líquido, celulite, acne e dor de cabeça.

Inf. Enc.: É um óleo potente no combate à infecção. Por agir diretamente no sistema linfático, elimina toxinas do organismo, sendo eficaz em massagens modeladoras. A planta *grapefruit* foi introduzida nas Antilhas, procedente da China, por um capitão chamado Shaddock, e o fruto ficou conhecido a partir de então como “fruto de Shaddock (MALUF, 2006, p. 12).

[...] O <óleo essencial de *grapefruit*> é indicado em caso de TPM, *jet lag* e exaustão nervosa. Atua na vesícula biliar, alivia ansiedade e elimina calores da menopausa. Estimula peles apáticas e sem vida (MALUF, 2006, p. 12).

Var.: pomelo; toranja

hidrodestilação. *s.f.*

hydrodistillation [ing]; hydrodiffusion [fran]; hidrodifusión [esp]

Método de extração dos óleos essenciais em que se emerge completamente o material vegetal a ser destilado em água (como num chá), cuja temperatura não deve exceder em 100 graus centígrados, e só depois proceder-se à destilação.

Inf. Enc.: Este é o mais antigo método de destilação e o mais versátil, sendo comumentemente mais empregado em países atrasados, onde as caldeiras a vapor ainda não chegaram, consistindo-se em um processo artesanal. É o caso, por exemplo, de pequenas fazendas na Índia, Filipinas, Indonésia e outros países do Oriente (ÓLEOS..., 2010).

[...] O método de extração por <hidrodestilação> costuma ser usado para extração do óleo essencial de algumas flores como o jasmim, néroli, e também de raízes, madeiras e cascas (ÓLEOS..., 2010).

hidrolatos *s.m.*

hidrolats [eng]; hidrolats [fran]; hidrolato [esp]

Ver: hidrosol

hidrosol *s.m.*

hydrosol [ing]; hydrosol [fran]; hidrolato [esp]

Substância líquida e aromática, obtida pela destilação de água com plantas aromáticas.

Inf. Enc.: Os hidrossóis têm sido usados desde que o homem destilou óleos de plantas pela primeira vez. Essa água residual da destilação tem tido aplicações diversas na cosmética, na culinária e em rituais sagrados em homenagens a deuses e deusas. Atualmente, com a prática da Aromaterapia em alta ao redor do mundo, grandes empresas de manipulação de cosméticos naturais utilizam essas águas para incrementar ainda mais os seus cremes e preparados para a pele (WHAT IS A HYDROSOL, 2010).

[...] O <hidrosol> ou hidrolato é uma água do resultado da destilação de óleos essenciais. No processo de destilação das plantas aromáticas o vapor liberta as pequenas bolsas das suas células onde se encontram os óleos essenciais e as moléculas de óleos essenciais separam-se do vapor. No final, os óleos essenciais estarão à superfície da água, pois são insolúveis, porém, as partículas de óleo impregnaram a água, pelo que esta se transforma em água floral (WHAT IS A HYDROSOL, 2010).

Var.: hidrolato; águas florais

hissopo (*Hyssopus officinalis*) *s.m.*

hyssop/hyssopus [ing]; hysope [fran]; hisopo [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das extremidades floridas da planta hissope, usado para tratamento de infecções peitorais com presença de muco, fluidificação de catarro, e como tônico e estimulante do sistema respiratório e do coração.

Inf. Enc.: Pode ser usado também em gargarejos para tratar irritações da garganta e perda de voz, e em inalações para combater tosse e irritações da garganta. Possui também indicações para tratamento de contusões, esfoladuras, cortes e queimaduras. O óleo de hissope é utilizado também na fabricação de perfumes, além de ser um ingrediente do licor de Chartreuse (DAVIS, 1996, p. 229).

[...] Jamais se deve administrar o <óleo essencial de hissope> a qualquer pessoa que sofra de epilepsia, uma vez que ele poderá deflagrar um ataque. Também deve ser evitado durante a gravidez e por pessoas com hipertensão (DAVIS, 1996, p. 229).

Var.: hissope das farmácias; erva-sagrada

ho leaf (*Cinnamomum camphora* L.) s.f.
camphor[ingl]; ravintsare [fran]; alcanphor [esp]

Ver: cânfora (*Cinnamomum camphora* L.)

hortelã (*Mentha piperita*) s.f.
peppermint oil [eng]; menthe poivrée [fran]; menta mint [esp]

Ver: hortelã-pimenta (*Mentha piperita*)

hortelã (*Mentha arvensis* Var.) s.f.
japanese peppermint [eng]; menthe de champs/menthe de japon [fran]; menta [esp]
Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas secas e semi-secas da planta hortelã, usado para problemas estomacais, sendo também antiparasítico e vermífugo. Tem ação expectorante, analgésica, descongestionante, refrescante e calmante.

Inf. Enc.: O óleo essencial de hortelã é constituído por cerca de um terço de mentol, razão pela qual tonifica, desanuvia a cabeça (MALUF, 2006, p. 12)

[...] O <óleo essencial de hortelã> é calmante, suavizante e refrescante. Na época medieval, tornou-se artigo de higiene oral (MALUF, 2006, p. 12).

Var.: hortelã-do-brasil; menta japonesa

hortelã-do-brasil (*Mentha arvensis* Var.) s.f.
japanese peppermint [eng]; menthe de champs/menthe de japon [fran]; menta [esp]

Ver: hortelã (*Mentha arvensis* Var.)

hortelã-pimenta (*Mentha piperita*) s.f.
peppermint oil [eng]; menthe poivrée [fran]; menta mint [esp]
Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor de todas as partes da planta hortelã-pimenta, usado para dor de cabeça, náusea, cansaço, apatia, tosse, problemas digestivos, enjoo durante viagens, congestão do sinus nasal, infecções na boca ou gengivas e cansaço mental.

Inf. Enc.: O óleo de hortelã-pimenta também é útil nas gripes e resfriados, em particular quando usado junto com os de lavanda, manjerona e alguns dos demais óleos que se utilizam quando surgem esses problemas (DAVIS, 1996, p. 236).

[...] O <óleo de hortelã pimenta> é um daqueles descritos como cefálicos, ou seja, que estimulam o cérebro e ajudam a clarear os pensamentos (DAVIS, 1996, p. 237).

Var.: hortelã

ilang ilang (*Cananga odorata*) s.m.

ylang ylang [ing]; *ylang ylang* [fran]; *ylang ylang* [esp]

Ver: **ylang ylang** (*Cananga odorata*)

ilangue ilangue (*Cananga odorata*) s.m.

ylang ylang [ing]; *ylang ylang* [fran]; *ylang ylang* [esp]

Ver: **ylang ylang** (*Cananga odorata*)

jacinto (*Hyacinthus orientalis*) s.m.

Hyacinth [ing]; jacinthe [fran]; jacinto[esp]

Tipo de óleo essencial extraído com solvente e depois com álcool, da planta jacinto, produzindo assim um absoluto, indicado para crises emocionais, cansaço mental, mágoa, sentimentos de angústia e abandono.

Inf. Enc.: Os gregos antigos usavam a fragrância para problemas emocionais. (WORWOOD, 1995, p. 181).

[...] Por ser muito forte, em misturas, usa-se apenas uma pequena quantidade diluída do <óleo essencial de jacinto> (WORWOOD, 1995, p. 181)

jasmim (*Jasminium officinale*) s.m.

jasmine [ing]; jasmin [fran]; jasmin [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por CO₂ com solventes naturais, ou por *enfleurage*, das flores da planta jasmim, usado para cólicas menstruais e abdominais, depressão, sendo acima de tudo um potente afrodisíaco, fortalecendo principalmente os órgãos sexuais masculinos. Muito indicado na perfumaria pelo seu odor inebriante.

Inf. Enc.: O óleo sintético de jasmim é de uma doçura enjoativa em nada semelhante ao verdadeiro óleo de jasmim, e só pode ser descrito como “barato” – o que de fato é verdade (DAVIS, 1996, p. 254).

[...] Duas variedades de jasmim são utilizadas na fabricação do <óleo essencial de jasmim>: o *Jasminium officinale* e o *Jasminium grandiflorum*, cultivados em grande quantidade na região de Grasse (França) (DAVIS, 1996, p. 254).

jergelim (*Sesamum indicum* L.) s.m.

sesame [ing]; sesame [fran]; sésamo [esp]

Ver: **gergilim** (*Sesamum indicum* L.)

jojoba (*Simmondsia sinensis*) s.m.

jojoba [ing]; jojoba [fran]; jojoba [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído por pressão a frio, sem o uso de solventes, da planta jojoba, indicado para todos os tipos de pele, incluindo-se a oleosa, mista, acnéica e inflamadas.

Inf. Enc.: O óleo não fica rançoso com o tempo, por isso é um bom veículo para óleos essenciais, e é usado também na fabricação de perfumes (LASZLÓ, 2006).

[...] O <óleo vegetal de jojoba> é eficaz no tratamento da caspa, eliminando os acúmulos de agentes no couro cabeludo que poderiam provocá-las (MALUF, 2006, p. 25).

junípero (*Juniperus communis*) s.m.

juniper [ing]; genièvre [fran]; bayas de enebro [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos frutos secos ou levemente maduros da planta junípero, usado para fortalecer e estimular os nervos e tratar contensão urinária.

Inf. Enc.: O óleo de junípero também trata reumatismo, gota, artrite, e pode ser destilado de seus espinhos e galhos, sendo que o óleo extraído dos frutos tem qualidade superior. É um dos ingredientes da bebida Gin (JUNIPER..., 2010).

[...] O <óleo essencial de junípero> é um óleo bastante valioso, podendo ser usado em casos de tensão nervosa, ansiedade, trato urinário, compulsão por comida e obesidade, eliminar o ácido do úrico, e tratamento de pele (JUNIPER..., 2010).

Var.: zimbros (*Juniperus communis*)

ládano (*Cistus Ladanifer*) s.m.

labdanum/cistus [ing]; ciste ladanifère [fran]; jará de ládano [esp]

Ver: Cistus labdanum

laranja (*Citrus aurantium*) s.f.

orange [ing]; orange [fran]; naranja [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por prensagem a frio das cascas da planta laranja, sendo usado como antidepressivo, antiespasmódico, digestivo e sedativo.

Inf. Enc.: Os óleos essenciais são extraídos através de pressão simples sobre a parte externa, colorida, da casca, tanto da laranja-azeda (*Citrus aurantium*, var. *amara*), como da laranja-doce (*Citrus aurantium*, var. *dulcis*) (DAVIS, 1996, p. 260).

[...] Apesar de suas evidentes propriedades coincidentes com o néroli, o <óleo essencial de laranja> tem um caráter próprio bastante definido, que reflete a diferença que se pode esperar entre o óleo da flor e o óleo da fruta, pois o óleo de laranja tem um aroma mais cálido e vigoroso, impregnando de uma sensação de jovialidade (DAVIS, 1996, p. 260).

laranja-cravo (*Citrus bergamia*) s.f.

bergamot [ing]; bergamote [fran]; bergamoto [esp]

Ver: bergamota (*Citrus bergamia*)

laranja-mimosa (*Citrus bergamia*)

bergamot [ing]; bergamote [fran]; bergamoto [esp]

Ver: bergamota (*Citrus bergamia*)

lavanda (*Lavanda officinalis*)s.f.

lavander (ingl); lavande (fran); lavanda (esp)

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das extremidades com flores da planta lavanda, usado para queimaduras, reumatismo, frieira, picada de inseto, dor de cabeça, enxaqueca, insônia, ansiedade, tensão, pânico, histeria, estado nervoso, estresse, cansaço e problemas menstruais (TPM).

Inf. Enc.: Nos dias de hoje, uma vz plantada, chega a render óleo durante dez anos, dependendo da espécie. Possui uso indicado para crianças (WORWOOD, 1995, p. 188).

[...] No plano psicológico, os efeitos do <óleo essencial de lavanda> podem ser considerados um “reflexo” de suas diversas ações físicas. Por sua natureza fundamentalmente reguladora, é de grande valia para ajudar pessoas que se encontram em estado emocional desequilibrado – histeria, psicose maníaco-depressiva, ou estados de humor muito flutuantes. A massagem em ambos os lados da coluna vertebral com o óleo de lavanda pode ajudar profundamente nessas situações, nas quais o toque físico do terapeuta representa uma parte muito importante do processo de cura (DAVIS, 1996, p. 267).

lemongrass (*Cymbopogon citratus*)s.m.

lemon grass [ingl]; citronelle [fran]; hierba limón [esp]

Ver: capim-limão (*Cymbopogon citratus*)

libanol (*Cedrus atlantica*) s.m.

cedarwood (ingl); cèdre [fran]; cedro [esp]

Ver: cedro do atlas (*Cedrus atlântica*)

limão (*Citrus limonum*)s.m.

lemon [ingl]; citron [fran]; limon [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por expressão a frio da casca fresca da planta limão, usado para infecções, cansaço físico, digestão, depressão, resfriado e gripe e obesidade.

Inf. Enc.: O óleo essencial é extraído da casca do limão (são necessários 3000 deles para se produzir um litro de óleo essencial. O óleo tem uma coloração clara, amarelo-esverdeada, e exala inconfundível aroma de limões fescos (DAVIS, 1996, p. 270).

[...] O <óleo essencial de limão> contém uma grande quantidade de vitaminas e minerais. É usado difundido no ar em bancos e em outros edifícios comerciais japoneses para reduzir o índice dos erros dos funcionários (WORWOOD, 1995, p. 190).

litsea cubeba (*Litsea cubeba/litsea citrata*) *s.f.*

litsea cubeba [ing]; litsée citronnée [fran]; litsea cubeba [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos frutos da *Litsea cubeba*, usado para depressão, nervosismo, ansiedade e estresse.

Inf. Enc.: O óleo essencial foi destilado pela primeira vez em 1950, e é normalmente utilizado na culinária chinesa (LITSEA... 2010).

[...] O relaxante <óleo essencial de *litsea cubeba*> melhora a digestão e acalma as emoções (LITSEA... 2010).

Var.: may chang; pimenta chinesa (*Litsea cubeba/litsea citrata*)

losma (*Artemisia absinthium L.*) *s.f.*

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

losna (*Artemisia absinthium L.*) *s.f.*

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

losna-branca (*Artemisia absinthium L.*) *s.f.*

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

losna-de-dioscórides (*Artemisia absinthium L.*) *s.f.*

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

losna-maior (*Artemisia absinthium L.*) *s.f.*

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

louro (*Pimenta racemosa*) *s.m.*

bay leaf [ing]; bay Saint Thomas/bois d'Inde [fran]; laurel [esp]

Ver: bay leaf (*Pimenta racemosa*)

mal-me-quer (*Calendula officinalis*) s.m.

pot marigold [ing]; calendule [fran]; calendula [esp]

Ver: calêndula

malva-cheirosa (*Pelargonium graveolens*) s.f.

geranium [ing]; géranium [fran]; geranio [esp]

Ver: gerânio (*Pelargonium graveolens*)

malva-de-cheiro (*Pelargonium graveolens*) s.f.

geranium [ing]; géranium [fran]; geranio [esp]

Ver: gerânio (*Pelargonium graveolens*)

malva-rosa (*Pelargonium graveolens*) s.f.

geranium [ing]; géranium [fran]; geranio [esp]

Ver: gerânio (*Pelargonium graveolens*)

mandarina (*Citrus bergamia*) s.f.

bergamot [ing]; bergamote [fran]; bergamoto [esp]

Ver: bergamota (*Citrus bergamia*)

mandarim (*Citrus Reticula Blanco*) s.m.

mandarin [ing]; mandarine jaune [fran]; mandarina [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por expressão a frio das cascas do fruto da planta mandarim, usado para tensão nervosa, estresse, insônia e hiperatividade.

Inf. Enc.: O óleo de mandarim possui baixa toxicidade, podendo ser usado em crianças (FRUITY..., 2010, Tradução nossa).

[...] O <óleo essencial de mandarim> é um excelente tônico para a pele, quando combinado com o óleo de lavanda e de néroli (FRUITY..., 2010, Tradução nossa).

mangericão (*Ocimum basilicum*) s.m.

basil [ing]; basilic tropical [fran]; albahaca [esp]

Ver: manjericão

manjericão (*Ocimum basilicum*) s.m.

basil [ing]; basilic tropical [fran]; albahaca [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas da planta manjeriço, usado para cansaço mental, dor de cabeça, tensão, estresse, espasmo muscular, tônico digestivo e estomacal e antibiótico.

Inf. Enc.: O óleo de manjeriço é chamado na medicina ayurvédica como *tursi*. É considerado sagrado na Índia, e consagrado às divindades Krishna e Vishnu (WORWOOD, 1995, p. 196).

[...] O <óleo essencial de manjeriço> não deve ser usado durante a gravidez. Pode causar irritação em peles sensíveis (WORWOOD, 1995, p. 196).

Var.: mangeriço

manjerona (*Origanum majorana*) s.m.

Sweet marjoran [ing]; marjolaine [fran]; mejorana/mejorama/mayorana/manjerona [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das flores e folhas da planta manjerona, usado para tratar dores reumáticas, músculos tensos e contraídos, resfriados, bronquites e sinusites.

Inf. Enc.: Pesquisas japonesas confirmaram seus efeitos sedativos (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 32).

[...] O <óleo essencial de manjerona> tem sido usado em unguentos e perfumes desde os primeiros registros conhecidos (WORWOOD, 1995, p. 198).

manuka (*Leptospermum scoparium*) s.f.

manuka [ing]; manuka [fran]; manuka [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e galhos da ponta da planta manuka, usado para infecções da pele, infecção urinária, gripe, dor de garganta, reumatismo, dor muscular, infecção intestinal, queimaduras e feridas.

Inf. Enc.: A manuka foi a primeira *tea tree*. É natural da Nova Zelândia (WORWOOD, 1995, p. 200).

[...] O <óleo essencial de manuka> é usado no tratamento de aftas e sapinhos. (WOORWOOD, 1995, p. 199).

melissa (*Melissa officinalis*) s.f.

melissa [ing]; mélisse [fran]; melisa [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das extremidades floridas, folhas e caules da planta melissa, usado para palpitações, estresse, depressão, dor de cabeça, cansaço mental, cólica menstrual, cãndida e náusea.

Inf. Enc.: O <óleo essencial de melissa> é usado quase sempre sozinho (WORWOOD, 1995, p. 201).

[...] A propriedade preponderante do óleo de melissa é a de calmante, tanto para o corpo como para a mente (DAVIS, 1996, p. 296).

mimosa (*Acácia mirense*) s.f.

mimosa [ing]; mimosa [fran]; mimosa [esp]

Ver: acacia (*Acácia mirensi*)

may chang (*Litsea cubeba/litsea citrata*) *s.f.*

litsea cubeba [ing]; litsée citronnée [fran]; litsea cubeba [esp]

Ver: lisea cubeba (*Litsea cubeba/litsea citrata*)

melaleuca (*Melaleuca alternifolia*) *s.f.*

tea tree [ing]; arbre a tè [fran]; tea tree [esp]

Ver: tea tree (*Melaleuca alternifolia*)

menta-japonesa (*Mentha arvensis Var.*) *s.f.*

japanese peppermint [eng]; menthe de champs/menthe de japon [fran]; menta [esp]

Ver: hortelã (*Mentha arvensis Var.*)

mexerica (*Citrus bergamia*)

bergamot [ing]; bergamote [fran]; bergamoto [esp]

Ver: bergamota (*Citrus bergamia*)

mirra (*Commiphora myrrha*) *s.f.*

myrrh [ing]; myrrhé [fran]; mirra [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da resina que exsuda da casca da planta mirra, usado como cicatrizador, antisséptico, antiinflamatório, tratar peles rachadas e fendidas, aftas e problemas gengivais.

Inf. Enc.: Em comum com o óleo de olíbano, o de mirra foi usado por todas as civilizações antigas como perfume, incenso e medicamento (DAVIS, 1996, p. 305).

[...] O uso do <óleo essencial de mirra> exige alguns cuidados, uma vez que é emenagógico (promove o fluxo menstrual), e nunca se deve usá-lo durante a gravidez. É menos eficaz como óleo de banho, uma vez que é difícil dissolver, mesmo no álcool (DAVIS, 1996, p. 305).

nardo-da-índia (*Nardostachys jatamansi*) *s.m.*

spikenard/jatamansi [ing]; nard jatamansi [fran]; espicanardo/nardo de la Himalaya]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da raiz da planta nardo-da-índia, usado como antibiótico, calmante, sedativo, antiinfecioso e antidepressivo.

Inf. Enc.: As romanas ricas usavam-no em cosméticos. Foi também usado na Índia para estimular o crescimento do cabelo e escurecer-lhe a cor (WORWOOD, 1995, p. 206).

[...] O <óleo essencial de nardo-da-índia> é extremamente eficiente no tratamento de uma mente superativa, e um sistema nervoso sensível (DEV, 2010).

néroli (*Citrus vulgaris*) s.f.

neroli [ing]; néroli [fran]; neroli [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das flores frescas da planta laranja- amarga, usado para crises de pânico, insônia, distúrbios relacionados ao estresse, depressão e tratamento de pele.

Inf. Enc.: O óleo de néroli é apreciado por sua natureza sedativa. Diz-se que foi nomeado segundo a esposa do príncipe italiano Nerola, que usou-o muito (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 21).

[...] O <óleo essencial de néroli> também é conhecido como *flor-de-laranjeira*. São necessários 500 quilos de flores para fazer 500 gramas de óleo (WORWOOD, 1995, p. 208).

Var.: flor-de-laranjeira (*Citrus vulgaris*)

niaouli (*Melaleuca viridiflora*) s.m.

niaouli [ing]; niaouli [fran]; niaouli [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e ramos novos da planta niaouli, usado para tratar acne, afecções da pele e furúnculos.

Inf. Enc.: Uma aplicação pouco conhecida, mas muito útil do niaouli é a de coadjuvante em radioterapias nos tratamentos contra o câncer (DAVIS, 1996, p. 316).

[...] O óleo <essencial de niaouli> é útil em todas as infecções do trato respiratório, quer estas afetem o nariz, a garganta ou peito, e é usado para massagens no tórax e em inalações (DAVIS, 1996, p. 316).

Var.: gomenol (*Melaleuca viridiflora*)

noz-moscada (*Myristica fragrans*) s.f.

nutmeg [ing]; noix de muscade [fran]; nuez muscada [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da noz da planta noz-moscada, usado para dores reumáticas, dores musculares, náuseas, nevralgia, problemas circulatórios e má digestão.

Inf. Enc.: O óleo de noz-moscada é também um estimulante cardíaco e circulatório, mas para esses fins deve ser ministrado com cuidado (DAVIS, 1996, p. 317).

[...] Costuma-se usar o <óleo essencial de noz-moscada> principalmente como uma alternativa ao óleo de canela, quando se quer variar os óleos utilizados (DAVIS, 1996, p. 317).

óleo carreador s.m.

vegetable carrier oil [ing]; huile végétale [fran]; aceite vegetal [esp]

Ver: óleo vegetal**óleo essencial** *s.m.*

essencial oil [ing]; huile essentiel [fran]; aceite esencial [esp]

Substância aromática produzida pelas plantas, em células especiais, e extraída através de diferentes processo de destilação.

Inf. Enc. Os óleos essenciais constituem o material básico do aromaterapeuta. (DAVIS, 1996, p. 329).

[...] Alguns <óleos essenciais> contem centenas de componentes bioquímicos, ao passo que outros tem apenas uns poucos. E alguns dos componentes estão presentes em proporções muito altas, ao passo que muitos outros concorrem apenas com pitadas. (WORWOOD, 1995, p. 200).

Var.: óleo volátil**óleo vegetal** *s.m.*

Vegetable oil [ing]; huile végétale [fran]; aceite vegetal [esp]

Tipo de óleo extraído de frutos, sementes, nozes e amêndoas de plantas, por prensagem a frio, possuindo um alto teor de gorduras em sua constituição, usado como alimento, tratamento de pele e, principalmente, como diluidor de óleos essenciais.

Inf. Enc.: Os óleos vegetais viscosos são usados sozinhos ou enriquecidos com óleos especiais para diluir óleos essenciais usados em massagens aromaterapêuticas, cosméticos e banhos (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 14).

[...] Os <óleos vegetais> são óleos que funcionam como veículos para os óleos essenciais, permitindo que as minúsculas moléculas destes se espalhem por uma área maior de pele (WORWOOD, 1995, p. 40).

Var.: óleo carreador**óleo volátil** *s.m.*

essencial oil [ing]; huile essentiel [fran]; aceite esencial [esp]

Ver: óleo essencial**olíbano** *s.m.* (*Boswellia carterii*) *s.m.*

frankincense [ing]; frankincense [fran]; incienso [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor da resina que exuda da casca da planta olíbano, usado como anti-inflamatório, antisséptico, antifúngico e para aliviar infecções pulmonares.

Inf. Enc.: A goma-resina do olíbano escurece ao se fazer um corte em sua casca. Ela endurece e se solidifica. O óleo é obtido a partir da resina (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 18).

[...] Tradicionalmente <o óleo de olibano> tem sido usado como base para perfumes. (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 18).

Var: frankincense

orégano (*Origanum vulgare*) *s.m.*

oregano [ing]; origan vulgaire [fran]; oregano [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das extremidades floridas dos galhos da planta orégano, usado para infecção respiratória, bronquite, infecções, resfriados e gripe.

Inf. Enc.: O óleo essencial de orégano é usado em produtos dentários (WORWOOD, 1995, p. 212).

[...] O <óleo essencial de orégano> é considerado tóxico ou pode ter efeitos tóxicos. (WORWOOD, 1995, p. 212).

otto *s.m.*

otto [ing]; otto [fran]; otto [esp]

Ver: attar

palmarosa (*Cymbopogon martini*) *s.f.*

palmrosa/palm rose [ing]; palmarosa [fran]; palmarosa [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor do capim fresco ou seco da planta palmarosa, usado para tratamento de pele, infecções cutâneas e como hidratante.

Inf. Enc.: A palmarosa contém uma elevada proporção de geraniol e possui um perfume suave, entre o de gerânio e de o rosa, sendo encontrada como adulterante no óleo de rosa (DAVIS, 1996, p. 346).

[...] O <óleo essencial de palmarosa> costumava ser chamado de “óleo de gerânio turco”, devido ao aroma de rosa, resultante da grande quantidade de geraniol. É usado frequentemente para adulterar o óleo essencial de rosa (MALUF, 2006, p. 17).

patchouli (*Pogostemon patchouli*) *s.m.*

patchouli [ing]; patchouli [fran]; patchouli [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas secadas ao sol, usado como antifúngico, antidepressivo, antibiótico, afrodisíaco, calmante e antitóxico.

Inf. Enc.: Originado possivelmente na Malásia, embora seja provável que a palavra venha da língua Tâmil, do sul da Índia, na qual “*patch*” significa verde e “*ilai*” significa folha (WORWOOD, 1995, p. 216).

[...] Alguns autores consideram o óleo de patchouli um afrodisíaco, mas tal efeito certamente dependerá, em grande parte, do fato de ambos os parceiros considerarem o perfume agradável (DAVIS, 1996, p. 351).

pau-rosa (*Aniba roseaodora*) s.m.

rosewood [ing]; bois de rose [fran]; madera de rosa [esp]

Tipo de óleo essencial extarído por destilação a vapor das lascas da madeira da planta pau-rosa, usado como antibacteriano e para eliminar a dor de cabeça.

Inf. Enc.: As principais aplicações do óleo de pau-rosa estão na fabricação de produtos para banhos e cuidados com a pele (DAVIS, 1996, p. 352).

[...] O <óleo essencial de pau-rosa> possui uma fragrância complexa e completa em si mesma, sem a necessidade de recorrer a misturas (DAVIS, 1996, p. 351).

pelargônio-pendente (*Pelargonium graveolens*) s.m.

geranium [ing]; géranium rosat [fran]; geranio [esp]

Ver: gerânio (*Pelargonium graveolens*)

pimenta-chinesa (*Litsea cubeba/litsea citrata*) s.f.

litsea cubeba [ing]; litsée citronnée [fran]; litsea cubeba [esp]

Ver: litsea cubeba (*Litsea cubeba/litsea citrata*)

pimpinella (*Pimpinella anisatum*) s.f.

aniseed [ing]; anis vert [fran]; anís [esp]

Ver: erva-doce (*Pimpinella anisatum*)

prensagem a frio s.f.

cold expression [ing]; compression à froid [fran]; presion em frío [esp]

Ver: compressão a frio

petit grain (*Citrus aurantium*) s.m.

petitgrain [ing]; petitgrain [fran]; petitgrain [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas, galhos verdes e os pequenos frutos verdes da planta laranja-azedada, usado para estados nervosos, insônia, depressão, ansiedade, problemas relacionados com estresse, *jet lag*, indigestão e tratamento de pele.

Inf. Enc.: O nome *petit grain* vem da palavra francesa que designa frutos pequenos ou grãos pequenos. Antigamente, esse óleo era obtido somente dos pequenos frutos da planta laranja-azedada (WORWOOD, 1995, p. 218).

[...] O <óleo essencial de petit grain> lembra o de néroli. Ambos são muito usados em água-de-colônia de qualidade (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 21).

pimenta-do-reino (*Piper nigrum*) s.m.

black pepper [ing]; poivre noir [fran]; pimienta negra [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos frutos ou das bagas verdes, usado para gripe, tosse, resfriado, melhorar a circulação sanguínea, dores musculares e como analgésico.

Inf. Enc.: É particularmente útil no tratamento de distúrbios do aparelho digestivo, pois é antiespasmódico, antiflatulento, tônico e estimulante (DAVIS, 1996, p. 375).
[...] O óleo essencial de pimenta-do-reino pode ser valioso nos casos de anemia, uma vez que é estimulante do baço, um órgão envolvido na produção de novos glóbulos sanguíneos (DAVIS, 1996, p. 376).

Var: pimenta negra (*Piper nigrum*)

pimenta-negra (*Piper nigrum*)s.m.

black pepper [ing]; poivre noir [fran]; pimienta negra [esp]

Ver: pimenta-do-reino (*Piper nigrum*)

pinho (*Pinus sylvestris*) s.m.

Pine [ing]; pin sylvestre [fran]; pino silvestro [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das agulhas, ramos e brotos da planta pinho, usado para reumatismo, dor muscular, infecção nos brônquios, resfriado, tosse e problemas urinários.

Inf. Enc.: O uso do óleo de pinho em banhos requer um certo cuidado, uma vez que é possível a ocorrência de alguma irritação na pele quando se mistura o óleo puro à água (DAVIS, 1996, p. 377).

[...] O <óleo essencial de pinho> é usado em remédios, alimentos, doces, bebidas e artigos de toalete masculina (DAVIS, 1996, p. 377).

pitanga (*Eugenia uniflora* Berg) s.f.

Surinam cherry/Brazil cherry [ing]; feuille de pitanga [fran]; pitanga [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas verde-escuras da planta pitanga, usado para tratamento das desordens do trato digestivo, como constipação, e tratamento de pele, adicionado a cremes anti-idade.

Inf. Enc.: A pitangueira produz um óleo essencial muito especial na suas folhas. Esse óleo, diferentemente de outros óleos produzidos na natureza, têm uma composição única de uma classe de substâncias químicas denominadas sesquiterpenos, que demonstraram cientificamente uma potente atividade anti-irritante quando aplicadas sobre a pele. Essa atividade benéfica contrabalança os efeitos das reações da pele à exposição aos raios UV (PITANGA..., 2010).

[...] O <Óleo Essencial de pitanga> tem propriedade adstringente e odor agradável, é utilizado em sabonetes, desodorantes e óleos corporais por promover sensação de frescor. Também é utilizado em shampoos por ajudar na redução da oleosidade dos cabelos (PITANGA..., 2010).

pomelo (*Citrus paradisi* Macfad)s.f.

grapefruit [ing]; pamplemousse [fran]; toronja [esp]

Ver: grapefruit (*Citrus paradisi Macfad*)

ravensara (*Ravensara aromatica*) *s.f.*

ravensara [ing]; ravensara aromatica [fran]; ravensara aromatica [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e galhos da planta ravensara, usado em resfriados, gripe, bronquite, febres, catapora e sarampo.

Inf. Enc.: Óleo de aroma canforoso, podendo ser usado na culinária (WORWOOD, 1995, p. 223).

[...] O <óleo essencial de ravensara> é anti-infeccioso e desinfetante. Por ser relaxante, facilita o sono (HUILE..., 2010, Tradução nossa).

rosa (*Rosa damascena*) *s.f.*

rose [ing]; rose [fran]; rosa [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a frio, fitol, *enfleurage* ou a vapor, usado como antidepressivo, principalmente na depressão pós-parto, ressaca, tensão nervosa, crises emocionais e tratamento de pele.

Inf. Enc.: Desde a antiguidade, as virtudes reparadoras do óleo essencial de rosa tem sido celebradas, mas seu perfume maravilhoso não pode ser reproduzido sinteticamente: tem cerca de 300 constituintes, nem todos conhecidos (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 34).

[...] A análise química do <óleo essencial de rosa> mostra que ela contém numerosas substâncias terapêuticas [...]. (DUPONT, 1995, p. 5).

rosmaninho. (*Rosmarinus officinalis L.*) *s.m.*

rosemary [ing]; rosmarin officinal [fran]; romero [esp]

Ver: alecrim

rosmarinho (*Rosmarinus officinalis L.*) *s.m.*

rosemary [ing]; rosmarin officinal [fran]; romero [esp]

Ver: alecrim

romero (*Rosmarinus officinalis L.*) *s.m.*

rosemary [ing]; rosmarin officinal [fran]; romero [esp]

Ver: alecrim

rosmarinus (*Rosmarinus officinalis L.*) *s.m.*

rosemary [ing]; rosmarin officinal [fran]; romero [esp]

Ver: alecrim

salsão. (*Apium graveolens*)
celery [ing]; céleri]; apio [esp]

Ver: aipo (*Apium graveolens*)s.m.

salsinha (*Coriandro sativum*) s.m.
coriander [ing]; coriandre [fran]; cilantro/coriandro/culantro [esp]
Ver: coentro (*Coriandro sativum*)

sálvia-esclareia (*salvia sclarea*) s.f.
salvia sclarea [ing]; sauge sclarée [fran]; slavia sclarea
Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e flores da planta sálvia- esclaréia, usado para aliviar dores de garganta, cólicas menstruais, sendo um potente sedativo.

Inf. Enc.: Usado em perfumaria. O aroma de noz agrada os homens e mistura-se bem com outros aromas quentes (MAXWELL-HUDSON, 1996, p. 36).

[...] Uso muito o óleo essencial de sálvia-esclareia em clientes que estão convalescendo após períodos de hospitalização – é um relaxante poderoso, com um aroma quente que promove a sensação de bem-estar (MAXWELL-HUDSON, 1996, p. 36).

sândalo (*santalum álbum*) s.m.
Sandalwood [ing]; bois de santal [fran]; mader de sandalo albal [esp]
Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor do cerne do tronco e das raízes da planta sândalo, usado para acalmar e arrefecer o corpo, reduzir inflamação, infecção e febre, depressão, tensão, e acalmar peles sensíveis, secas, desidratadas e envelhecidas.

Inf. Enc.: usado na China Antiga para doenças sexuais e pelos médicos ayurvédicos para problemas urinários (WORWOOD, 1995, p. 230).

[...] <O óleo essencial de sândalo> é bom para acne, eczema e pele seca; usado em produtos de beleza por sua fragrância doce e duradoura (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 373).

sidró (*Cymbopogon citratus*) s.m.
lemon grass [ingl]; citronelle [fran]; hierba limón [esp]

Ver: capim-limão (*Cymbopogon citratus*)

Shikimi (*Illicium anisatum/Illicium japonicum*) s.m.
japanese star anise [ing]; anis du japon [fran]; anis de japon [esp]

Ver: Anis-estrelado japonês. (*Illicium anisatum/Illicium japonicum*)

sinergia *s.f.*

sinergy [ingl]; synergie [fran]; sinergia [esp]

Ver: blend

semente de uva *s.f.*

grapeseed oil [ing]; pepin du raisin [fran]; grano de uva [esp]

Tipo de óleo vegetal extraído por prensagem a frio das sementes da planta uva, usado em massagens e tratamento de pele e como óleo carreador de óleos essenciais.

Inf. Enc.: O óleo de semente de uva pode ser extraído também a quente e é bom para pele oleosa (MAXWELL-HUDSON, 2000, p. 14).

[...] O <óleo vegetal de semente de uva> é praticamente sem cheiro. É um suave adstringente muito útil no tratamento de pele acneica (CARRIER..., 2010, Tradução nossa).

sintro (*Artemisia absinthium L.*) *s.m.*

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

tanja (*Citrus bergamia*)

bergamot [ing]; bergamote [fran]; bergamoto [esp]

Ver: bergamota (*Citrus bergamia*)

tangerina (*Citrus reticulata*) *s.f.*

tangerine [ing];

Tipo de óleo essencial extraído por expressão a frio da casca da planta tangerina, usado para problemas digestivos, tensão nervosa, irritabilidade, esgotamento nervoso e tratamento de pele.

Inf. Enc.: O óleo essencial tem um cheiro muito delicado, fiel ao aroma da fruta, e é de coloração amarelo-ouro, com uma leve tonalidade fluorescente azul-violeta visível à luz clara (DAVIS, 1996, p. 440).

[...] O <óleo essencial de tangerina> é um daqueles óleos que podem ser usados durante a gravidez, uma vez que não irá prejudicar nem a mãe, nem o bebê em desenvolvimento (DAVIS, 1996, p. 440).

tagetes (*Tagetes glandulifera*) *s.m.*

tagete [ing]; tagète [fran]; tagete [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas, talos e flores da planta tagetes, usado para infestação de parasitas e fungos, catarro, tosse e infecção no peito.

Inf. Enc.: O cheiro do óleo é parecido com o do cravo-de-defunto africano. (WORWOOD, 1995, p. 234).

[...] O <óleo essencial de tagetes>, numa diluição de 5%, tem sido usado em feridas abertas para matar larvas de insetos e também no combate aos carrapatos e parasitas. (WORWOOD, 1995, p. 234).

tea tree (*Melaleuca alternifolia*) s.f.

tea tree [ing]; arbre a tè [fran]; tea tree [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das folhas e ramos da planta tea tree, usado para micose de unhas, dor de garganta, úlceras, feridas, artrite, dor-de-ouvido, sarna, sendo útil em todas as infecções.

Inf. Enc.: O óleo de tea tree é um poderoso imunoestimulante (DAVIS, 1996, p. 445).

[...] Na segunda guerra mundial, os soldados e marinheiros recebiam o <óleo essencial de tea tree> para tratar as infecções tropicais e outros problemas da guerra, inclusive ferimentos (WORWOOD, 1995, p. 238).

Var.: ti tree; melaleuca (*Melaleuca alternifolia*)

ti tree (*Melaleuca alternifolia*) s.f.

tea tree [ing]; arbre a tè [fran]; tea tree [esp]

Ver: tea tree (*Melaleuca alternifolia*)

tília (*Tilia cordata*) s.f.

linden blossom [ing]; tilleul [fran]; tila [esp]

Tipo de óleo essencial e absoluto, extraído por *enfleurage* ou por extração com CO₂, das flores da planta tília, usado para tensão nervosa, insônia, ansiedade, crise emocional, tristeza e histeria.

Inf. Enc.: As moléculas aromáticas são conhecidas como absoluto de tília. (WORWOOD, 1995, p. 239).

[...] O <óleo essencial de tília>, usado em banho aromático, acalma a angústia, ansiedade, nervosismo e estresse (TILEUL..., 2010, Tradução nossa).

tomilho (*Thymus vulgaris*)

thyme [ing]; thym [fran]; tomillo [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das extremidades com flores da planta tomilho, usado para todo tipo de infecção viral, gripe, resfriado, infecção da garganta, aftas, sapinhos, cansaço físico e dores musculares.

Inf. Enc.: O tomilho foi usado medicinalmente pelos egípcios, gregos e romanos. A maior parte da pesquisa atual concentra-se nos poderes do óleo como anti-infeccioso e agente bactericida, mesmo quando difundido no ar (WORWOOD, 1995, p. 242).

[...] O <óleo essencial de tomilho> não deve ser usado durante a gravidez. Ele estimula a circulação geral e eleva a baixa pressão arterial. É particularmente benéfico para pessoas fatigadas, deprimidas ou em estado de letargia, o que o torna muito útil durante convalescenças, além de estimular o apetite, quase sempre afetado após uma enfermidade (DAVIS, 1996, p. 449).

toranja (*Citrus paradisi Macfad*) s.f.

grapefruit [ing]; pamplemousse [fran]; toronja [esp]

Ver: grapefruit (*Citrus paradisi Macfad*)

verbena (*Lippia citriodora*) s.f.

verbena [ing]; verveine [fran]; hierbaluisa [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor dos galhos em flor da planta, usado como estimulante digestivo e gástrico, sendo também antiespasmódico.

Inf. Enc.: O volume de óleo obtido da planta é muito pequeno, o que explica o alto custo do verdadeiro óleo de verbena (DAVIS, 1996, p. 468).

[...] Ao utilizar o <óleo essencial de verbena > em banhos noturnos é preciso ter extrema cautela, pois um número superior a duas ou três gotas em uma banheira média provocará uma sensação urticante e o aparecimento de vesículas na pele (DAVIS, 1996, p. 468).

vergamota (*Citrus bergamia*) s.m.

bergamot [ing]; bergamote [fran]; bergamoto [esp]

Ver: bergamota (*Citrus bergamia*)

vermut (*Artemisia absinthium L.*) s.m.

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

vermute (*Artemisia absinthium L.*) s.m.

wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Ver: absinto (*Artemisia absinthium L.*)

vetiver (*Vetiveria zizanoide*) s.m.

vetiver [ing]; vetiver [fran]; vetiver [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das raízes lavadas, secas, picadas ou moídas da planta vetiver, usado para reumatismo, problemas menstruais, estresse, tensão e excessos cometidos ao se alimentar.

Inf. Enc.: O óleo é usado em perfumes do tipo *chypre* e oriental, assim como em sabonetes e artigos de toalete (WORWOOD, 1995, p. 244).

[...] O <óleo essencial de vetiver> é profundamente relaxante, de modo que é valioso em massagens e banhos para qualquer pessoa que se encontre sob tensão (DAVIS, 1996, p. 472).

vidoeiro (*Betula pendula* Roth) s.f.

europaean white birch/ silver birch [ing]; bouleau [fran]; abedul [esp]

Ver: bétula (*Betula pendula* Roth)

yuzu (*Citrus junus*) s.m.

yuzu [ing]; yuzu [fran]; yuzu [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por expressão a frio da casca da planta yuzu, usado para tensão nervosa, estresse, ansiedade, cistite, prisão d eventre, nevrálgia e câibras estomacais nervosas.

Inf. Enc.: Yuzu é uma fruta cítrica originária do Japão que produz um óleo essencial laranja-amarelado (WORWOOD, 1995, p. 245).

[...] O <óleo essencial de yuzu> é usado na culinária em sopas, pratos com frutos do mar, molhos, *pickles* e saladas (WORWOOD, 1995, p. 245).

ylang ylang (*Cananga odorata*) s.m.

ylang ylang [ing]; ylang ylang [fran]; ylang ylang [esp]

Tipo de óleo essencial extraído por destilação a vapor das flores da planta ylang ylang, usado para nervosismo, cansaço físico, depressão, estresse, irritabilidade, ansiedade, tensão pré-menstrual, diminuir o ritmo respiratório excessivamente intenso (hiperpnéia) e o ritmo cardíaco excessivamente rápido.

Inf. Enc.: Uma vez que as folhas podem ser destiladas várias vezes, há muitas qualidades de óleo essencial; o mais fino deles é conhecido como “extra”. Quando as flores são destiladas pela segunda vez se produz o grau 1, e assim por diante até o grau 3. Apenas o extra tem as qualidades exigidas pela Aromaterapia (WORWOOD, 1995, p. 179).

[...] O <óleo essencial de ylang ylang> é um daqueles que ajudam a reduzir hipertensão arterial que muitas vezes está associada hiperpnéia e à taquicardia. É muito usado na fabricação de perfumes e cosméticos, sendo adequado tanto para peles secas como oleosas (DAVIS, 1996, p. 241).

Va.: ilangue ilangue; ilang ilang (*Cananga odorata*)

zirzelim (*Sesamum indicum* L.)s.m.

sesame [ing]; sesame [fran]; sésamo [esp]

Ver: gergilim (*Sesamum indicum* L)

zimbros (*Juniperus communis*)s.m.

juniper [ing]; genièvre [fran]; bayas de enebro [esp]

Ver.: junípero (*Juniperus communis*)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo primordial nesse trabalho foi o de coletar, descrever e analisar o uso especializado das variantes denominativas no âmbito da Aromaterapia, com o propósito de elaborar um protótipo de glossário terminológico com equivalentes em inglês, francês e espanhol, o Glossário Terminológico da Aromaterapia.

O glossário pode ser adequado aos pesquisadores, professores e leigos sobre a Aromaterapia, contemplando as variedades linguísticas presentes nesse domínio.

Utilizou-se, para isso, a Teoria Comunicativa da Terminologia, refletindo-se, sempre, acerca do usuário e das funções que a obra deverá cumprir. Delineou-se, então, o perfil do usuário da obra e suas necessidades linguísticas, sempre com vistas ao fator variação.

Procedeu-se então à seleção das unidades léxicas de valor especializado, contando com a ajuda de uma especialista para dirimir quaisquer dúvidas para o caso da inserção (ou não) de termos que fariam parte da nomenclatura glossário.

No início da análise e descrição dos termos, notou-se que o caminho e a direção estavam certos, uma vez que a presença de variantes denominativas iriam oferecer elementos para análise e reflexão acerca das unidades lexicais de valor especializado no domínio da Aromaterapia. Todavia, a abordagem de diferentes variantes denominativas não é uma tarefa tão fácil. A todo tempo perguntava-se qual tipo de variantes dever-se-ia abordar. Optou-se assim, pelas variantes de cunho neológico, os neônimos, as variantes ortográficas, formais e informais.

Com relação aos textos que comporiam o *corpus* do trabalho, pensou-se que as fontes deveriam ser escolhidas principalmente pela credibilidade dos materiais, isto é, deveriam ser escolhidos textos de fontes seguras, elaborados por profissionais ou pesquisadores respeitados; mas também era importante que esses textos registrassem contextos que abonassem as definições dos verbetes desse dicionário.

O processo de construção de um glossário terminológico constitui-se numa das tarefas mais árduas dentro dos estudos terminológicos. Sendo assim, as reflexões e considerações que se desenvolveram durante este trabalho, poderão, em algum momento, ser retomadas e dar margem a novos questionamentos e reflexões, originando novas pesquisas.

Partindo-se do pressuposto de que todo trabalho de pesquisa deva apresentar um produto prático, de utilidade geral, o Glossário Terminológico da Aromaterapia cumpre

com esse requisito e poderá também vir a ser um instrumento de reflexões sobre a Lexicografia no Brasil, seja ela de cunho especializado, seja voltada ao uso comum da língua.

Foi possível revelar, a presença da neonímia nos contextos especializados da Aromaterapia. O mecanismo de produtividade léxica, nesse âmbito, aumentou consideravelmente o acervo lexical da língua portuguesa, uma vez que a presença dos neologismos alogenéticos contribuíram em grande parte para a denominação de óleos essenciais, facilitando a comunicação da comunidade sócio-linguístico-cultural. Esses empréstimos, integrantes de uma outra macrossemiótica, foram adotados pela área pesquisada, ou seja, pelo universo da Aromaterapia. Esses termos permaneceram inalterados, isto é, o signo linguístico todo foi atualizado: tanto o significante quanto o significado.

Observou-se que a ocorrência desses empréstimos, ou seja, os estrangeirismos, con-correm com os termos decalcados, mostrando um mecanismo de coerência e coesão textuais. No entanto, ficou constatado, também, que a ocorrência do neologismo alogenético e seu decalque pode suscitar interferência na comunicação.

Notou-se que a presença do neologismo semântico que consiste em uma mutação apenas no significado, sem consequência imediata para o significante. Nas áreas técnicas, a neonímia semântica é chamada de terminologização (BARBOSA, 1998, p. 33), que é um processo marcado por duas etapas: a passagem do item lexical da língua comum para uma área técnica e a mudança semêmica, que adapta a unidade lexical à área receptora. Na área da Aromaterapia, esses termos ocorreram com bastante frequência no *corpus*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. B. A teoria comunicativa da terminologia e sua prática. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 85-101, 2006.
- ALMEIDA, G. B. **Teoria comunicativa da terminologia (TCT)**. 2000. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.
- ALMEIDA, R. N.; MOTTA, S. C.; LEITE, J. R. Óleos essenciais com propriedades anticonvulsivantes. **Boletim Latinoamericano y Del Caribe de Plantas Medicinales y Aromaticas**, Santiago, v. 2, n. 001, p. 3-6, 2003.
- ALVES, M. I. A renovação lexical nos domínios de especialidade. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, jun. 2006. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 jun. 2010.
- ALVES, M. I. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Princípios).
- ALVES, M. I. Questões epistemológicas e metodológicas em terminologia. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1998, Recife. **Anais...** Recife: UFRJ, 1998. p. 95-106.
- ALVES, M. I. **Terminologia e neologia**. São Paulo: USP, 2000. Palestra.
- AMYRIS essential oil. Disponível em:
<<http://www.aromaweb.com/essentialoilsaf/amyris.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2010.
- ARAÚJO, M. **A elaboração de um dicionário terminológico da economia**: aspectos da sinonímia nos discursos especializados. 2006. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- AROMATERAPIA. Disponível em:
<http://www.maosdeluz.com.br/aromaterapia/paginas/definicao_aromaterapia.htm>. Acesso em: 21 fev. 2009.
- AROMATERAPIA. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6984388/aromaterapia>>. Acesso em: 18 ago. 2010a.
- AROMATERAPIA: breve introdução. Disponível em:
<http://www.astral.oxygenio.com/aromaterapia/breve_introducao_sobre_aromaterapia.htm> Acesso em: 18 ago. 2010b.
- AROMATHERAPY. In: Online etymology dictionary. Disponível em:
<<http://www.etymonline.com/index.php?l=a&p=34>>. Acesso em: 17 out. 2009.
- ARTEMISIA absinthium L. Disponível em:
<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/losna/losna-5.php>>. Acesso em: 24 maio 2010.

- ATTAR. Online etymology dictionary. Disponível em:
<<http://www.etymonline.com/index.php?l=a&p=34>>. Acesso em: 17 out. 2009.
- ATTARS tradicional. Disponível em: <<http://whitelotusaromatics.com/prices/attartext.html>>. Acesso em: 17 out. 2009.
- AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue**. São Paulo: Humanitas, 1996.
- AUGUSTO, Fábio. **Cromatografia a gás**: curso em diapositivos. 2000. Disponível em:
<<http://chemkeys.com/br/2000/07/18/cromatografia-a-gas-curso-em-diapositivos/>>. Acesso em:
- AUSTRALIAN NATIONAL BOTANIC GARDENS. Disponível em:
<<http://www.anbg.gov.au>>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.
- BARBOSA, M. A. Terminologização, vocabularização, científicidade, banalização: relações. **Acta semiótica e lingüística**, São Paulo, v. 7, p. 25-44, 1998.
- BARROS, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 22-26, jun. 2006. Disponível em:
<<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a11v58n2.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2009.
- BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BAY essential oil information. **Disponível em**: <<http://www.essentialoils.co.za/essential-oils/bay.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2009.
- BELLA MIRA essential oil: celery seed essential oil. Disponível em:
<<http://www.abundantlifeessentials.com/celery%20seed%20essential%20oil.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2010.
- BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas especializadas: novas perspectivas para sua identificação e tratamento. **Organon**, Porto Alegre, v. 26, n. 12, p. 119-132, 1998.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BIDERMAN, M. T. C. Conceito lingüístico de palavra. In: BASÍLIO, M. (Org.). **A delimitação de unidades lexicais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 81- 97.
- BLUTEAU, R. **Vocabulário portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. Digitalizado pela Universidade de São Paulo/USP.
- BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: 1712-1721. Disponível em:
<<http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau/imgbluteau.asp>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

BO JENSEN. **Star anise**. Disponível em:

<<http://www.bojensen.net/EssentialOilsEng/EssentialOils27/EssentialOils27.htm#Illicium>>
Acesso em: 20 ago. 2010.

BOULANGER, J. C. Présentation: images e parcours de La socioterminologie. **Meta**, Montreal, v. 40, n. 2, p. 194-205, jun. 1995.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártica/Empúries, 1993.

CÂMARA CASCUDO, L. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. 2 v.

CAMPHOR essential oil information. Disponível em:

<<http://www.essentialoils.co.za/essential-oils/camphor.htm>>. Acesso em: 2010

CAMPOS, C. F. **Fundamentos de terminologia**. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 1992.

CÂNFORA óleo essencial. Disponível em:

<http://www.newdirections.com.pt/p46/C%C3%A2nfora_-_%C3%93leo_Essencial_%3Cb%3E/product_info.html>. Acesso em: 13 jun. 2010.

CANO, W. M. **Teoria e práxis de um dicionário escolar de ciências**. 2001. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

CARDAMOM absolute. Disponível em:

<<<http://www.whitelotusaromatics.com/newsletters/Absolute2.html>>> Acesso em: 24 maio 2010.

CARDOSO, M. G. et al. **Óleos essenciais**. Disponível em:

<http://www.editora.ufla.br/BolExtensao/pdfBE/bol_62.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2007.

CARRIER oils. Disponível em: <http://www.aroma-zone.com/aroma/he_us_vegetale.asp>. Acesso em: 20 ago. 2010.

CARVALHO, A. V. **Aromatologia e aromaterapia**: estudo e aplicação de óleos essenciais à serviço da saúde. Disponível em:

<<http://www.portalverde.com.br/aromatologia/dicas/faq.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

COMISSÃO EUROPEIA. 2002/75/CE: Decisão da Comissão, de 1 de Fevereiro de 2002, que define condições especiais à importação de anis estrelado de países terceiros (Texto relevante para efeitos do EEE) [notificada com o número C(2002) 379] **Jornal Oficial**, nº L 033 de 02/02/2002, p. 0031 – 0034. Disponível em: <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:32002D0075:PT:HTML>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

CORAZZA, S. **Aromacologia**. 2009. Disponível em: <<http://perfumesecia.forums-free.com/aromacologia-t163.html>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

CORAZZA, S. **Aromacologia**: uma ciência de muitos cheiros. São Paulo: Ed. SENAC, 2002.

CORIANDER essential oil information. Disponível em: <<http://www.essentialoils.co.za/essential-oils/coriander.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

CORREA, M. Neologia e terminologia. In: MATEUS, M. H.; CORREA, M. (Org.). **Terminologia**: questões teóricas, métodos e projectos. Lisboa: Publicações Europa – América, 1998. p. 60-73.

CUMIN essential oil information. Disponível em: <<http://www.essentialoils.co.za/essential-oils/cumin.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico nova fronteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Álvares, 1976.

DAVIS, P. **Aromaterapia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DEV, Jai Singh. **Jatamansi oil of Nepal**. Disponível em: <<<http://www.floracopeia.com/blog/469/jatamansi-oil-of-nepal>>>. Acesso em 20 ago. 2010.

DIMITRIS, N. **Ladanun ou da labdanum SPP creticus estevas**. Disponível em: <<http://labdanum-creta.blogspot.com>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. Porto Alegre: Globo, 1993.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. Quebec: Linguathec, 1985.

DUPONT, p. As propriedades curativas da rosa. **O Rosacruz**, Curitiba, n. 213, p. 5, 1995.

ELEMI (Canarium luzonicum) essential oil. 2009. Disponível em: <<http://blog.whitelotusaromatics.com/2009/11/elemicanarium-luzonicum-essential-oil.html>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

ERENO, D. Perfume de manjeriço. **Revista FAPESP online**, São Paulo, n. 120, 2006. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=2732ebd=1epg=1elg=>>>. Acesso em: 22 jun. 2007.

ERVAS E INSUMOS. 2009. Disponível em: <<http://ervaseinsumos.blogspot.com/2009/03/alcaravia.html>>. Acesso em: 24 abr. 2010.

ESPOSITO, T. M.; DEKORTE, C. J. Aromatherapy: art or science?: highlights of aromatherapy in medicine today. **InneettCCE**, Bartlett, v. 8, n. 8, 2004. Disponível em: <<http://www.inetc.com>>. Acesso em: 27 jan. 2009.

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 27-31, abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2009.

FAULSTICH, E. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGIA-RITERM, 6., 1998, Havana. **Actas...** Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv/enilde/documentos/HAVANA98.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

FAULSTICH, E. Variação terminológica: algumas tendências no português do Brasil. In: CABRÉ, M. T. **Cicle de conferencies 96-97**: léxic, corpus i diccionaris. Barcelona: IULA, 1997. p. 141-154. (Série Conferencies, 3).

FAULSTICH, E. **Variações terminológicas**: princípios lingüísticos de análise e método de recolha. Realiter, 1997. Disponível em: <<http://www.realiter.net/spip.php?article631>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

FELBER, H. **Manuel de terminologie**. Paris: UNESCO, 1984.

FERNANDES, F. **Dicionário brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Globo, 1970.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 1988.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 1986.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

FETT, M. S. **Extração de óleo essencial de citronela**. Disponível em: <<http://www.arteblog.net/citronela-2/extracao-de-oleo-essencial-de-citronela/>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

FINATTO, M. J. B. **Definição terminológica**: fundamentos teóricos metodológicos para sua descrição e explicação. 2001. 377 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FRANCISCO, S. G. **Uso do óleo de resina de copaíba**. *Femina*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 89-93, fev. 2005.

FRUBEL, A. C. M. **Glossário de neologismos terminológicos da saúde humana**: uma contribuição para a descrição do léxico corrente do português do Brasil. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

FRUIT. Disponível em: <<http://www.aroma-zone.com/aroma/he_us_fruite.asp>>. Acesso em: 21 mar. 2010.

FRUITY essential oils. Disponível em: <http://www.aroma-zone.com/aroma/he_us_fruite.asp>. Acesso em: 21 mar. 2010.

GARCEZ, P. C.; GAMBIRASIO, S. C. **O segredo das ervas**. In: Essencial: um guia prático para cuidar da saúde. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

GOIÁS. Secretaria da Saúde. **Terapias de medicina alternativa disponíveis no SUS**. Disponível em: <<http://www.saude.go.gov.br/index.php?idMateria=9321>>. Acesso em: 20 abr. 2010

GUBA, R. Toxicity myths the actual risks of essential oil use. *Aromatherapy Journal*, North Carolina, U.S.A, v. 13, n. 2, 2002/2003. Disponível: <http://www.naha.org/articles/toxicity_myths.htm>. Acesso em: 10 jan. 2008.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

HUILE essentielle de ravensara aromática. Disponível em: <<http://www.aroma-zone.com/aroma/ficheravensare.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

JESUS, A. M. R.; BARROS, L. A. A variação terminológica em português no domínio da dermatologia. **Signótica**, Goiânia, v. 17, p. 165-189, jul./dez. 2005.

JESUS, E. R.; BARIN, C. S.; ELLENSOHN, R. M. **Óleo essencial de melaleuca alternifolia**: otimização do método de análise. In: ENCONTRO DE QUÍMICA DA REGIÃO SUL, 15., 2007, Ponta Grossa. Disponível em: <<http://www2.unopar.br/quimica2/resumotrabalhorolimpl.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

JUNIPER berry essential oil information. Disponível em: <<http://www.essentialoils.co.za/essential-oils/juniper-berry.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

KERR, R. W. **Herbalismo**: o uso das ervas através dos tempos. Rio de Janeiro: Renes, 1982.

KRIEGER, M. G. Terminologia técnico-científica: seu papel no Mercosul. **Boletim da Abralin**, Curitiba, n. 24, fev. 2001. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/abralin/boletim/boletim24_tema02.html>. Acesso em: 25 abr. 2010.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, M. G. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 91-96, maio/ago. 2004.

LARA, M. G. **Elementos de terminologia**. São Paulo: USP, 2005. Apostila para uso didático.

LASZLÓ, F. **Aromalândia óleos essenciais**. [S.I.: s.n.], 2006.

LASZLO, F. **Guia de óleos essenciais de todo o mundo**. Disponível em: <http://www.cheirosdaterra.hd1.com.br/oleo_essencial_03.htm>. Acesso em: 31 maio 2010a.

LASZLO, F. **Mitti**: o sagrado aroma da terra. Disponível em: <<http://www.aromalandia1.hpg.ig.com.br/mitti.htm>>. Acesso em: 31 maio 2010b.

- LÁSZLÓ, F. **Óleos essenciais extraídos via CO2**. 2009. Disponível em: <<http://espacoflordocerrado.blogspot.com/2009/09/oleos-essenciais-extraidos-via-co2.html>>. Acesso em: 31 maio 2010.
- LASZLÓ, F. **Óleos essenciais**: extração. Disponível em: <<http://www.laszlo.ind.br/>>. Acesso em: 23 mar. 2009.
- LISTA de indicações de uso dos óleos essenciais. Disponível em: <http://www.cheirosdaterra.hd1.com.br/oleo_essencial_03.htm>. Acesso em: 2010
- LITSEA cubeba. Disponível em: <http://www.ferquima.com.br/o_essenciais/litsea.html>. Acesso em: 20 ago. 2010.
- LOIOLA, R. A era da negação. **Época na educação**, São Paulo, n. 4, p. 65, abr. 2010.
- LOSNA. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/losna/losna-5.php>>. Acesso em: 24 maio 2010.
- MALUF, S. **Caminho natural para a saúde**: apostila de protocolos de aromaterapia estética e bem estar. 2006.
- MARTINS, N. S. **Introducao a estilistica**: a expressividade na lingua portuguesa. São Paulo: T. A. Queiros, 1989.
- MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas**. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.
- MAXWELL-HUDSON, C. **Aromaterapia e massagem**. São Paulo: Vitória Régia, 2000.
- MEDICINA Alternativa X Medicina Complementar. 2009. Disponível em: <<http://jornadacontraocancer.blogspot.com/2009/05/medicina-alternativa-x-medicina.html>>. Acesso em: 25 abr. 2010.
- MEDICINA ALTERNATIVA. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Medicina_alternativa>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- MESSORI, S. **Rivendell aromatics**. Disponível em: <<http://www.rivendellaromatics.com/>>. Acesso em: 13 maio 2009.
- MORAIS SILVA, A. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v.
- MUSEU DEL PERFUM. **História de frascos de perfume e perfumaria**. Disponível em: <<http://www.museudelperfum.com/>>. Acesso em: 21 fev. 2009.
- NASCIMENTO, I. B. et al. Efeito de corte no óleo essencial de capim-santo. **Revista Ciência Agrônômica**, Fortaleza, v. 34, n. 2, p. 169-172, 2003.
- NASH, J. R. **Spanish-english-latin glossary of plant names**. Disponível em: <http://www.echotech.org/mambo/index.php?option=com_docman>. Acesso em: 10 jan. 2009.
- OBATA, R. **A linguagem das cem flores**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

ÓLEO de amêndoa doce. Disponível em: <http://www.campestre.com.br/oleo-de-amendoa_doce.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2010a.

ÓLEO essencial de abeto siberiano (siberian fir needle). Disponível em: <http://www.toqueativo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=176:abeto-siberiano-siberian-fir-needle&catid=77:oleos-essenciais&Itemid=153>. Acesso em: 20 ago. 2010b

ÓLEO ESSENCIAL. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93leo_essencial>. Acesso em: 20 abr. 2010.

ÓLEOS essenciais: métodos de extração. Disponível em: <<http://www.aromalandia1.hpg.ig.com.br/extracao.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

OREGANO essential oil information. Disponível: <www.essentialoils.co.za/essential-oils/oregano.htm>. Acesso em: 20 ago. 2010.

PAVEL, S. **O Pavel**: curso interativo de terminologia. Disponível em: <http://www.btb.termiuplus.gc.ca/didacticiel_tutorial/portugues/lecon1/indexe_p.html> Acesso em: 19 out. 2009.

PITANGA: a fonte natural de vitamina A. Disponível em: <www.millefrutti.com.br/millefrutti/.../Pitanga---a-fonte-natural-de-vitamina-A/->. Acesso em: 20 ago. 2010.

PLANTAMED. Petula pendula roth – Pétula. Disponível em: <http://fitoterapica.com.br/plantaservas/especies/Betula_pendula.htm>. Acesso em: 13 jun. 2010b.

PLANTAMED. Rosmarinus officinalis. Disponível em: <www.plantamed.com.br/plantas/especies/Rosmarinus_officinalis.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

PLANTAMED. **Vanilla planifolia** Jacks. ex. Andrews – **Baunilha**. Disponível em: <http://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Vanilla_planifolia.htm>. Acesso em: 13 jun. 2010a.

POCIECHA, Sherill. **Synergy**: a harmonia Four-Part. Disponível em: <<http://users.erols.com/sisakson/pages/synergy.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

QUINESSENCE AROMATHERAPY. **Carrier oils**. Disponível em: <http://www.quinessence.com/carrier_oils.htm>. Acesso em: 25 mar. 2009.

RAMIREZ, C. R. Ethnobotany and the loss of traditional knowledge in the 21st century. **Ethnobotany Research & Applications**, Connecticut, U.S.A., v. 5, 2007.

RAVENSARE. Disponível em: <www.aroma-zone.com/aroma/ficheravensare.asp>. Acesso em: 20 ago. 2010.

READER'S DIGEST. **Segredo e virtudes das plantas medicinais**. Lisboa: Lisgráfica, 1984.

RÉGIS, A. A cura pelo aroma. **Tribuna do Norte**, Natal, 14 set. 2008. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia.php?id=87116>>. Acesso em:

REMEMBERING Rosemary. Disponível em: <<http://www.dooyoo.co.uk/plants/rosemary/338584/>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

REY, A. **Essays on terminology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1996.

ROSE oil aromatherapy. Disponível em: <<http://www.bulgarianroseotto.com/roseoil-aromatherapy.html>>. Acesso em: 13 maio 2010.

SALGADO, A. P. S. P. et al. Bioatividade do óleo essencial de capim-limão (*Cymbopogon citratus*) sobre pulgão-da-couve *Brevicoryne brassicae* (L). In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 30., 2007, Águas de Lindóia – SP.

SANTOS, M. F. **Dicionário de filosofia e ciências culturais**. São Paulo: Matese, 1963.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. São Paulo: Objetiva, 2003. (Coleção Shakespeare).

SILVA, O. L. **Das ciências do léxico ao léxico nas ciências**: uma proposta de dicionário português-espanhol de economia monetária. 2008. 335 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara.

SOARES, J. L. **Dicionário etimológico e circunstanciado de biologia**. São Paulo: Scipione, 2005.

STATEMASTER. **History of Chemistry/Tapputi**. Disponível em: <<http://www.statemaster.com/encyclopedia/Timeline-of-chemistry>>. Acesso em: 23 fev. 2009.

TEMMERMAN, R. **Towards new ways of terminology description**: the sociocognitive approach. Philadelphia: John Benjamins, 2000.

THE SENSE of Smell. Disponível em: <<http://spamedx.blogspot.com/2009/11/sense-of-smell.html>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

TILEUL. Disponível em: <www.centre-aromatherapie.com/.../Aromatherapie/...tilleul/huile-essentielle-tilleul.html>. Acesso em: 21 ago. 2010.

TISSERRAND, M.; JÜNEMANN, M. **A magia e o poder da lavanda**: seus segredos e aplicações. São Paulo: Madras, 1999.

VANNILA. Disponível em: <http://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Vanilla_planifolia.htm>. Acesso em: 13 jun. 2010.

VARGAS, F. da S. et al. **Efeito antimicrobiano de diferentes concentrações do óleo essencial de *Cymbopogon citratus* em microrganismos da cavidade bucal**. Disponível em: <http://prope.unesp.br/xxi_cic/99_35084793826.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2010.

WHAT is a hydrosol? Disponível em:

<<http://www.mountainroseherbs.com/learn/whatishydrosol.html>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

WHITE LOTUS AROMATICS. **Jatamansi oil**. Disponível em:

<<http://www.whitelotusaromatics.com/newsletters/spikeupdate.html>>. Acesso em: 23 out. 2009.

WORMWOOD essential oil information. Disponível em:

<<http://www.essentialoils.co.za/essential-oils/wormwood.htm>>. Acesso em:

WORWOOD, S. **Aromaterapia um guia de A a Z para o uso terapêutico dos óleos essenciais**. São Paulo: Best Seller, 1995.

WORWOOD, V. A. **The complete book of essential oils & aromatherapy**. Novato-CA: First New World Library, 1991.

ANEXOS

ANEXO A - Fonte dos Textos que Compõem os Corpora

LIVROS

DAVIS, P. **Aromaterapia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAXWELL-HUDSON, C. **Aromaterapia e massagem**. São Paulo: Vitória Régia, 2000.

TISSERAND, M.; JÜNEMANN, M. **Lavanda seus segredos e aplicações**. São Paulo: Madras, 1999.

WORWOOD, S. **Aromaterapia um guia de A a Z para o uso terapêutico dos óleos essenciais**. São Paulo: Best Seller, 1995.

CORAZZA, S. **Aromacologia uma ciência de muitos cheiros**. São Paulo: Ed. do SENAC, 2002.

REVISTAS

Instituto Agrônômico IAC

Revista Pesquisa Fapesp e Sociedade Brasileira de Química

SITES DE AROMATERAPIA

Abeto Siberiano -

<http://www.toqueativo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=176:abeto-siberiano-siberian-fir-needle&catid=77:oleos-essenciais&Itemid=153>

Abundant Life Essentials - <<http://www.abundantlifeessentials.com>>

Aroma Essenciais - <<http://www.aromasessenciais.com.br>>

Aroma Zone Net - <www.aroma-zone.com>

Aromalandia - <<http://www.aromalandia1.hpg.ig.com.br/>>

Aromatherapie - <<http://centre-aromatherapie.com.>>

Arteblog - <<http://www.arteblog.net>>

Biblioteca Virtual em Saúde - <<http://regional.bvsalud.org/php/index.php>>

Bioessencia - <<http://www.bioessencia.com.br/inicial.html>>

Bojensen - <<http://www.bojensen.net/EssentialOilsEng/EssentialOils27/EssentialOils27.htm>>

Bysamia - <<http://www.bysamia.com.br>>

Campestre Ind. e Com. de Óleos Vegetais Ltda - <www.campestre.com.br>

Cheiro da Terra - <http://www.cheirosdaterra.hd1.com.br/oleo_essencial_03.htm>

Cosméticos Orgânicos Naturais - <<http://cosmeticosorganicosnaturais.blogspot.com/>>.
 Cotianet - <<http://www.cotianet.com.br/eco/HERB/>>
 De Rerun Natura - <<http://dererummundi.blogspot.com>>
 EMBRAPA - <<http://dendro.cnptia.embrapa.br>>
 Ervas e Insumos - <<http://ervaseinsumos.blogspot.com>>
 Espaço Flor do Cerrado - <<http://www.espacoflordocerrado.blogspot.com/.../oleos-essenciais-extraidos-via-co2.html>>
 Essencial Oils - <<http://essential-oil.com/es/page/16/>>
 Essencial Oils By Esoteric Oils - <<http://www.essentialoils.co.za/>>
 Geocities - <http://www.geocities.com/plantas_medicinais/>
 Herbario UEL - <<http://www2.uel.br/laboratorios/herbario/>>
 Herbarium Estudo Etnofarmacobotânico - <<http://www.aguaforte.com/herbarium/>>
 IBRATE - <<http://www.ibratescola.com.br>>
 Labdanum - <<http://labdanum-creta.blogspot.com/>>
 Linax - <<http://www.linax.com.br/>>
 Plantamed - <<http://www.plantamed.com.br/>>
 Portal São Francisco - <<http://www.portalsaofrancisco.com>>
 Portal Verde - <<http://www.portalverde.com.br>>
 Quinarí Casa das Essencias - <<http://www.quinari.com.br>>
 Qvidas - <www.qvidas.com>
 Tisserand - <<http://www.tisserand.com/>>
 Toque Ativo - <<http://www.toqueativo.com.br>>
 Verde Y Natural - <<http://www.verdeynatural.com.ar/>>
 Vida em Harmonia - <<http://vidaemharmonia.blogspot.com/>>
 White Lotus Aromatics - <<http://whitelotusaromatics.com>>

ARTIGOS

- ALMEIDA, R. N.; MOTTA, S. C.; LEITE, J. R. Óleos essenciais com propriedades anticonvulsivantes. **Boletim Latinoamericano y Del Caribe de Plantas Medicinales y Aromaticas**, Santiago-Chile, v. 2, n. 001, p. 3-6, 2003.
- CARDOSO, M. G. et al. **Óleos essenciais**. Disponível em: <http://www.editora.ufla.br/BolExtensao/pdfBE/bol_62.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2007.

- ERENO, D. Perfume de manjeriço. **Revista FAPESP online**, São Paulo, n. 120, 2006. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=2732ebd=1epg=1elg=>>>. Acesso em: 22 jun. 2007.
- GUBA, R. Toxicity myths the actual risks of essential oil use. **Aromatherapy Journal**, North Carolina, U.S.A, v. 13, n. 2, 2002/2003. Disponível: <http://www.naha.org/articles/toxicity_myths.htm>. Acesso em: 10 jan. 2008.
- JESUS, E. R.; BARIN, C. S.; ELLENSOHN, R. M. **Óleo essencial de melaleuca alternifolia: otimização do método de análise**. In: ENCONTRO DE QUÍMICA DA REGIÃO SUL, 15., 2007, Ponta Grossa. Disponível em: <<http://www2.unopar.br/quimica2/resumotrabalhoroliml.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- NASCIMENTO, I. B. et al. Efeito de corte no óleo essencial de capim-santo. **Revista Ciência Agronômica**, Fortaleza, v. 34, n. 2, p. 169-172, 2003.
- RAMIREZ, C. R. Ethnobotany and the loss of traditional knowledge in the 21st century. **Ethnobotany Research & Applications**, Connecticut, U.S.A., v. 5, 2007.
- SALGADO, A. P. S. P. et al. Bioatividade do óleo essencial de capim-limão (*Cymbopogon citratus*) sobre pulgão-da-couve *Brevicoryne brassicae* (L). In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 30., 2007. **Anais...**, Águas de Lindóia – SP.
- VARGAS F. S. et al. **Efeito antimicrobiano de diferentes concentrações do óleo essencial de *Cymbopogon citratus* em microorganismos da cavidade bucal**. Disponível em: <http://prope.unesp.br/xxi_cic/99_35084793826.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2010.